INTERNET OS ESTRAGOS QUE O CONTEÚDO DIGITAL DE BAIXA QUALIDADE PODE CAUSAR AO CÉREBRO

Abril 75

Editora ABRIL
edição 2951 - ano 58 - nº 27
4 de julho de 2025

veja

www.veja.com



RECAÍDA POPULISTA

Lula aposenta de vez a fantasia do "governo de união", retoma o discurso do "nós contra eles" e aposta na distribuição desenfreada de benefícios para resgatar a popularidade perdida e tentar a reeleição em 2026

ines249

DETRAN.RJ 50 ANOS

VOCÊ É NOSSO MOVIMENTO.

TECNOLOGIA E ATENDIMENTO INSPIRADOS EM VOCÊ.

O Detran.RJ está com você em todos os momentos. Na liberdade de sua primeira CNH e em serviços online cada vez mais ágeis para renovação, consultas e emissão de carteira digital. O Detran.RJ também investe em tecnologia e inclusão, oferecendo a primeira habilitação gratuita para PcD. E tem mais: identidade, registro e licenciamento de veículos, além de campanhas de educação e segurança no trânsito. Há 50 anos, tudo o que o Detran.RJ faz é pensando em você.

Saiba mais em detran.rj.gov.br

ines249

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES
SECRETARIA NACIONAL DE TRÂNSITO
BR

CARTEIRA NACIONAL DE HABILITAÇÃO/ DRIVER LICENSE/ PERMISO DE CONDUCCIÓN

2 e 1 NOME E SOBRENOME
ANTÔNIO CLAUDIO SOUZA
1ª HABILITAÇÃO
15/06/2003
3 DATA, LOCAL E UF DE NASCIMENTO
17/09/1985 RIO DE JANEIRO/RJ
4a DATA EMISSÃO
4b VALIDADE
ACC
D
4c DOC. IDENTIDADE/ ÓRG. EMISSOR/UF
000.000.000-00 DETRAN RJ
4d CPF
000.000.000-00
5 Nº REGISTRO
000.000.000-00
9 CAT. HAB
B
NACIONALIDADE
Brasileiro
FILIAÇÃO BRASILEIRA
AGNES SILVA
REGINALDO SOUZA
VÁLIDA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL
7 ASSINATURA DO PORTADOR

DETRAN.RJ



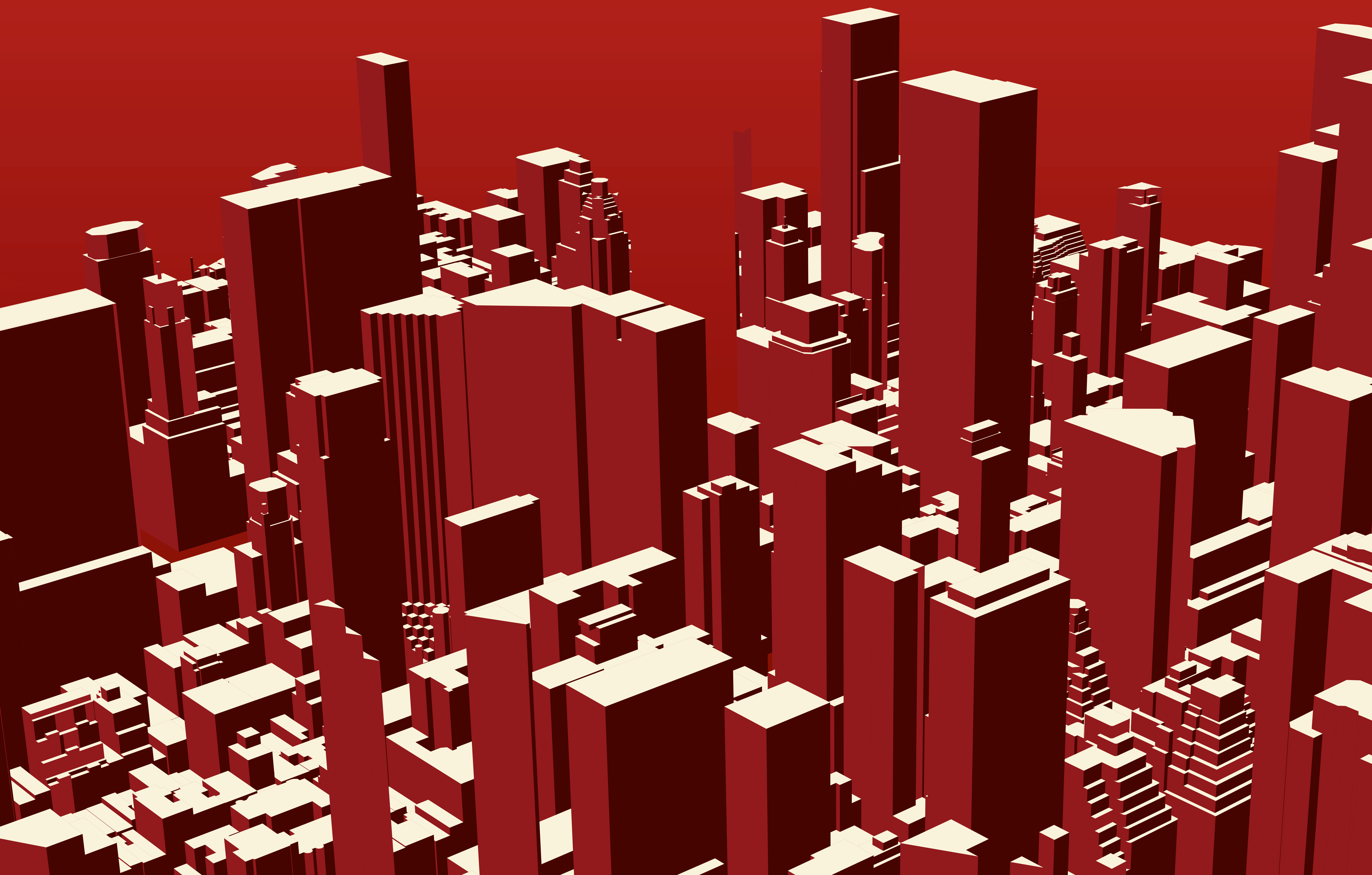
GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO
O TRABALHO NÃO PARA. É TODO DIA E É DE TODOS

ines249

FÓRUM veja

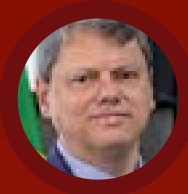
INFRAESTRUTURA

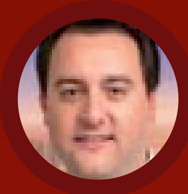
COMO AS CONCESSÕES PODEM MUDAR O BRASIL

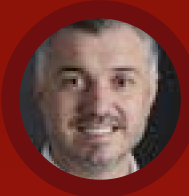


ines249

PALESTRANTES CONVIDADOS

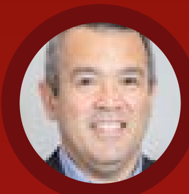

Tarcísio de Freitas
Governador de São Paulo

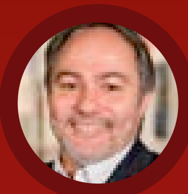

Ratinho Júnior
Governador do Paraná

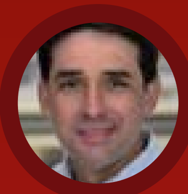

Vinicius Marchese
Presidente do CONFEA


Renan Filho
Ministro dos Transportes


Arnaldo Jardim
Dep. Cidadania-SP
Relator do PL 7063/17 na Câmara

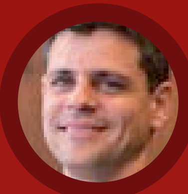

André De Angelo
Diretor-País Brasil da Acciona


Carlos Piani
Presidente da Sabesp


Silvio Costa Filho
Min. de Portos e Aeroportos


Claudio Frischtak
Fundador da consultoria Inter.B


Aloizio Mercadante
Presidente do BNDES


Bruno Funchal
CEO da Bradesco Asset Management

ALGUNS TEMAS QUE SERÃO ABORDADOS DURANTE O EVENTO

ABERTURA
O papel das concessões na melhoria da infraestrutura logística

PAINEL 01
As parcerias público-privadas nos estados

PAINEL 02
Como a legislação pode impulsionar as concessões e as PPPs

PAINEL 03
As fontes de financiamento para infraestrutura

PAINEL 04
A visão das empresas privadas sobre as oportunidades em infraestrutura

QUANDO?

18 DE AGOSTO
a partir de 8h

ONDE?

W SÃO PAULO
R. Funchal, 65

Acompanhe a transmissão ao vivo e a cobertura completa do evento pelos canais oficiais de Veja

 /vejanoinsta



ACESSE PELO SITE DE VEJA

  /veja

APOIO









REALIZAÇÃO






ines249



ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS
www.assineabril.com.br

VENDAS CORPORATIVAS E VENDAS EM LOTE:
assinaturacorporativa@abril.com.br

ATENDIMENTO EXCLUSIVO PARA ASSINANTES:
minhaabril.com.br

WHATSAPP: (11) 3584-9200

TELEFONES: SAC (11) 3584-9200

Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira, das 9h às 17h30

atendimento@abril.com.br



EDIÇÕES ANTERIORES
Todo acervo publicado de Veja está no App Veja. Baixe aqui





LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

LICENCIAMENTO DE MARCA
Para inserir as marcas do Grupo Abril em produtos e negócios, envie um e-mail para: licenciamento@abril.com.br

PARA ANUNCIAR NO ESPAÇO DIGITAL E IMPRESSO
e-mail: publicidade@abril.com.br

TRABALHE CONOSCO
https://talentosabril.vagas.solides.com.br



Fundada em 1950

Publisher: Fábio Carvalho

CEO e diretor de redação: Mauricio Lima



Diretor-adjunto: Sérgio Ruiz Luz

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano e Policarpo Junior

Editores-executivos: Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, Diogo Xavier Schelp, José Benedito da Silva, Marcela Maciel Rahal, Márcio Juliboni, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sérgio Roberto Vieira Almeida **Editora-assistente:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe Soderini Erlich, Heitor Vinicius Guimarães da Silva, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Marcelo Ribeiro Silva, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nathalia de Oliva Oliveira, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Nascimento Jordão, Pedro do Val de Carvalho Gil, Pedro Henrique Lenzi Pupulim, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Ribeiro Carvalho **Sucursais:** ***Brasília*** **— Chefe:** Policarpo Junior **Editores-executivos:** Daniel Pereira, Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro*** **— Chefe:** Monica Weinberg **Editor:** Ricardo Ferraz de Almeida **Repórteres:** Anita Prado, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima **Estagiários:** Bárbara Elen Bigas, Julia Sofia Silva, Leticia Viana Gabriel de Souza Yamakami, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Natalia Tiemi Hanada, Valentina Soares Rocha Alves **Arte — Diretor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

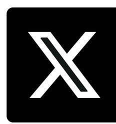
www.veja.abril.com.br



www.youtube.com/vejapontocom



Instagram: @vejanoinsta



X: @VEJA

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira, **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes, **DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **DIRETOR DE ASSINATURAS** Alberto Pirro, **GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e correspondência: 301 Usina – Av. Alcides Sangirardi, s/nº – Espaço C – Cidade Jardim, São Paulo, SP, CEP 05672-015

VEJA 2 951 (ISSN 0100-7122), ano 58, nº 27. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001







www.grupoabril.com.br

ines249

FALTA DE DIREÇÃO



RICARDO STUCKERT/PR

CRÍTICA
Lula e a *The Economist:* apesar das muitas viagens, diagnóstico de que ele é "incoerente no exterior"

The Economist

Weekly edition | The world in brief | War in the Middle East | War in Ukraine | United States | The world economy | Business | Artificial intelligence

The Americas | Faded dreams

Brazil's president is losing clout abroad and unpopular at home

Luiz Inácio Lula da Silva put Brazil on the map, but he hasn't adapted to a changed world

Save | Share | Give

ILLUSTRATION: LEHEL KOVÁCS

Jun 29th 2025 | 5 min read

ines249

EM SEUS DOIS primeiros mandatos, Luiz Inácio Lula da Silva surfou na popularidade alta no Brasil e no exterior. Lá fora, exemplo desse prestígio conquistado naqueles anos ocorreu em 2009, no G20 em Londres, quando o então presidente americano Barack Obama o elogiou de forma efusiva: "Esse é o cara!". Anos depois, em uma entrevista, Obama manteve o tom elogioso ao se referir a Lula ("tem o dom de se conectar com o povo brasileiro"), mas fez questão de dizer que não sabia das denúncias de corrupção na época em que classificou o "cara" como o político mais popular do planeta. O encanto se quebrou, portanto. Por causa disso, desde o primeiro dia de retorno ao Planalto, o petista deseja a todo custo recuperar o brilho perdido no cenário mundial. Ele já realizou mais de trinta viagens ao exterior, mas até agora colheu resultados pífios nessa estratégia, a despeito de todo o esforço no investimento de milhagem e do discurso ufanista.

O choque de realidade veio na forma de um artigo da respeitada revista britânica *The Economist,* que fez um balanço duro e preciso do saldo colhido por Lula dentro desse plano classificado por ele de "reposicionar o Brasil no cenário internacional". Segundo a reportagem em questão, o presidente é "incoerente no exterior" e "impopular no Brasil". O texto cita como exemplo a condenação do Itamaraty aos ataques de Israel e Estados Unidos contra o Irã, na direção contrária das posições adotadas pela maioria das democracias ocidentais. No cenário doméstico, a *The*

ines249

Economist lembra a queda de popularidade do petista registrada em pesquisas recentes. Difícil refutar esse conjunto de fatos, mas o governo brasileiro resolveu passar um recibo do incômodo provocado enviando uma carta em resposta à publicação, na qual argumenta que "Lula sustenta com coerência os pilares de democracia, sustentabilidade, paz e multilateralismo".

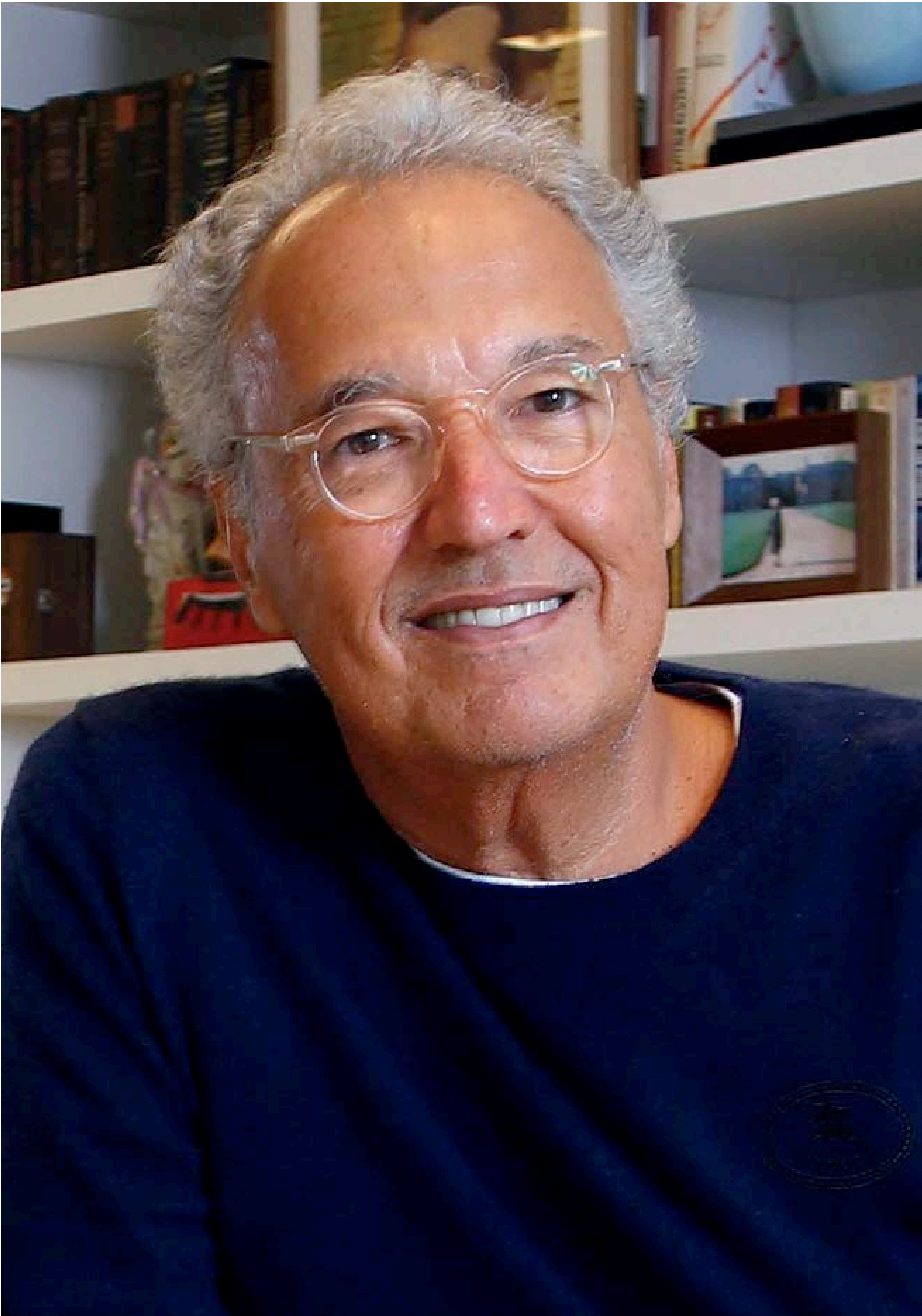
O episódio ilustra a total falta de foco da atual gestão petista, que resolveu brigar com a *The Economist,* enquanto lhe falta energia para encarar seriamente os grandes dilemas do país. O problema não está lá fora, está aqui dentro, sendo que o desgoverno só contribui para agravar a situação. Sem ideias novas, sem apoio no Congresso Nacional e sem um plano consistente para combater a inflação e o desarranjo das contas públicas, entre outras questões, parece ter restado a Lula engatar a marcha da recaída populista. Como mostra a reportagem "A volta do pai dos pobres", o petista vem recorrendo com frequência ao surrado bordão de que as dificuldades atuais ocorrem porque governa para pobres em um país no qual os ricos não querem abrir mão de seus privilégios. O discurso não passa de uma tentativa rasa de atribuir a outros seus problemas, sua ineficiência. Para quem deseja ficar mais quatro anos na Presidência, isso é muito pouco. O relógio corre contra ele, pois o atual mandato cada vez mais se aproxima da reta final. Gastar esse tempo brigando com críticas justas da imprensa é a melhor forma de desperdiçá-lo. ■

ines249

“A REVISTA IMPRESSA VAI VOLTAR COM TUDO”

Em entrevista especial pelos 75 anos da Abril, Nizan Guanaes fala sobre sua longa parceria com a editora, o impacto da publicidade nas páginas da VEJA e o valor atemporal das revistas

ANA CAROLINA PEREIRA


MARCELO NAVARRO

AOS 75 ANOS, a Abril inicia uma série de entrevistas com personalidades que ajudaram a escrever sua história — e que foram impactadas por ela. O primeiro convidado é o estrategista de comunicação e CEO da N Ideias, Nizan Guanaes, um nome que se confunde com a própria evolução da publicidade brasileira e que tem a Editora Abril marcada em sua trajetória. De conversas com Roberto Civita, o então diretor editorial do Grupo Abril, a campanhas icônicas para marcas como Parmalat e Itaú, veiculadas nas páginas das marcas Abril, Nizan fez e faz parte da editora como anunciante, parceiro e personagem. Atendeu a conta da Revista VEJA, criou anúncios memoráveis e acompanhou de perto os movimentos da imprensa brasileira. Nesta conversa, relembra momentos marcantes, celebra a reinvenção da editora e aposta: o impresso não só resiste, como pode voltar a liderar.

Para começar: quando sua história se encontra com a da Abril? Vou começar essa entrevista com a frase que o Roberto Civita sempre falava quando a gente se encontrava: “Are You Having Fun?”. Nós tínhamos uma relação profunda e de parceria. Eu comprava praticamente todas as quartas capas de VEJA, todas. Tudo que era de Parmalat, por exemplo, como os bichinhos da Parmalat, foi feito na base

ines249

principalmente de VEJA. Quando fiz a campanha do Fernando Henrique Cardoso, em 1994, toda sexta-feira à noite ia ansioso nas bancas para ver o que a VEJA ia publicar. Nessa época, eu e Duda Mendonça, inclusive, fomos capa da VEJA. E eu atendi a VEJA. Aqueles outdoors amarelos, nós criamos justamente para marcar que a revista estava nas bancas.

Uma história que é profissional, mas pessoal também, certo? É uma relação de muita história, seja comercial ou pessoal, de muita parceria. Toda vez que o Roberto tinha um projeto diferente, ele conversava comigo pessoalmente. A esposa dele, inclusive, pelo envolvimento que tínhamos, me deu boa parte da coleção de livros deles. Em breve, quero fazer uma biblioteca, porque gosto muito de ler, com o nome Roberto Civita.

Além da VEJA, o senhor já esteve presente muitas vezes nas páginas das revistas Abril. Alguma te marcou mais? Eu saí várias vezes na Exame entre os 50 maiores empresários do Brasil, o que para mim é um dos feitos mais importantes. Quando você sai na capa de uma revista como a Vejinha, compra um monte de exemplar, não tem jeito: manda para sua mãe, sua avó, sua tia. Não seja blasé. É um luxo, um dos maiores. Uma das coisas que mais me envaidece é que eu realmente mudei a cara do marketing político. Mas o que para mim foi mais importante foi uma matéria que o Elio Gaspari fez, dizendo "o Nizan está mudando a cara do marketing político". Estar sempre presente nas revistas de vocês é uma conquista.

Sendo um ávido leitor, o senhor tinha ou tem alguma revista favorita? Eu tenho uma relação profunda com a Capricho. Eu herdei de Washington Olivetto a visão sobre observar tudo que está no pulso do povo. E a Capricho cumpre esse papel. Havia também muita relação com Placar, Playboy. Eu dei uma entrevista para a Playboy que me persegue a vida inteira. Há muitos anos, eu falei para o Juca Kfouri que eu queria ser prefeito de Salvador. Eu não consigo me desligar dessa frase, que era uma frase totalmente romântica, não tem nada a ver com minha vida. Então, as revistas tinham um impacto no povo mesmo, mexiam com o país.

O que temos que compreender sobre o futuro é: onde estiver todo mundo indo, não vá. O que estiver todo mundo pensando, duvide. Quando o mundo faz "zigue", precisamos fazer "zague".

O senhor está se referindo às revistas impressas, certo? A Abril tem nove marcas nas bancas. Qual é a sua visão sobre as transformações vindas da digitalização e a valorização do impresso? Eu tenho um amor pela revista. E eu vou bancar a aposta de que a revista impressa vai voltar com tudo. As pessoas adoram falar que a revista acabou. Eu não conheço uma marca que não tenha a sua própria revista. Então, isso merece uma reflexão. Não, a revista não acabou. O que talvez tenha acontecido foi uma mudança de modelo de negócio. E a presença da revista na mão das marcas mostra claramente que o consumidor gosta de ter essa revista na mão, de ter essa experiência. O que temos que compreender sobre o futuro é o seguinte: vá nas outras fontes, vá em outros lugares. Onde estiver todo mundo indo, não vá. O que estiver todo mundo pensando, duvide. Quando o mundo faz "zigue", precisamos fazer "zague".

O senhor acha que a Editora Abril, no geral, está caminhando para o futuro? Sim, porque eu acho importante o que está acontecendo na Abril. Tem um empreendedor à frente, um espírito irrequieto. Para mim, o mundo é dos que pensam no novo formato. E, aliás, o que vocês estão fazendo hoje é um sinal de empreendedorismo também. Estamos fazendo a entrevista em vídeo, no impresso, no on-line e falando sobre o passado, mas também sobre o futuro. Esta (minha) empresa aqui é uma revolução também. Porque eu vi claramente que o grande problema da publicidade eram empresas enormes, com mil funcionários. Ora, quando você tem custo, você não tem independência para dizer não. A N Ideias, hoje, tem um line-up: Itaú, Havaianas, iFood, Sabesp, Arcelormittal, JHSF. Eu quero seis, sete, oito clientes, para que eu possa me dedicar para valer. E a Abril seguiu o mesmo caminho.

E como é fazer parte da celebração dos 75 anos de história da Abril? Acho maravilhoso, quero dar parabéns, quero dividir meu entusiasmo com essa estâmina do que vocês estão fazendo e quero dizer a vocês que sejam confiantes de lutar contra a maré, porque o mundo é de quem luta contra a maré. Então isso é um espetáculo, eu fico feliz com o que está sendo feito aqui. Me emociona.

ines249

DM9

JHSF
SURPREENDENTE

O EMPREENDIMENTO ÚNICO COM AMENITIES INÉDITOS E A EXPERIÊNCIA COMPLETA DO TÊNIS EM QUADRAS DE USO EXCLUSIVO.

4
QUADRAS DE TÊNIS DE SAIBRO:
2 COBERTAS E
2 DESCOBERTAS

6
QUADRAS RÁPIDAS:
3 DE TÊNIS COBERTAS
1 DE TÊNIS DESCOBERTA
2 DE PICKLEBALL

1
QUADRA DE TÊNIS DE GRAMA DESCOBERTA

1
QUADRA DE BEACH TENNIS DESCOBERTA

GRAND LODGE RESIDENCES.
A EXPERIÊNCIA COMPLETA DO TÊNIS.

BOA VISTA
VILLAGE
GOLF · SURF · TÊNIS · EQUESTRE · TOWN CENTER

SAIBA MAIS



VISITE O SHOWROOM • VENDAS: 11 3702.2121 • 11 97202.3702 • atendimento@centraldevendasfbv.com.br

ines249



CLÁUDIO REIS

A DOUTRINA MUDOU

O chefe da PRF rechaça a pecha de polícia bolsonarista, reconhece que o discurso extremista seduz setores da instituição e defende, como remédio, mudanças na formação dos agentes

LARYSSA BORGES

FERNANDO OLIVEIRA mal havia tomado posse como diretor-geral da Polícia Rodoviária Federal quando as sedes dos Três Poderes em Brasília foram invadidas por manifestantes no dia 8 de janeiro de 2023, data que a Procuradoria-Geral da República pontua como o capítulo final da tentativa do ex-presidente Jair Bolsonaro de dar um golpe de Estado no país. Tida por muitos como a mais bolsonarista das forças policiais, àquela altura a PRF estava envolvida em suspeitas de que havia direcionado operações para dificultar que eleitores petistas pudessem votar no segundo turno — uma interferência criminosa no processo eleitoral, de acordo com a ação que tramita no Supremo Tribunal Federal. Encarregado de fiscalizar 70 000 quilômetros de rodovias federais e comandar um efetivo de 13 000 agentes, Oliveira diz que assumiu o posto no pior momento da história da instituição. Alguns setores da PRF, segundo ele, haviam sido cooptados pela pregação radical. Em entrevista a VEJA, o diretor-geral, porém, rechaça a pecha de "polícia bolsonarista", defende a ampliação dos poderes da corporação, como propõe o governo, e afirma que o discurso raso sobre segurança é um mal a ser combatido.

É uma boa ideia ampliar a área de atuação da Polícia Rodoviária Federal e incluir entre suas atribuições a fiscalização de ferrovias e o combate ao tráfico de drogas em rios? A PEC da Segurança é um enfrentamento de muita coragem do ministro da Justiça. Nitidamente falta à União uma polícia ostensiva que possa estar presente em todos os lugares do país.

Hoje a Polícia Federal faz o serviço de polícia judiciária, mas a polícia ostensiva da União, que somos nós, cuida das rodovias. Sei que existem críticas de outras corporações, que veem nessa medida perda de espaço, de poder. Mas é preciso acabar com as vaidades desnecessárias. Segurança pública não se faz com uma instituição sozinha.

O projeto apresentado pelo ministro da Justiça tem sido muito criticado por não apresentar medidas concretas para diminuir os índices de criminalidade. A PEC propõe que existam diretrizes centrais. Hoje não há sequer os mesmos critérios em cada estado para classificar crimes de homicídio, por exemplo. A informação é o que faz a polícia funcionar — inteligência, tecnologia e, sim, presença física, mas as duas primeiras é que definem quão eficiente ela será. No caso da criminalidade urbana, não consigo enxergar uma solução rápida. E as solu-

“Bolsonaro foi a alternativa para quem acreditava que a polícia é injustiçada, que a sociedade não gosta da polícia e que direitos humanos só servem para bandido”

ções falaciosas, que prometem resolver com rapidez, na verdade agravam o problema. Quando se começa a propagar que a polícia tem que partir para um combate mais violento, terminamos por perder o próprio controle sobre o ente policial. O incremento do crime não pode ser o perdimento das instituições.

Algo poderia ter sido diferente no dia 8 de janeiro de 2023 se a PRF já atuasse como polícia ostensiva da União? Teríamos informações de inteligência da Polícia Militar para fazer uma estratégia de atuação diferente, aumentando o policiamento, atuando junto ao GSI e junto à própria PM. Uma ação integrada poderia no mínimo ter dificultado muito a ação daqueles vândalos. Na época, tínhamos — e ainda temos — várias limitações. Eu, por exemplo, era o único dirigente da PRF nomeado naquele momento e meu corpo de diretores sequer existia. Poucos dias antes do 8 de Janeiro, tínhamos a informação de que viria apenas um ônibus a Brasília. Depois esse número foi crescendo — passou para sessenta e em seguida para 100. Não havia justificativa jurídica para impedir a entrada dos ônibus na cidade.

Mas essa movimentação atípica não chamou atenção? Instalei um gabinete de crise para fazer a prevenção de um possível ato que terminou se consumando no dia 8. Os ônibus que estavam vindo para Brasília foram fiscalizados, mas não foram parados porque não havia ilegalidade. Antes da posse do presidente Lula, eu havia supervisionado o planejamento para garantir a estrutura de segurança do evento. Havia receio de algu-

ma manifestação, de algum protesto. Depois dessa primeira etapa, imaginava-se que a ameaça tinha acabado.

Antes do senhor, foi indicado para assumir a direção da PRF um policial que não chegou a tomar posse porque se soube que ele havia comemorado nas redes sociais a prisão do presidente Lula. Seu antecessor, Silvinei Vasques, está no banco dos réus acusado de participar da trama golpista. Por que a PRF se politizou tanto? O campo progressista deixou de discutir segurança pública durante muito tempo. Bolsonaro foi a alternativa para quem acreditava que a polícia é injustiçada, que a sociedade não gosta de polícia e que os direitos humanos só servem para bandido. Mas, ao contrário do que dizem, não somos a polícia mais bolsonarista. Basta observar um detalhe: quem era o ministro da Justiça no governo passado? Um delegado federal. Quem era o diretor-geral da Abin no governo passado? Outro delegado federal.

Quer dizer que a Polícia Federal, em sua avaliação, é a corporação mais bolsonarista? Não é isso. Se fizermos uma enquete em qualquer meio policial, não tenho dúvida que vai ter muita gente ligada à extrema direita que se encantou pelo discurso de que vivemos em guerra. Esse encantamento rodou não só na Polícia Rodoviária Federal ou na Polícia Federal, mas em todas as estruturas de polícia e também dentro do Congresso e na sociedade. O policial é parte da sociedade, ele não surge do nada. Não existe uma polícia mais ou menos bolsonarista.

Como a instituição se sente tendo um colega que atingiu o nível mais alto da hierarquia preso e na iminência de ser condenado? Para mim, se um agente do Estado treinado pelo Estado, fardado e armado pelo Estado faz alguma ação contra a lei, isso é ainda mais reprovável do que o bandido que não teve as possibilidades que esse agente teve. Assumi a PRF no pior momento histórico da instituição. Eu tinha alguns meses de gestão quando, por exemplo, o decano do STF publicou uma postagem no X dizendo que a existência da PRF tinha que ser repensada. Imagina se dissessem para você que a existência da imprensa tinha que ser repensada? É no mínimo constrangedor.

É possível isolar a corporação da política partidária? A maneira de proteger a minha instituição é dar transparência a todas as ações, inclusive liberdade para a investigação de quem quer que seja. A gente não vai passar pano para nada, mas estamos enfrentando resistências. Tenho embates internos até hoje. Um exemplo foi minha ordem de transferir a academia de formação da PRF de Santa Catarina para Brasília. Além da questão administrativa, que é o que me levou a tomar essa decisão, a gente não pode deixar de reconhecer que, sim, o estado de Santa Catarina é um núcleo de atuação muito forte da extrema direita.

A operação de fiscalização que a PRF fez no segundo turno das eleições de 2022 em locais com maior incidência

de eleitores do PT é justificável de algum modo? O padrão daquela operação só existiu naquela operação. Historicamente definimos nossa atuação durante todo o calendário eleitoral — quantos policiais estarão disponíveis e o que eles vão fazer, que é garantir o fluxo da rodovia e a segurança de quem transita. Trabalhei com a ministra Cármen Lúcia na última eleição de prefeito e pedi a ela que fosse determinada uma proibição temporária de retenção de veículo se isso não representasse ameaça à segurança. Blitz no dia da eleição não é cabível.

É possível impedir ações truculentas, como a morte daquele homem que foi asfixiado em uma viatura da corporação? Esse discurso radical que existia na PRF pode ter influenciado a conduta daqueles policiais. Policiamento não é a eliminação do inimigo. Temos que proteger o cidadão, inclusive o que co-

“Temos que proteger o cidadão, inclusive o que comete o crime. Discursos como ‘bandido bom é bandido morto’ fulminam a estrutura civilizada do Estado”

mete o crime. Discursos como "bandido bom é bandido morto" fulminam a estrutura civilizada do Estado. É muito ruim acreditar que, se o bandido cresceu na violência, a gente tem que crescer também. Se isso existir como prática, acaba a razão de existir da polícia.

Como conciliar o combate ao crime e o respeito aos direitos humanos? O que dá limite para tornar legal a atuação do policial é justamente o respeito às leis. Sem uma formação adequada sobre direitos humanos na academia, o policial tem a impressão de que pode tudo e acha que há razão em jogar uma pessoa ponte abaixo, por exemplo. A segurança pública como um todo precisava bater o tempo inteiro na mesma tecla: se a polícia atuar fora do limite legal não é mais polícia, é grupo de extermínio, é milícia. A polícia é órgão de proteção da sociedade. Jamais alguém pode olhar um policial e ter medo dele. Se tiver, está errado. Isso tem que ser ensinado na academia.

E está sendo? O cidadão vai perceber essa mudança quando for abordado numa rodovia. Sou contra cursos de polícia em que se treina o policial comendo comida no chão, sofrendo agressões desnecessárias. O que estão tentando fomentar na cabeça dele? Que quando sair dali ele tem que ser rude, grosseiro, porque quem ele admira, que é o instrutor dele, o fez passar por tudo aquilo. Não podemos cair nessa balela de ter paridade de armas entre segurança pública e bandido,

porque bandido é bandido, bandido não precisa ter limite nenhum. Repito: muitos dos desvios de policiais nascem desse conceito de “bandido bom é bandido morto”. Policial não pode nem cogitar isso. Nos igualarmos a eles seria o caos, seria guerra civil.

O senhor chegou ao cargo prometendo câmeras corporais em todos os 13 000 policiais rodoviários federais. Por que isso ainda não foi feito? A sociedade fala sempre que a câmera seria uma espécie de corregedoria eletrônica para controlar a ação policial. Eu entendo que não é isso. Ela é um elemento de proteção da atividade policial. É muito melhor para o policial que ele tenha a imagem do que aconteceu para evitar distorções. Muitas vezes as únicas pessoas presentes na ocorrência são o agente e o cidadão. A câmera ajuda a mostrar exatamente o que aconteceu. Infelizmente, o processo de compra está mais atrasado do que eu gostaria.

O senhor, como deu para perceber, é crítico da politização das polícias. Tirar uma foto caracterizado como Fidel Castro não contradiz esse discurso? Aquilo foi uma brincadeira dentro do meu apartamento. Nunca escondi meu viés ideológico como cidadão, mas como diretor-geral jamais permito qualquer coisa desse tipo para não contaminar a instituição. Fora daqui, tenho o direito de me posicionar politicamente e defender o modelo de Estado que melhor se coaduna com o que acredito ser o melhor para o país. ■

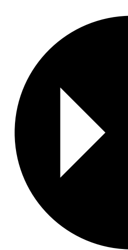
ines249

IMAGEM DA SEMANA

A EUROPA SOB UM ALERTA VERMELHO



O VERÃO no Hemisfério Norte mal começou e já dá mostras de poder vir a ser o pior da história. Os países europeus começaram a semana sob os efeitos de uma onda de calor implacável, associada a sistemas de alta



THIBAUD MORITZ/AFP

ines249

pressão que empurram um ar quente para baixo. Na terça-feira 1º, a França inteira fervia sob temperaturas por volta de 40 graus. “Não há precedentes”, disse Agnès Pannier-Runacher, ministra de Transição Ecológica. Aulas foram suspensas nas escolas e, **sob o céu vermelho do entardecer, a Torre Eiffel, escaldante estrutura de ferro forjado, fechou mais cedo o nível superior e recomendou aos turistas que só voltassem dois dias depois.** A Grécia teve de impedir o acesso a atrações turísticas ao ar livre para incentivar os visitantes a fugir da exposição ao sol, enquanto no Reino Unido os maiores tenistas da atualidade padeciam para competir no tradicional torneio de Wimbledon. Um estudo publicado pela renomada *Nature* em janeiro alertou que, até o fim do século, 2,3 milhões de pessoas podem morrer em decorrência do calor na Europa, o continente onde o aquecimento global é mais acelerado. Na Espanha (50 graus) para uma conferência, o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, que constantemente alerta para os perigos das mudanças climáticas, postou no X estar sentindo os efeitos dos termômetros inclementes na pele. “O calor extremo não é mais um acontecimento raro. Tornou-se o novo normal”, escreveu ele, no alvorecer de um verão abrasador como nunca se viu. ■

Paula Freitas

ines249

SEM MEDO DA FANTASIA

O ator de 31 anos fala sobre o desafio de dar vida ao Homem de Aço no novo filme da franquia, analisa como o gênero pode resgatar sua força e enaltece o caráter do herói da DC Comics



MINDY SMALL/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

PODEROSO O astro americano: "Minha ficha só caiu quando vesti o traje no set"

Na contramão dos anti-heróis da Marvel, esse Superman repaginado é um herói exemplar que existe em cores vibrantes. Por que o público de hoje precisa de um tom como esse? Todo tipo de herói é necessário. Para mim, é uma

ines249

verdadeira alegria acompanhar as abordagens que personagens icônicos receberam ao longo dos últimos dez ou quinze anos. São mitos abundantes, ideais para se explorar na tela. Eu e *(o diretor)* James Gunn nos sentimos animados com tramas positivas, do tipo que enchem o espectador de entusiasmo — e, talvez, deem vontade de voltar para a fila e ver o filme mais uma vez. É importante levar o personagem a sério e explorar todas as suas possibilidades. Não vemos problema, inclusive, em terminar o enredo com alto-astral.

Qual foi o conselho mais essencial de Gunn durante o processo? Ele me disse para focar na humanidade do personagem, o que talvez tenha sido a direção mais importante que recebi. Superman é do bem. Ele quer o melhor para as pessoas da Terra, para seus amigos e para seus entes queridos — ou até para seus inimigos. Ele não deseja que Lex Luthor cumpra seus objetivos, claro, mas enxerga bondade dentro do vilão.

Parte do que faz o Superman icônico é seu traje inconfundível. Como foi vesti-lo pela primeira vez? Minha versão é diferente das anteriores, mas, obviamente, existem elementos constantes. O processo de construção do traje é incrivelmente complicado e levou meses. A roupa estava bem apertada na primeira vez que a provei, porque foi feita com base nas medidas que tinha antes de treinar para o papel. Ela também estava em retalhos, então pude acompa-

ines249

nhar o processo de finalização. Minha ficha só caiu quando a vesti no set, com todas as partes, e vi a reação dos outros. A capa realmente é o toque final.

Sente diferença no tratamento nas ruas por causa da exposição com o Superman? Ainda não mudou tanto, mas estou animado para o lançamento do filme.

Costuma-se apontar a fadiga do público como motivo para o fracasso de certos filmes de super-herói recentes. Como essa produção busca driblar o cansaço? Nossa versão não enxerga a fantasia ou a energia desse universo com receio. O mundo que criamos é cheio de heróis, meta-humanos e cientistas malucos que competem por território — o Superman, claro, é o mais poderoso deles e está no topo da cadeia alimentar. James Gunn ama quadrinhos, foi com eles que aprendeu a ler, que cresceu. Esse laço fica transparente na tela.

Essa é a primeira adaptação do personagem para o cinema que traz Krypto, o supercão. Como foi trabalhar com o melhor amigo do Super-Homem? É ótimo trabalhar com cães, porque eles estão sempre felizes dentro do set e se exaltam ao ver novas pessoas. Eles também nunca reclamam. São um ótimo exemplo para nós, os atores humanos. ■

Thiago Gelli

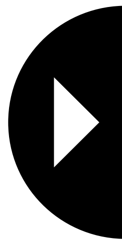
ines249

SJÖBERG BILDBYRÅ/ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES



INSPIRAÇÃO? Olofsson: na origem da expressão "síndrome de Estocolmo"

A AFEIÇÃO PELO CRIMINOSO

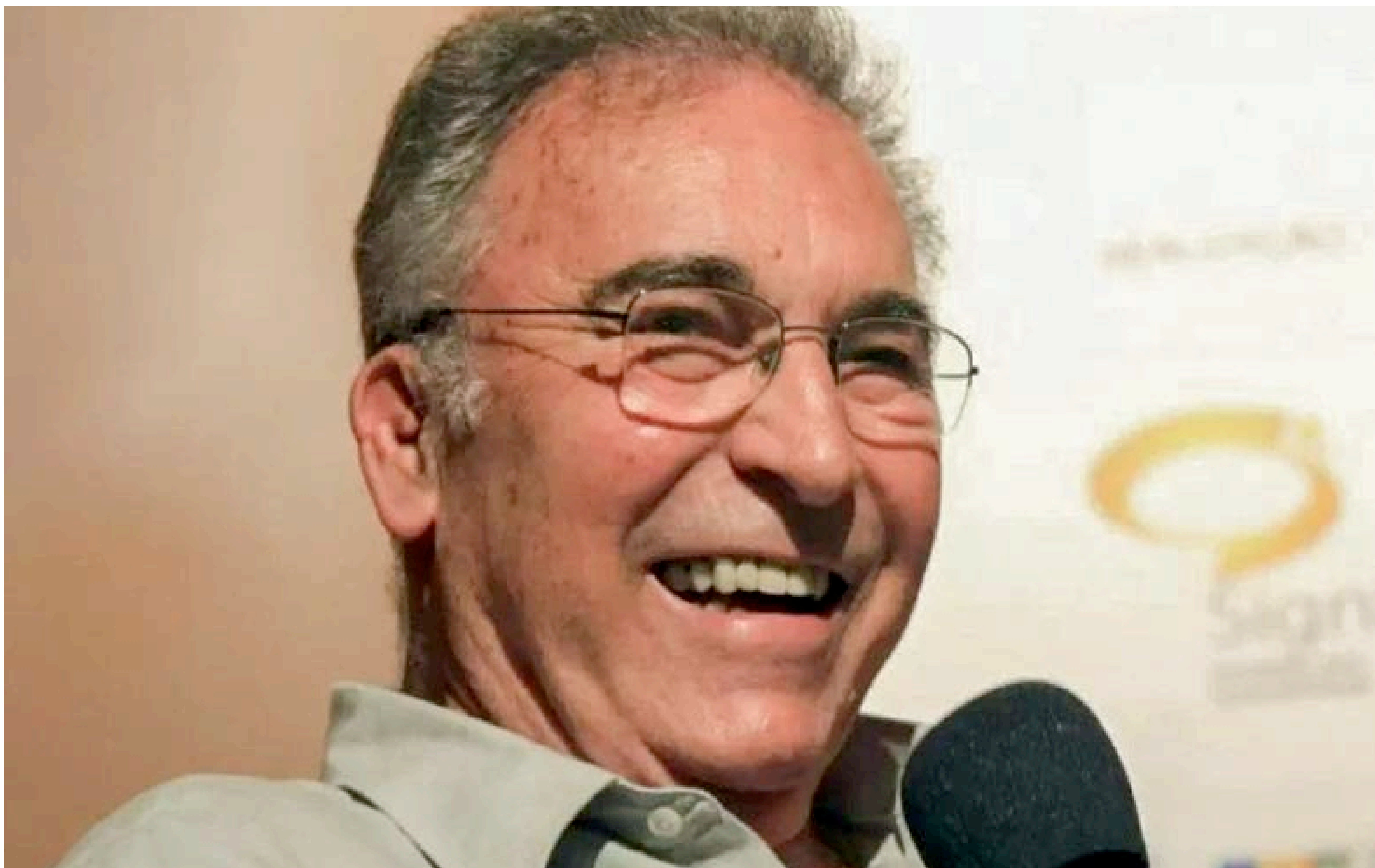




A síndrome de Estocolmo é uma dinâmica psicológica na qual a vítima de um sequestro, mantida refém, desenvolve vínculos e simpatia em relação ao algoz. Embora rara — segundo estudo do FBI, em apenas 8% dos casos dá-se essa estranha intimidade —, a expressão ganhou imensa popularidade, sobretudo em filmes e séries. Ela nasceu de um episódio de 1973, na Suécia: um assalto a banco em que quatro funcionários ficaram à mercê dos bandidos dentro de um cofre. Uma das vítimas, em telefonema para o primeiro-ministro ao longo das negociações policiais, solicitou que autorizassem os agressores a deixar a instituição bancária e que ela pudesse ir com eles.

Não demorou para que uma psiquiatra forense criasse a hoje famosa definição. O larápio pelo qual se criou alguma afeição foi **Clark Olofsson,** que passou parte da vida na cadeia, envolvido em tentativa de homicídio, tráfico de drogas e agressão. Preso, ele conseguiu se formar em jornalismo. Nos períodos em que conquistava liberdade, para então voltar a ficar atrás das grades, desfilava em carrões e roupas refinadas. Ele foi libertado pela última vez em 2018. Morreu em 24 de junho, aos 78 anos, de causas não reveladas.

ines249


DIVULGAÇÃO

BATE-BOLA Ruy Carlos Ostermann: fama na Copa de 1982, pela TV Globo

O PROFESSOR DE FUTEBOL

Antes das facilidades autorizadas pelo computador, antes da explosão dos treinadores preparados a enxergar o futebol com inteligência tática, o escritor e comentarista gaúcho **Ruy Carlos Ostermann** — o “professor”, como o chamavam — enxergava o futebol com olhar moderno, de quem sabia estudar as posições em campo e, desse olhar, imaginar os caminhos de cada jogo. Embora já fosse muito conhecido no Rio Grande do Sul, ganhou destaque nacional no programa *Bate-Bola,* comandado por Armando Nogueira durante a Copa de 1982, na TV Globo. Ostermann morreu em 27 de junho, aos 90 anos, em decorrência de uma pneumonia.

ines249

O MAGO DAS TRILHAS

Imagine estar perambulando por aí e, ao fundo, escutar a música-tema da série de televisão, depois levada ao cinema, *Missão: Impossível* (1966). De imediato haverá a sensação de suspense e perigo. A peça foi criada pelo arranjador e compositor argentino radicado nos Estados Unidos **Lalo Schifrin,** que compôs também a trilha de outros clássicos de aventura, como *Bullitt* (1968) e *Perseguidor Implacável* (1971). Para além do cinema, ele foi colaborador frequente de mestres da Bossa Nova. Em 2019 ganhou um Oscar honorário pelo conjunto da obra. Morreu em 26 de junho, aos 93 anos.



ROBYN BECK/AFP

SUCESSO Schifrin: compositor do tema clássico de *Missão: Impossível*

ines249


CINDY KARP/GETTY IMAGES

TELEVANGELISTA Jimmy Swaggart: escândalo sexual o forçou a sair de cena

A RUÍNA DO PASTOR

Nos anos 1950, o pastor americano **Jimmy Swaggart** começou a transmitir seus sermões pela televisão, tornando popular uma nova modalidade — o televangelismo. Ao longo de duas décadas de atividade, seu programa matinal chegou a ser transmitido em mais de 100 países, inclusive no Brasil, com arrecadação de mais de 140 milhões de dólares anuais. Em 1988, envolvido em um escândalo sexual, ao ser fotografado com uma prostituta, entrou em decadência e saiu de cena, forçado a abandonar a Assembleia de Deus. Morreu em 1º de julho, aos 90 anos. ■

ines249



“A grande dificuldade está aí: censura é proibida constitucionalmente, eticamente, moralmente, e eu diria até espiritualmente. Mas também não se pode permitir que estejamos numa ágora em que haja 213 milhões de pequenos tiranos soberanos.”

CÁRMEN LÚCIA, ministra do STF, ao comentar a decisão de responsabilizar judicialmente as empresas donas de redes sociais por conteúdos publicados por usuários

ANTONIO AUGUSTO/STF

ines249

“Nos meus sonhos eu os vejo *(os jovens)* e fico preocupado com eles. Por quê? Porque assim que eu deixar eles, no dia em que eu partir, eles não estarão bem. Eles estão mais aprendendo ritmos da cultura dos brancos — e esquecendo a nossa.”

RAONI METUKTIRE, cacique caiapó e maior liderança indígena do Brasil

“Continuaremos a ser um país livre, independente e soberano.”

JEANNETTE JARA, do Partido Comunista, escolhida como a candidata da coalizão de esquerda no Chile para tentar a sucessão de Gabriel Boric. As eleições presidenciais ocorrem em 16 de novembro

“Fiquei muito desiludido com a posição do presidente Lula e do Brasil.”

JOSÉ MANUEL DURÃO BARROSO, ex-primeiro-ministro de Portugal e ex-presidente da União Europeia, ao criticar o apoio brasileiro a Vladimir Putin na guerra contra a Ucrânia

“Estou fazendo muitos filmes e não tenho planos, nunca, de me aposentar.”

STEVEN SPIELBERG, 78 anos, ao dizer que sonha ainda em dirigir um faroeste

“Dedicarei o resto de minha vida ao benefício dos outros, tanto quanto possível, durante o tempo que for possível.”

DALAI LAMA, de 90 anos, líder do budismo no Tibete. Recentemente ele admitiu haver sucessão, de alguém nascido na Índia ou na China, atalho para uma crise. As autoridades chinesas não reconhecem a autonomia tibetana

“A pior ideia já implementada no futebol. Entendo quem diga que o dinheiro *(recebido)* para participar é uma loucura. Mas isso não acontece com todos os clubes. (...) No ano passado, houve a Copa América e a Eurocopa. Neste ano, temos a Copa do Mundo de Clubes e, no ano que vem, teremos a Copa do Mundo. Isso significa que não há recuperação real para os jogadores envolvidos, seja física, seja mental.”

JÜRGEN KLOPP, treinador de futebol, agora em período sabático

"Acho que o ator tem que sonhar. Se ele não sonhar, não consegue fazer os outros sonharem."

ANTONIO FAGUNDES, de volta à televisão na série infantil *Mundo da Lua,* na TV Cultura

"Eu sempre soube que era capaz, não estou na Fórmula 1 por acaso. Estou aqui porque quero vencer um dia, não vou ficar feliz porque marquei alguns pontos, sabe?"

GABRIEL BORTOLETO, piloto brasileiro, ao marcar seus primeiros 4 pontos na categoria

"Eu gosto de ficar livre. Porque, se você faz e entra para o movimento, tem a roupa, tem o cabelo, tem o estilo, tem a palavra, tem o ritmo, o tipo de música, o comportamento. Tudo isso vai aprisionando."

MARIA BETHÂNIA, ao explicar por que não aderiu ao Tropicalismo, do irmão Caetano

"Meu papel mais importante agora é ser mãe."

EVA MENDES, atriz americana, mãe de duas filhas, de 11 e 9 anos, com o ator Ryan Gosling. O filme mais recente de Eva é *Rio Perdido,* de 2014

mes249



“Pois é... Botei um M no meu nome; porque harmonia mesmo é andar de acordo com o coração... M de Maira, minha mãe.”

CAROLINA DIECKMMANN, atriz, agora repleta de consoantes. Nas redes sociais ela foi muito criticada pela mudança baseada na “numerologia”

INSTAGRAM @LORACAROLA

ines249



FERNANDO SCHÜLER

O GRANDE ERRO

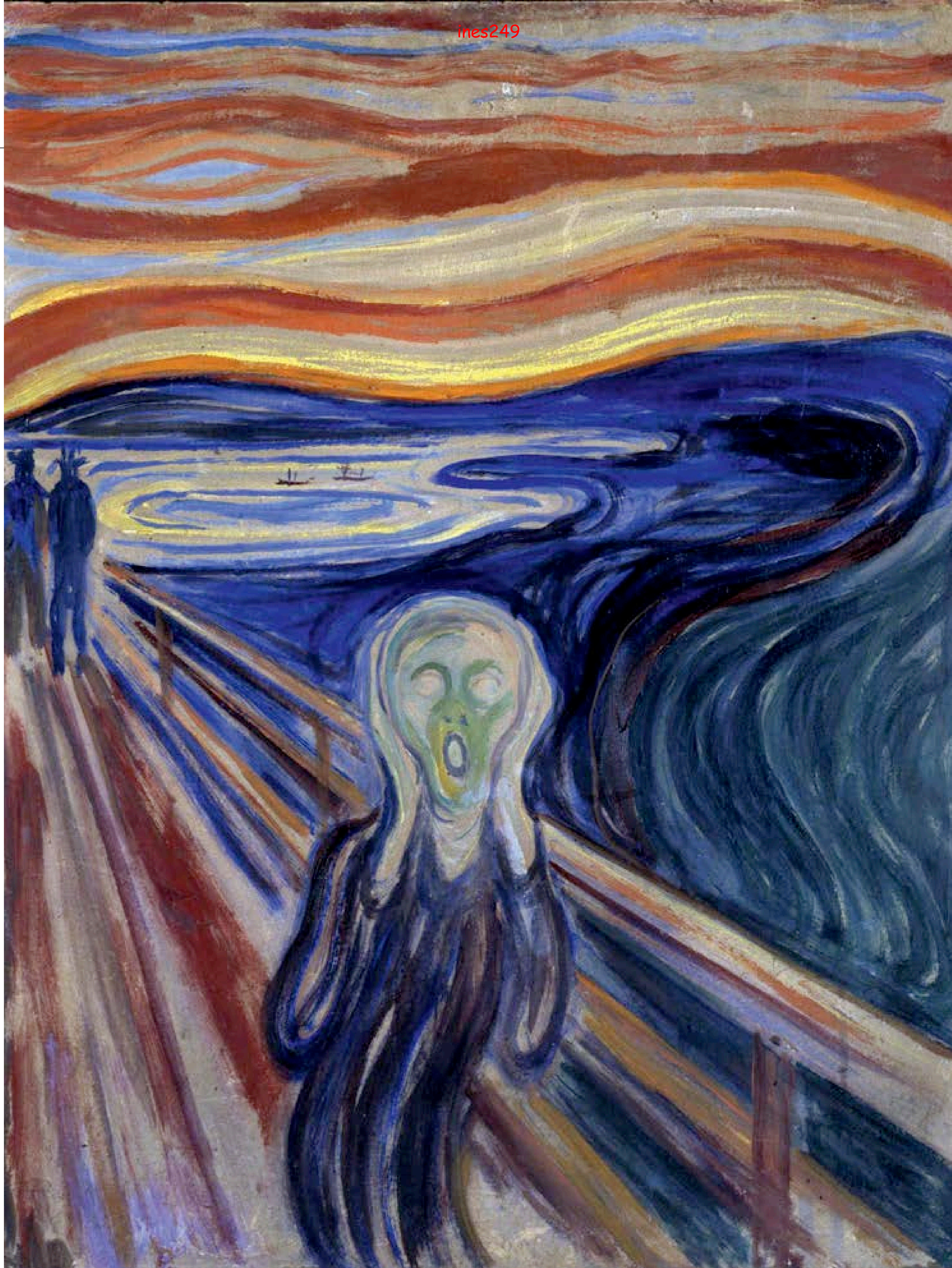
MUITO já se escreveu a respeito daquela frase da ministra Cármen Lúcia sobre os “213 milhões de pequenos tiranos” *(leia em Veja Essa).* Acho que entendo o que ela quis dizer. Algo na linha: ninguém é bem dono de sua liberdade, então temos que regular. Está o.k., a liberdade de expressão é sempre regulada. Mesmo nos Estados Unidos, pátria da Primeira Emenda, há uma regra: ficam de fora discursos que geram um perigo “claro e imediato”. O que se protege são ideias, opiniões, ainda que bizarras ou “tirânicas”. E é aí que mora o problema. Se os cidadãos são de fato tiranos, então precisamos mesmo de um imenso Leviatã para dar conta da confusão. Agora com uma penca de big techs como tentáculos, fazendo o trabalho duro da censura, sob pena de responsabilização. Depois de anos amaldiçoando os algoritmos, quem sabe finalmente descobrimos que era exatamente de algoritmos que precisávamos. E com delegação oficial para fazer a censura. Censura do bem, a favor, e não contra a nossa liberdade. Discordo da ministra. Seus tiranos são apenas cidadãos que ganharam o poder da palavra com a tecnologia. Algo que gera barulho, irrita e é feito de boa e má educação, verdade e

mentira, e desacordo sobre o que isso significa. Coisas do mundo da democracia, e não da tirania. A democracia é feita de ruído, ao contrário da tirania, feita de silêncio.

Grandes democracias vêm regulando seu espaço digital. A Alemanha fez seu NetzDG; a França, recentemente, fez sua regulação. Os americanos, lá em 1791, aprovaram o Bill of Rights. Todas, sem exceção, aprovaram suas leis no Parlamento. O Brasil fez isso, em 2014, com o Marco Civil da Internet. É essa a nossa lei. E não há nenhuma "omissão legislativa" em não alterar uma lei. A ideia de que uma lei qualquer pode ser derrubada em nome de considerações abstratas sobre a liberdade, a dignidade humana ou a fragilidade dos cidadãos diante da tecnologia significa, na prática, uma inversão do pacto republicano. Significa a ocupação pelo Judiciário de uma esfera de poder que pertence ao Legislativo. Não por um capricho, mas porque a sociedade é diversa. E é no Legislativo que essa diversidade tem sua expressão. O que assistimos nesse julgamento, no STF, foi a estranha imagem de uma diversidade de visões normativas entre pessoas que representam a si mesmas. Agentes de Estado que estão lá para fazer cumprir as leis, mas que, ao cabo, produzem um ordenamento normativo inteiramente original e distinto daquele aprovado pelo Congresso, regulando nossas liberdades e direitos. Muita gente já se acostumou com isso no Brasil. E quem sabe aí esteja o nosso problema.

Na prática, o que fizemos foi trocar um modelo previsível e garantista da liberdade de expressão por um regime complexo

mes249



AFP

IMAGEM *O Grito,* de Edvard Munch: o homem sem identidade, envolto em onda de medo

e essencialmente aberto à interpretação. Se alguém acha que foram as big techs que perderam alguma coisa, se engana. Quem perde são os cidadãos, que têm seus direitos relativizados. As pessoas descobrirão isso quando tiverem postagens derrubadas e as redes mergulharem em uma guerra de notificações. A pergunta central: que critérios serão usados pelas empresas para efetivarem seu trabalho de censura? Em especial, que critérios serão utilizados nos temas "democráticos", que dizem respeito a opinião, seja no campo político, seja no

ines249

“A reinvenção do delito de opinião, nos últimos anos, fez mal ao país”

comportamental? No debate no STF, chamou a atenção o que vou denominar “argumento da metralhadora”. Seu autor foi o ministro Dias Toffoli, comparando o direito à expressão com a venda de uma metralhadora. O argumento tem um gosto retórico. Alerta-se a sociedade sobre crimes perfeitamente tipificados, como a venda de uma arma proibida, para logo a seguir incluir variações indefinidas sobre “delitos de opinião” no pacote. Coisa parecida se deu com atentados a escolas, indução ao suicídio, pornografia infantil e outras bizarrices. Por óbvio, o problema não é esse. Se a pauta em questão girasse em torno desses temas, incluindo-se também os crimes de racismo, tráfico ou pedofilia, não haveria nenhuma divergência sobre a necessidade de regras duras de proteção. O ponto é: não foi sobre nada disso a censura praticada em larga escala no Brasil dos últimos anos. Foi sobre a opinião política. Sobre quem questionou o resultado de urnas eleitorais, fez críticas duras ao STF, manifestou preferência irrelevante por uma ditadura ou mesmo expôs sua visão sobre a própria liberdade de

expressão. Não é preciso voltar a essa história constrangedora. Se as plataformas resolverem usar como critério de "cuidado" nosso histórico recente de decisões sobre censura (e é razoável que o façam), suspeito que estamos em maus lençóis.

O que o STF fez foi realizar uma ampla leitura de época em seu julgamento. Diria que uma leitura lastreada pela "cultura do medo", na qual navegamos, e não apenas no Brasil, na última década e meia. Pesquisa com 23 milhões de chamadas em 47 grandes veículos de imprensa americanos mostrou como temas associados a "medo", "raiva" ou "nojo" ganharam forte tração a partir da virada para os anos 2010. O mundo não se tornou mais hostil e perigoso a partir da última década. O que mudou foi a percepção das pessoas. Algo que deriva da mecânica das redes sociais, que tendem a premiar o pânico em torno de qualquer coisa (com sabidas consequências para a saúde mental coletiva). A cultura do medo não é propriamente uma novidade. O filósofo Frank Furedi lançou *How Fear Works* ainda nos anos 1990, mostrando como, nos anos do pós-guerra, fomos gradativamente migrando de um amplo consenso moral, confiança nas instituições e no progresso para uma cultura marcada pela ideia de que "somos frágeis, os cidadãos incapazes de lidar com a própria democracia, as instituições pouco confiáveis, o futuro incerto e assustador". Não é por acaso que a obra-prima do norueguês Edvard Munch, *O Grito,* é muitas vezes usada como uma imagem de nossa época. O desenho de um homem sem identidade, envolto em uma onda de medo, em um mundo

que também parece se desmanchar. Munch conta que concebeu a obra em uma tarde qualquer, em Oslo, na década de 1890, quando teve a súbita inspiração, em meio a um momento de "melancolia e ansiedade". No julgamento das redes, no STF, o que assistimos foi uma versão sintética desse fenômeno: a urgência em regular. A lógica impressionista do risco e das citações dramáticas. O povo de tiranos, o oceano de mentiras, a incivilidade, a metralhadora, o eleitor ordinário diante da "desordem informacional". Não tanto o medo, mas a sua politização. A ideia sombria, bem posta por Furedi, de que "nossa segurança, em uma medida incerta, depende do fato de que devemos abrir mão de nossas liberdades".

De fato, há imensos riscos na internet. O ministro Barroso, presidente do STF, está certo quando diz que "não importa se alguém é liberal, conservador ou progressista: não pode haver pornografia infantil, terrorismo, venda de armas ou instigação ao suicídio nas redes". Fosse esse o foco, no país, daríamos um enorme passo adiante na regulação da internet. Passar desse universo à censura política, de visões de mundo, de comportamento ou cultura é de fato um grande erro. A reinvenção do delito de opinião e da censura prévia, nos últimos anos, fez muito mal ao país. Nós não teremos uma democracia liberal, no Brasil, se continuarmos insistindo nisso. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ **Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de** VEJA

ines249

SOBE

INSTITUTO BUTANTAN

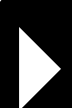
Maior produtor de soros e imunizantes da América Latina, o centro de pesquisa foi autorizado pela Anvisa a realizar a primeira fase de testes da vacina contra a gripe aviária em humanos.

CURUPIRA

Um dos populares personagens do folclore brasileiro, ele foi escolhido a mascote da COP30, a cúpula climática da ONU que ocorre em novembro, em Belém.

F1

O filme da Apple estrelado por Brad Pitt arrecadou 56 milhões de dólares no fim de semana de estreia e chegou ao topo das bilheterias nos EUA e Canadá.



ines249

DESCE

NAYIB BUKELE

Segundo o *The New York Times*, investigação americana apontou um pacto entre o presidente de El Salvador e o MS-13, no qual a gangue reduziria ações violentas em troca de regalias nas prisões.

JOSÉ LUIZ DATENA

Com um mês no ar do programa *Brasil do Povo,* na RedeTV!, o apresentador coleciona baixa audiência, problemas técnicos ao vivo e crise nos bastidores.

JUMENTOS

A população do equino caiu 94% nos últimos dez anos e corre o risco de extinção até 2030, em razão da alta demanda global por colágeno extraído de sua pele.

ines249

ROBSON BONIN

Com reportagem de Marcelo Ribeiro, Nicholas Shores e Pedro Pupulim



Quem avisa amigo é

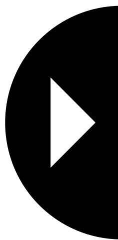
Davi Alcolumbre não se envolveu na batalha verbal entre Lula e Hugo Motta. Quis evitar a escalada da crise com o Executivo. Em público, pregou pacificação, tratando como direito de Lula o recurso ao STF sobre o IOF. Em privado, porém, o discurso foi outro.

"Tem que acabar"

Numa reunião com Dario Durigan, auxiliar de Haddad, Alcolumbre disse que



ALERTA Alcolumbre: senador disse a auxiliar de Lula que não aceitará ataques



PEDRO GONTIJO/AGÊNCIA SENADO

"não aceitará que o governo jogue o povo contra o Congresso". "Essa coisa de ricos e pobres, de nós contra eles, tem que acabar", avisou.

Tudo tem limite

Alcolumbre deixou claro que não deseja uma ruptura, mas alertou o auxiliar de Haddad que vai defender o Parlamento caso o governo siga atacando deputados e senadores nas redes. "Tudo tem limite", disse.

Na mira de Lula

Se o chefe do Senado ainda pensa em pacificar a relação com o Planalto, na Câmara o clima é outro. Hugo Motta disse a aliados que os ataques petistas levaram a crise do IOF a um caminho sem volta. "Motta sabe que Lula o escolheu como alvo", diz um aliado.

Telhado de vidro?

Um auxiliar de Lula lembrou, nesta semana, que Motta tem "telhado de vidro". A PF investiga negócios da família dele na Paraíba. Segundo essa mesma fonte, Motta pode até querer brigar, mas não vai poder brigar muito nem por muito tempo.

A velha muleta

Se nada mais der certo para o governo no Congresso, Lula jogará a culpa em Motta, no bolsonarismo e nas elites. "É o único discurso eleitoral que ele terá", diz um cacique de centro.

Todo cuidado é pouco

O Senado vai montar um esquema de guerra para garantir a segurança dos parlamentares durante as sessões da CPMI do INSS. A

Casa avalia que as ameaças aumentarão durante a apuração que mira sindicalistas corruptos.

Alerta de segurança 1

Alvo de um suposto grupo de matadores de aluguel, o ex-chefe do Congresso Rodrigo Pacheco tem andado com segurança policial para todos os lados.

Alerta de segurança 2

Diante das ameaças ao antecessor, Alcolumbre também reforçou a própria segurança, feita por agentes fortemente armados da Polícia do Senado.

Sem asas para voar

Sem dinheiro até para abastecer caças de combate, a Aeronáutica deve suspender a operação de quarenta aeronaves até dezembro.

O piloto sumiu

O impacto da crise ainda envolve redução de horas de voo, cancelamento de missões, afastamento de 137 pilotos e adoção de meio expediente na Força.

Jogando parado

Aberta em fevereiro, a investigação do MPF sobre sigilos impostos por Lula para blindar Janja e os filhos dele segue parada na PGR.

Na gaveta

O inquérito das joias, que resultou no indiciamento de Jair Bolsonaro e de outros envolvidos, completou um ano parado na PGR — e assim ficará por mais algum tempo.

Meu sucessor

Governador do Espírito

ines249



VITRINE Casagrande: governo com bons resultados na segurança pública

Santo, **Renato Casagrande** colocou o vice, Ricardo Ferraço, no comando do Programa Estado Presente em Defesa da Vida, principal vitrine da gestão na área de segurança pública. Ferraço será candidato ao governo capixaba em 2026.

Boas notícias

Dados da gestão capixaba mostram que o estado fechou o semestre com o menor número de homicídios desde 1996, quando a contagem começou a ser feita, e redução em outros crimes.

Munição de sobra

A PF vai investir 3,4 milhões de reais em novos equipamentos para seus atiradores de elite, os famosos snipers.

Caldeirão de escândalos

O governo Lula decidiu colocar ainda mais dinheiro no Programa Cozinha Solidária, alvo da PF por corrupção envolvendo ONGs de petistas.

Onde voa Janja...

Janja usou recentemente

ines249

um jato da FAB para ir ao ginecologista em SP. Foi de carona com Ricardo Lewandowski. Na semana passada, o MPF arquivou um inquérito que investigava outra carona da FAB a uma primeira-dama, no caso, Michelle Bolsonaro.

...já voou Michelle

Em 2021, a então ministra Damares Alves levou Michelle e mais sete parentes dela a SP. Naquele dia, a primeira-dama aproveitou a carona para ir ao aniversário do maquiador dela. Ao arquivar o caso, o MPF diz que não ficou comprovado uso indevido do avião.

Follow the money

O MPF abriu um lote de procedimentos para investigar "a existência de obras federais paralisadas" em dezenas de cidades do Rio Grande do Sul.

Turismo da polarização

A UnB vai bancar passagens e estadia de uma semana na Grécia a um professor que falará numa conferência sobre "Populismo da direita autoritária e gênero: políticas de educação e saúde sob o governo Bolsonaro no Brasil".

Carga democrática

O TSE deve gastar até 9,3 milhões de reais num contrato de transporte rodoviário de materiais eleitorais. A concorrência para escolher a transportadora que operará o serviço nas próximas eleições está em curso.

Rota de fuga

Durante os bombardeios de Israel ao Irã, o governo Lula

ines249


INSTAGRAM @VIRGINIA

NÃO ACABOU Virginia: ela não rompeu contrato com casa de apostas

usou o Azerbaijão como abrigo a servidores brasileiros e seus familiares na linha de tiro.

Não teve conversa

Fracassou uma tentativa de acordo entre a atriz Claudia Raia e a Latam num processo de extravio de bagagens. Ela pede 60 000 reais de indenização.

Aposta contratual

A influenciadora **Virginia Fonseca** não rompeu o contrato milionário de publicidade que mantém com uma casa de apostas. Valendo-se de uma cláusula contratual, ela parou de postar os conteúdos, mas o acordo segue valendo. A ruptura até virá, mas não agora. ■

ines249

A VOLTA DO PAI DOS POBRES

Lula aposenta de vez a fantasia do "governo de união", retoma o discurso do "nós contra eles" e aposta na distribuição desenfreada de benefícios para resgatar a popularidade perdida e tentar a reeleição em 2026

DANIEL PEREIRA

CLÁUDIO KBENE/PR



IMAGEM

Lula: muleta retórica serve de boia para gestão sem rumo

CAPA: MONTAGEM DE BETONEJME.COM COM IMAGEM GERADA POR IA; FOTOS DE RICARDO STUCKERT/PR

Quando era um campeão de popularidade, o presidente Lula desfilava como o "pai dos pobres", embalado pelo sucesso de programas sociais, e também como a "mãe dos ricos", devido à profícua relação de parceria com os maiores empresários brasileiros, que tinham contratos bilionários com a administração federal e recebiam ajuda do governo para conquistar mercados no exterior. O Brasil, como dizia o slogan oficial, era um país de todos. Antes desse tempo de bonança, no entanto, houve um período em que o petista apostou pesado na estratégia da divisão. Foi em seu primeiro mandato, quando o escândalo do mensalão eclodiu, ameaçando a sua permanência no cargo. Para sair das cordas, o "Lulinha paz e amor" da campanha de 2002 aceitou o conselho do marqueteiro João Santana e passou a alegar que a oposição, que representaria a elite, estava usando o esquema de suborno parlamentar como pretexto para derrubar o governo do PT, que seria o primeiro projeto genuinamente popular a chegar ao poder no país. Nascia, assim, a tese do "nós contra eles", que agora volta ao centro do debate como boia de salvação para uma gestão sem rumo, impopular e frágil politicamente.

O recurso à velha muleta retórica foi uma reação principalmente à derrubada do decreto que ampliava o imposto sobre operações financeiras (IOF), editado para aumentar a arrecadação e ajudar o governo a atenuar o rombo nas contas públicas. Com o voto de quase 400 dos 513

ines249

NARRATIVA
Haddad: "Pode gritar, mas nós temos que fazer justiça no Brasil"

BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO

deputados, a Câmara rejeitou a iniciativa, sob a alegação de que a sociedade não aguenta mais elevação da carga tributária. Foi uma derrota acachapante para Lula, que, paradoxalmente, se serviu dela para encontrar um discurso de apelo popular, com o qual pretende melhorar a sua imagem na base do eleitorado. Em reação ao revés no Congresso, o presidente e o ministro da Fazenda, Fernan-

ines249

do Haddad, passaram a repetir que o pacote de medidas relacionadas ao IOF tinha como objetivo promover justiça tributária e social, ao fazer com que os mais ricos paguem mais impostos para que os mais pobres desembolsem menos. Ou para que a turma do "andar de cima" contribua mais para que a grande massa do "andar de baixo" carregue um fardo um pouco menos pesado. Segundo os governistas, essa redistribuição só não está ocorrendo porque o Congresso, sobretudo o Centrão, prefere se alinhar ao pessoal da "cobertura".

Diante do cerco aos parlamentares, o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), resolveu reagir. Em um vídeo divulgado numa rede social, ele reclamou de que, não bastasse a polarização política, agora se tenta implantar a polarização social. "Quem alimenta o 'nós contra eles' acaba governando contra todos", declarou. O deputado também disse que alertou o Palácio do Planalto sobre a resistência do plenário ao decreto do IOF: "Capitão que vê barco ir em direção ao iceberg e não avisa não é leal, é cúmplice". Não foi o suficiente para desmobilizar a ofensiva governista. Com indisfarçável satisfação, petistas espalharam que Motta foi festejado como herói num jantar com representantes da elite paulistana no início da semana. Já o presidente Lula tachou de "absurda" a decisão do comandante da Câmara de pautar a questão do IOF em meio às negociações com o governo. Por determinação do presidente, a Advocacia-Geral da União recorreu ao Supremo

ines249



INSTAGRAM @PTBRASIL

OFENSIVA Campanha: peça publicitária do PT sugere que o peso maior dos impostos recai mais sobre os pobres

Tribunal Federal pedindo a declaração de inconstitucionalidade da derrubada do decreto. A batalha ultrapassa — e muito — as fronteiras da seara jurídica.

Na Justiça, a AGU alega que o presidente tem a prerrogativa de mudar tributos regulatórios, como o IOF, e que o Legislativo, ao anular a medida, teria violado o princípio constitucional da separação dos poderes. Já os congressistas rebatem afirmando que a mudança proposta não teve

ines249

caráter meramente regulatório, mas o objetivo mal disfarçado de aumentar a arrecadação. Por isso, caberia aos parlamentares avaliar a questão. O caso será relatado pelo ministro Alexandre de Moraes. "Estamos propondo um reajuste tributário para beneficiar os mais pobres. O dado concreto é que os interesses de poucos prevaleceram na Câmara e no Senado, o que é um absurdo", disse Lula, que nunca aceitou o fato de ter perdido para deputados e senadores o controle de 50 bilhões de reais em emendas parlamentares. Na prática, o caso do IOF é um novo round na disputa de poder entre Executivo e Legislativo. "Sou agradecido ao Congresso, mas, se eu não recorrer à Suprema Corte, não consigo governar. Cada macaco no seu galho: eles legislam, eu governo", acrescentou o presidente.

Mesmo contrariado, Lula tem motivos de sobra para agradecer aos parlamentares, que nos dois primeiros anos de seu mandato aprovaram o novo marco fiscal, a reforma tributária e uma série de medidas de criação ou ampliação de impostos. Com problemas de popularidade e empatado com os principais nomes da direita nas pesquisas sobre a próxima corrida presidencial, o petista também depende da boa vontade de deputados e senadores para tirar do papel ações com potencial eleitoral, como a ampliação da isenção de imposto de renda para quem ganha até 5 000 reais. Em resposta ao recurso da AGU no Supremo, líderes de partido, contrariados com o que consideram desrespeito à vontade soberana do Parlamento, espalharam a ver-

ines249

BRENNO CARVALHO/AGÊNCIA O GLOBO



IMPASSE Deputados: recurso no Supremo ampliou a tensão com o Congresso

são de que o governo terá dificuldade para aprovar essa agenda, considerada fundamental para impulsionar a eventual candidatura à reeleição de Lula. O presidente duvida dessa possibilidade porque nenhum parlamentar, perto de uma eleição, teria coragem de negar um benefício aos mais necessitados. "Quando a gente coloca que a pessoa que ganha mais de 1 milhão de reais tem que pagar um pouco mais, é uma rebelião. Dá para fazer tudo isso sem dar um tiro, sem fazer greve geral, para que este país um

ines249

dia tenha uma política fiscal justa”, discursou Lula no lançamento do Plano Safra.

Disciplinado, Haddad reforçou o coro. O ministro vive um momento curioso no governo. Depois de ser fritado de forma ininterrupta pelo presidente, pelo chefe da Casa Civil, Rui Costa, e pela ex-presidente do PT e atual ministra de Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, Haddad se tornou o herói da vez no campo governista por ter iniciado a pregação em defesa da justiça tributária em bate-boca com oposicionistas na Câmara. Desde então, ele só recebe elogios dos colegas. Um de seus mantras prediletos é lembrar que o governo propôs taxar 140 000 cidadãos de alta renda para permitir que 25 milhões de pessoas não paguem nada ou paguem menos. “Pode gritar, pode falar, vai chegar o momento de debater, mas nós temos que fazer justiça no Brasil”, declarou o ministro, sob o olhar do presidente, no lançamento do Plano Safra. A insistência de Haddad nessa tecla não deixa de ser o reconhecimento de que seu plano original foi abandonado. Desde que assumiu o car-



INSTAGRAM @HUGOMOTTAPB

ALERTA Hugo Motta: “Quem alimenta o ‘nós contra eles’ acaba governando contra todos”

ines249

MARCELO RÉGUA/AGÊNCIA O GLOBO



POPULISMO Programas: linhas de crédito para "banheiro novo" e substituição de "motinhas"

go, ele tentou fazer um ajuste fiscal de forma gradual, combinado propostas de aumento de arrecadação, como a tributação de fundos exclusivos, com a tentativa de adotar medidas destinadas a segurar a expansão dos gastos públicos. É uma situação insustentável.

Como se sabe, muito pouco foi feito na área da contenção de despesas porque Lula, Rui Costa e Gleisi Hoffmann resistiram — e resistem — a isso. Se as mudanças no IOF forem ressuscitadas pelo STF ou por uma negociação política, o governo ganhará a batalha, mas não a guerra, porque não está fazendo nada de consistente para desarmar a

ines249

bomba fiscal, que pode explodir já em 2027, deixando o próximo presidente eleito sem condições de bancar até o custeio da máquina pública. A conta de benefícios assistenciais, por exemplo, cresceu de forma significativa nos últimos anos. Apenas no mês passado, o presidente anunciou a criação de quatro novos programas sociais. Está em fase de estudos uma linha de crédito para os interessados em construir "uma garagem" ou "um banheiro novo", e outra para permitir que "os coitados que ficam entregando comida neste país, numas 'motinhas' vagabundas", comprem veículos novos. Além disso, será ampliada a distribuição de vale-gás para famílias de baixa renda e implementada uma nova tarifa social para a energia elétrica. O governo calcula que somente essa última medida deve beneficiar 60 milhões de pessoas.

O embate entre "nós e eles" ou "ricos e pobres" pode até ter impacto eleitoral, mas não resolverá um dos principais gargalos do país. Um pouco mais de justiça tributária, se houver, também não atenuará a gravidade do quadro. Ainda há um problema adicional: em meio à polarização política, quase ninguém está interessado em debater mudanças estruturais, o que inclui a oposição. Apesar de terem ministérios no governo Lula, União Brasil e PP trabalham por uma candidatura rival à do petista em 2026 e divulgaram um vídeo para tentar neutralizar a campanha governista. Na peça, os partidos falam que o "povo" não aguenta mais o peso de uma gestão com quase quarenta ministé-

ines249

ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA



PROBLEMA FISCAL Vale-gás: benefícios cresceram de forma significativa

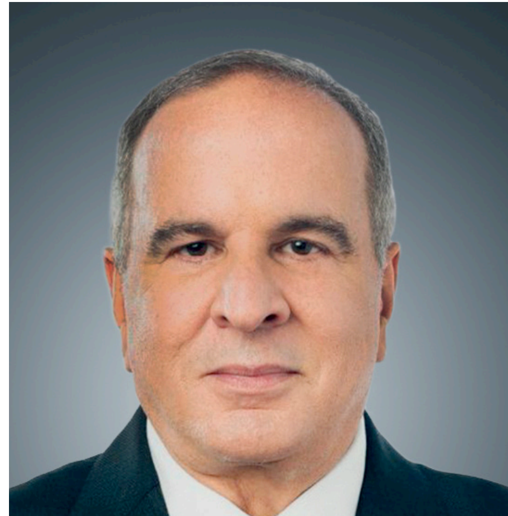
rios e que o governo aumenta as despesas não para beneficiar os mais pobres, mas para proveito da “companheirada”. “Agora, querem passar a conta para gente de novo, dizendo que estão do nosso lado. A violência é um peso. O preço dos alimentos, um peso. E agora querem nos taxar ainda mais”, diz o locutor. De certa forma, a reação oposicionista é um reconhecimento da preocupação com a possibilidade de a muleta retórica da esquerda pegar tração na opinião pública. Presidente do Instituto Locomotiva, Re-

ines249

nato Meirelles afirmou ao programa *Ponto de Vista,* de VEJA.com, que o novo discurso do governo tem ressonância na sociedade: “A população espera que o governo atue no serviço social e tire dos mais ricos e dê para os mais pobres. Outra história é se o governo Lula está sendo capaz de fazer isso. Claramente, ou não está fazendo ou não está sendo capaz de comunicar à população que está fazendo”.

Desde a sua fundação, o PT advoga ser o representante das camadas mais pobres, que sempre votaram no partido. No terceiro mandato de Lula, o presidente registrou perda de apoio nesse segmento do eleitorado. Alguns especialistas dizem que um sentimento de gratidão por programas sociais implantados em gestões passadas, como o Bolsa Família, já não rende mais votos nas urnas, porque são considerados conquistas consolidadas. Outros lembram que o aumento do custo de vida, especialmente do preço dos alimentos, e a inação do governo em temas sensíveis, caso da segurança pública, arranharam a imagem de Lula entre apoiadores históricos. Haveria ainda um problema conceitual da parte do presidente, que teria uma visão ultrapassada sobre o considerável contingente de pequenos empreendedores que não querem a proteção paternalista do Estado, mas oportunidades para tocar seus negócios. Ser “pai dos pobres”, se já foi suficiente um dia, já não basta mais. O figurino pode até dar um pouco de fôlego a Lula, mas dificilmente será a redenção de um governo que não disse a que veio nem aonde quer chegar. ■

ines249



MURILLO DE ARAGÃO

LULA: CONFRONTO E MODERAÇÃO

A estratégia polarizadora do presidente embute altos riscos

AO ADOTAR um discurso kirchnerista do tipo "nós contra eles", o presidente Lula revela uma estratégia política calculada, porém repleta de riscos. O objetivo é claro: consolidar a imagem da direita como defensora exclusiva dos ricos, para garantir uma base eleitoral sólida à esquerda e assegurar sua passagem ao segundo turno das eleições em 2026. A estratégia prevê dois momentos distintos. No primeiro, prevalece o discurso de confrontação, que mobiliza a base e garante o acesso ao segundo turno. Depois, predomina a mudança de tom, com acenos calculados à Faria Lima e ao agronegócio — setores relevantes para a estabilidade econômica e decisivos no período eleitoral. Assim, ironicamente, caso chegue ao segundo turno, Lula adotará o discurso "paz e amor" e terá de buscar o apoio de quem ele hoje ataca.

Em 2022, como em outras vezes, esse roteiro se mostrou eficaz, quando o discurso inicialmente radical foi oportunamente moderado. Em gestos a favor de uma



“frente ampla”, Lula convenceu próceres do mercado financeiro, os quais, depois, em compungida autocrítica, se arrependeram da sanção dada. Essa abordagem apresenta, contudo, vulnerabilidades significativas. A narrativa pode afastar eleitores moderados que, sem se identificarem com o bolsonarismo, também rejeitam antagonismos simplistas. Ao apostar na divisão, ele limita o próprio alcance em uma parcela da sociedade que pode ser decisiva em uma eleição acirrada. A Faria Lima também possui capacidade considerável de criar obstáculos. Sua influência transcende o aspecto econômico direto, moldando expectativas e percepções. No limite, o desempenho econômico será crucial. Se os atuais indicadores começarem a deteriorar, Lula enfrentará dificuldades adicionais para justificar sua reeleição perante um eleitorado cético quanto ao futuro do país.

“Ao apostar na divisão, ele limita o próprio alcance em uma parcela da sociedade que pode ser decisiva”

ines249

No âmbito interno, dois fatores merecem destaque. O protagonismo excessivo e atabalhoado de Janja tem gerado mais prejuízos que benefícios, provocando ruídos dentro e fora do governo. Simultaneamente, o ministério parece mais focado em projetos políticos individuais — sobretudo em nível estadual e tendo em vista o cenário pós-Lula — do que no sucesso imediato da gestão presidencial. A estratégia polarizadora pode assegurar a Lula uma vaga no segundo turno, mas carrega riscos. O desafio será navegar entre a mobilização da sua base e a necessidade de ampliar o apoio, considerando, em especial, as pressões do mercado financeiro, as incertezas econômicas e os desgastes provocados por aliados que nem sempre agem em sintonia com os interesses presidenciais.

O sucesso dessa tática dependerá, em última análise, da capacidade de Lula de perceber, com precisão, o momento da transição do discurso demagógico e de confrontação para o apelo moderado, sem perder — mais ainda — a já abalada credibilidade entre segmentos do eleitorado, tendo em conta também que estará contratando previamente uma mágoa com os setores produtivos, que, adiante, podem lhe negar decisivo apoio. Vale recuperar a evidência de que uma expressiva maioria do eleitorado já está saturada da polarização, o que se revela tanto no esvaziamento das manifestações em favor de Jair Bolsonaro quanto na decadente taxa de aprovação de Lula. Ambos parecem velhos mágicos que repetem o mesmo truque para uma plateia cansada. ■

ines249

EMBATE ANTECIPADO

Favorito para ser o nome da direita ao Planalto caso Bolsonaro permaneça inelegível, Tarcísio de Freitas entra cada vez mais na mira de Lula e do PT

HEITOR MAZZOCO E **LAÍSA DALL'AGNOL**



PALANQUE Tarcísio discursa ao lado do ex-presidente em manifestação na Avenida Paulista: "O Brasil não aguenta mais o PT"

ROBERTO SUNGI/ATO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

ines249

NA FRIA TERÇA-FEIRA paulistana, 1º, durante o chamado “pinga-fogo” (momento reservado a discursos), o clima esquentou na Assembleia Legislativa de São Paulo, não por discussões sobre temas de interesse do estado, mas pelo embate entre apoiadores do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do governador Tarcísio de Freitas. “Tarcísio é candidato a presidente da República e o que é importante para ele? Que Bolsonaro não se habilite, porque ele quer o lugar do Bolsonaro”, apontou o deputado Paulo Reis (PT). Do outro lado, Danilo Campetti, do Republicanos de Tarcísio, questionou o esforço da oposição para derrubar propostas do governador. “A esquerda votou contra um projeto de combate à pobreza *(SuperAção).* Pode ter divergência, mas votar contra? Mas trabalham para aumentar imposto, mesmo com o governo federal batendo recorde de arrecadação”, atacou. Em outro momento, Emídio de Souza (PT), amigo de Lula, disparou contra o deputado federal licenciado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) por propagar nos Estados Unidos a tese de que o Brasil vive um regime de exceção. “O país não está perto de virar ditadura. Viraria se não tivéssemos derrotado o 8 de Janeiro”, afirmou. A nacionalização do debate no Legislativo paulista tem se tornado não só mais frequente, como é embalada por um motivo bastante claro: o petismo enxerga cada vez mais em Tarcísio o adversário que terá de ser batido por Lula em 2026.

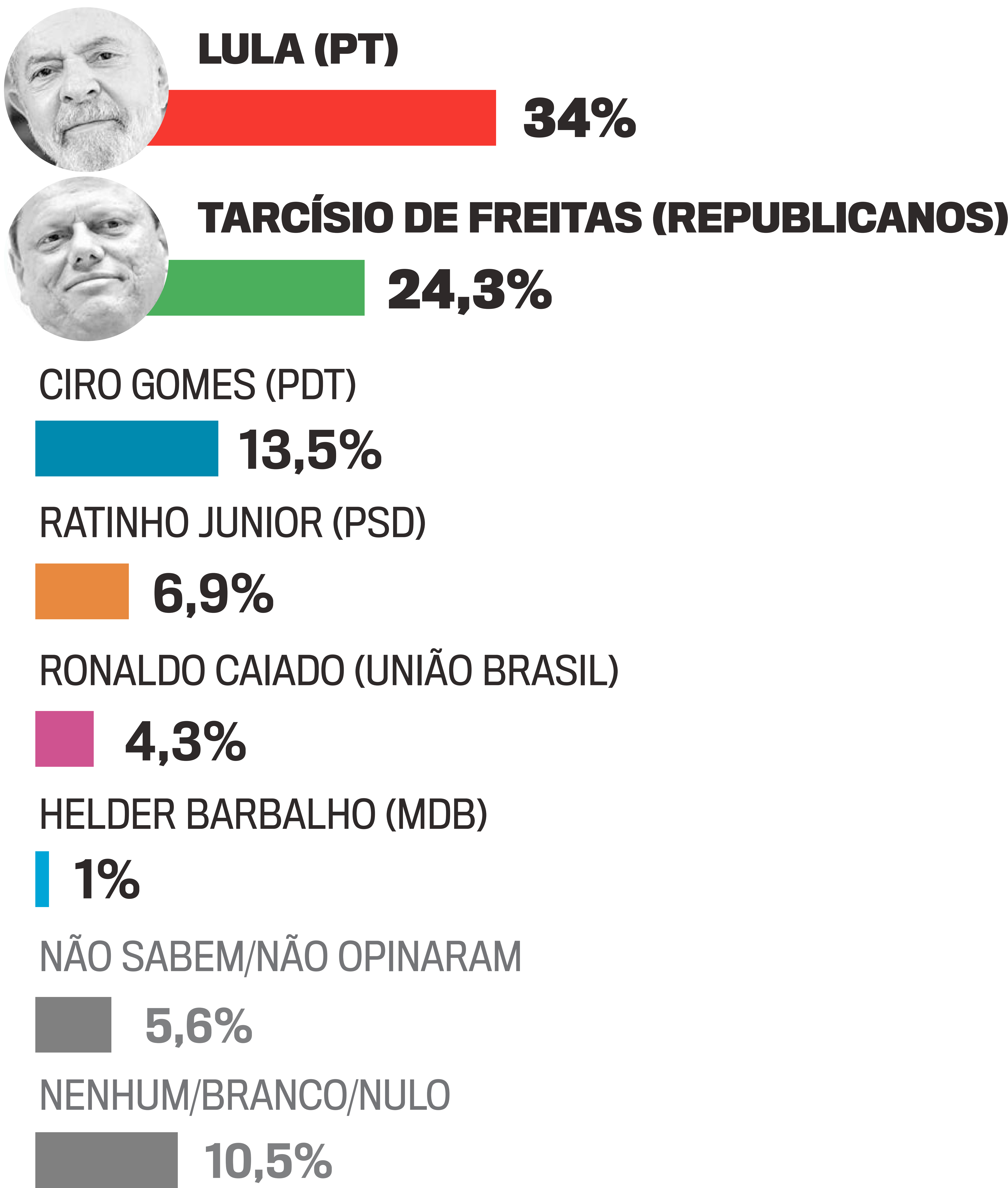
A mobilização do PT ocorre para desgastar ao máximo o governador, criticando principalmente os pontos da gestão

ines249

DUELO À VISTA?

Como seria a disputa entre o presidente e o governador de São Paulo em 2026

PRIMEIRO TURNO



ines249

SEGUNDO TURNO



TARCÍSIO DE FREITAS (REPUBLICANOS)

43,6%



LULA (PT)

40,1%

NÃO SABEM/NÃO OPINARAM



5,9%

NENHUM/BRANCO/NULO



10,3%

Fonte: *Levantamento do Paraná Pesquisas, feito entre 18 e 22 de junho com 2 020 eleitores em todo o país. A margem de erro é de 2,2 pontos percentuais*

estadual que consideram frágeis sob a ótica eleitoral, como a instalação de pedágios (serão 113 novos pórticos na modalidade *free flow,* que não tem cabines), a privatização da Sabesp (a liderança do PT procurou o sindicato dos trabalhadores da empresa para colher queixas sobre o serviço prestado após a privatização da companhia na atual gestão) e a insatisfação de parte do funcionalismo (inclusive com a possibilidade de greves que possam arranhar a imagem de Tar-

císio). Também está em prática um acompanhamento minucioso dos processos do governo no Tribunal de Contas do Estado em busca de irregularidades em contratos assinados pela atual gestão. Os petistas ainda têm investido em comparações entre as realizações de Lula e Tarcísio, tanto por meio de panfletos virtuais nas redes sociais quando por material exposto no plenário da Alesp.

A tropa de choque no ataque a Tarcísio tem conexões com nomes em ascensão no petismo. Na Alesp, a ofensiva tem à frente a líder da minoria, Thainara Faria (PT), ex-vereadora de Araraquara e ligada ao ex-prefeito da cidade Edinho Silva, favorito na eleição à presidência do PT e nome cotado também para comandar a campanha de Lula no ano que vem. Outro aliado importante é Antonio Donato, líder da federação PT-PCdoB-PV na Assembleia e candidato a presidir o petismo no estado, com o apoio tanto de Edinho quanto de Rui Falcão, outro postulante a presidente nacional da sigla. O PT faz eleições neste domingo, 6, para renovar a sua direção em todo o país de olho em 2026.

Enquanto seus soldados empunham as armas no aquecimento para o ano que vem, as faíscas entre Tarcísio e Lula também se intensificaram nos últimos dias. Um dos campos de batalha tem sido a Favela do Moinho, uma ocupação irregular na região central da capital que é alvo de grande ação de remoção capitaneada pelo governo do estado, mas em parceria com o governo federal, dono do terreno. Quando

ines249

CLÁUDIO KBENE/PR



RECADO Lula na Favela do Moinho: "O governador foi convidado para vir aqui"

começou a retirada das famílias, o governo paulista enfrentou críticas diante dos confrontos entre policiais militares e moradores. No dia 26 de junho, Lula foi ao local assinar um acordo que prevê subsídio de 250 000 reais a cada morador para uma nova casa. No evento, criticou quem diz que o local é reduto da facção criminosa PCC — o que foi apontado por investigações da Polícia Civil e do Ministério Público. "Na cabeça de muita gente da elite brasileira, pobre e gente que mora em favela é sempre considerado bandido", disse.

ines249

Ele lembrou que Tarcísio não quis ir ao ato. "O governador foi convidado para vir aqui. Eu só quero que saibam: agora vocês estão sob os cuidados do governo federal, e nós vamos respeitar vocês", discursou. Tarcísio, ironicamente, tinha agenda em São Bernardo do Campo, berço político de Lula, de onde respondeu. "Tem muita gente que gosta de falar. A gente gosta de fazer. A política habitacional do estado de São Paulo é uma política com entrega real", disse.

O acirramento do fogo contra Tarcísio também tem mobilizado gente graúda do petismo. De volta à política com desenvoltura, o ex-ministro José Dirceu, ex-presidente do PT, vinha alertando desde março que o governador já havia sido abraçado pela "elite de São Paulo" e que a esquerda não deveria se iludir porque ele não representava nenhum tipo de bolsonarismo moderado. "Tudo indica que os partidos de direita vão buscar um candidato único, se Bolsonaro permitir, que seria o Tarcísio de Freitas. Mas ele não é invencível", ressaltou em entrevista recente. Outros caciques da sigla, como a ministra das Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, e o líder do PT na Câmara, Lindbergh Farias, também intensificaram os ataques ao governador.

Com Bolsonaro inelegível e correndo o risco de ser preso no processo da tentativa de golpe de Estado, o nome de Tarcísio começa a ganhar tração também entre os políticos. Pesquisa Quaest da última semana mostra que 49% dos deputados federais acham que ele será o candidato da

ines249

RODRIGO ROMEO/ALESP



OFENSIVA A deputada estadual Thainara Faria (PT): aliada de Edinho Silva lidera atuação contra Tarcísio na Assembleia

oposição a Lula — essa percepção cresceu 10 pontos percentuais em relação à sondagem de maio de 2024. Para reforçar o movimento, 51% disseram que Bolsonaro deveria abrir mão da candidatura — mesmo inelegível, ele tem dito que vai insistir na Justiça até o último minuto. O último levantamento do Paraná Pesquisas, de meados de junho, mostra Tarcísio como o nome mais forte fora do clã Bolsonaro para derrotar Lula: ele teria 43,6% contra 40,1% do petista em um eventual segundo turno. O bom

ines249


INSTAGRAM @ZEDIRCEUOFICIAL

PREGAÇÃO José Dirceu: ex-ministro diz que governador de São Paulo será abraçado pela direita, mas "não é invencível"

desempenho não se compara ao favoritismo que Tarcísio ostenta na disputa por um novo mandato de governador, na qual poderia até ser reeleito no primeiro turno. "Ele tem uma decisão difícil, pois tem uma reeleição muito bem encaminhada. Eleição presidencial são outros quinhentos", diz Murilo Hidalgo, do Paraná Pesquisas.

Tarcísio se equilibra como pode diante da pressão crescente para se decidir pela disputa ao Palácio do Planalto. No último ato da Avenida Paulista, discursou ao lado do

ines249

ex-presidente e centrou fogo no governo Lula. “Destruíram tudo. O Brasil não aguenta mais o PT. A gente quer ver fora o PT!”, bradou, acrescentando que o ex-presidente ainda há de “contribuir muito” para o Brasil. Não passou despercebido, no entanto, que ele não tenha disparado críticas ao STF, a despeito de o mote do ato ter sido a suposta perseguição da Corte a Bolsonaro. “Do que adianta pagar de amigo, fazer cena emprestando o Palácio dos Bandeirantes para Bolsonaro dormir e querer posar de aliado, mas, na hora do vamos ver, não ter coragem de apontar os abusos que o presidente vem sofrendo?”, questiona um nome próximo à família Bolsonaro. “Quem defende a democracia tem que se comprometer com esse indulto a Bolsonaro e aos condenados pelo 8 de Janeiro”, disse a VEJA o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ). Eduardo Bolsonaro mandou mensagem cifrada em vídeo. “O principal recado que fica é para você, eleitor, prestar atenção. Quem compareceu? Quem não compareceu? Como é que foram os discursos? Quem é que faz o embate?”, disse.

Uma das ausências mais notadas foi a da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, também cotada para a Presidência. O fato de não ter ido, somado às várias versões dadas para a ausência, gerou especulação sobre a motivação, inclusive a de que teria perdido espaço na briga para ser a herdeira eleitoral de Bolsonaro. A Quaest mostra que o percentual de deputados que acreditam que Michelle será a candidata do bolsonarismo caiu de 15% em maio de

ines249

2024 para 6%. Com o governador ganhando protagonismo, aumenta o receio, sobretudo na ala próxima a Bolsonaro, de que o ex-presidente seja "abandonado" e que o governador articule, inclusive, uma chapa com nomes de outros partidos que não o PL. "Tarcísio não cumpre acordos, nunca foi um aliado, de fato, do bolsonarismo e, desde o início de sua gestão, governa com e para o PSD de Gilberto Kassab", dispara um aliado do ex-presidente. Por essa razão, uma das condições para Bolsonaro sair de cena é que a chapa tenha alguém com o seu sobrenome, mesmo que não seja na cabeça. A movimentação recente vem mostrando que, para construir a sua candidatura ao Planalto, Tarcísio terá de cruzar um campo altamente minado e se esquivar tanto do tiroteio cerrado da esquerda quanto do "fogo amigo" da direita. ■


PL

DÚVIDA Michelle: ausência em ato de Bolsonaro motivou especulações

ines249

ACORDO SOB INVESTIGAÇÃO

Inquérito que apura suposta obstrução de Justiça avança, enquanto se ampliam as evidências de que o ex-ajudante de ordens de Jair Bolsonaro violou regras da delação **LARYSSA BORGES**

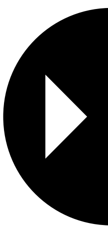
GUSTAVO MORENO/STF



MATEUS BONOMI/AGIF/AFP



APURAÇÃO Kuntz e Moraes: o advogado prestou depoimento à Polícia Federal por determinação do ministro do Supremo



ines249

VEJA revelou no mês passado que o tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Jair Bolsonaro, usou um perfil no Instagram através do qual fez uma série de comentários sobre o conteúdo de sua delação premiada, reclamou que a Polícia Federal distorcia seus depoimentos e colocou em dúvida a imparcialidade do ministro Alexandre de Moraes, relator no Supremo Tribunal Federal (STF) do processo que apura a suposta tentativa de golpe de Estado no apagar das luzes do governo passado. Os diálogos provavam que o militar não só violou a confidencialidade de seu termo de colaboração, como também descumpriu determinações da Justiça, entre elas, a que proibia o uso de redes sociais. À risca do que foi acertado, a desobediência poderia resultar no rompimento imediato do acordo e até em uma ordem de prisão. Mesmo diante das provas, Cid negou que tivesse mantido contato com quem quer que seja, garantiu que as tais conversas, se existiram, não eram suas e insinuou que estaria sendo vítima de uma trama patrocinada por pessoas interessadas em desacreditar as revelações que ele fez à Polícia Federal.

Contrariando essa versão, o advogado Luiz Eduardo Kuntz se apresentou como o interlocutor do tenente-coronel e entregou ao STF um conjunto de mensagens trocadas entre os dois pelo perfil intitulado 'gabrielar702'. Convocado a se explicar, o militar insistiu que a conta não era dele, disse que nunca falou com ninguém

ines249



REPRODUÇÃO

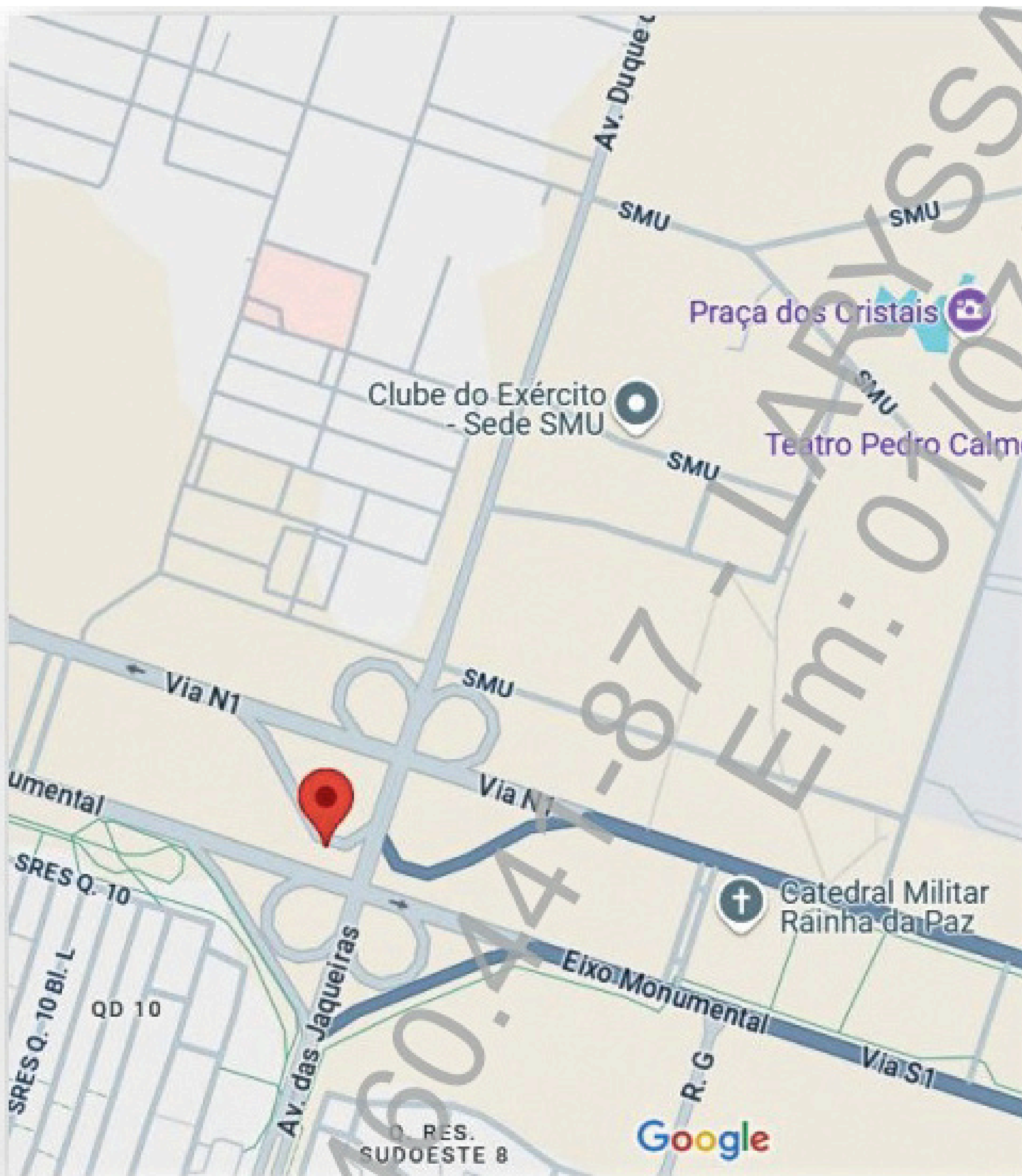
INSTAGRAM Cid: selfie, conta vinculada ao telefone do delator, criada com o e-mail do delator e acessada num endereço do delator

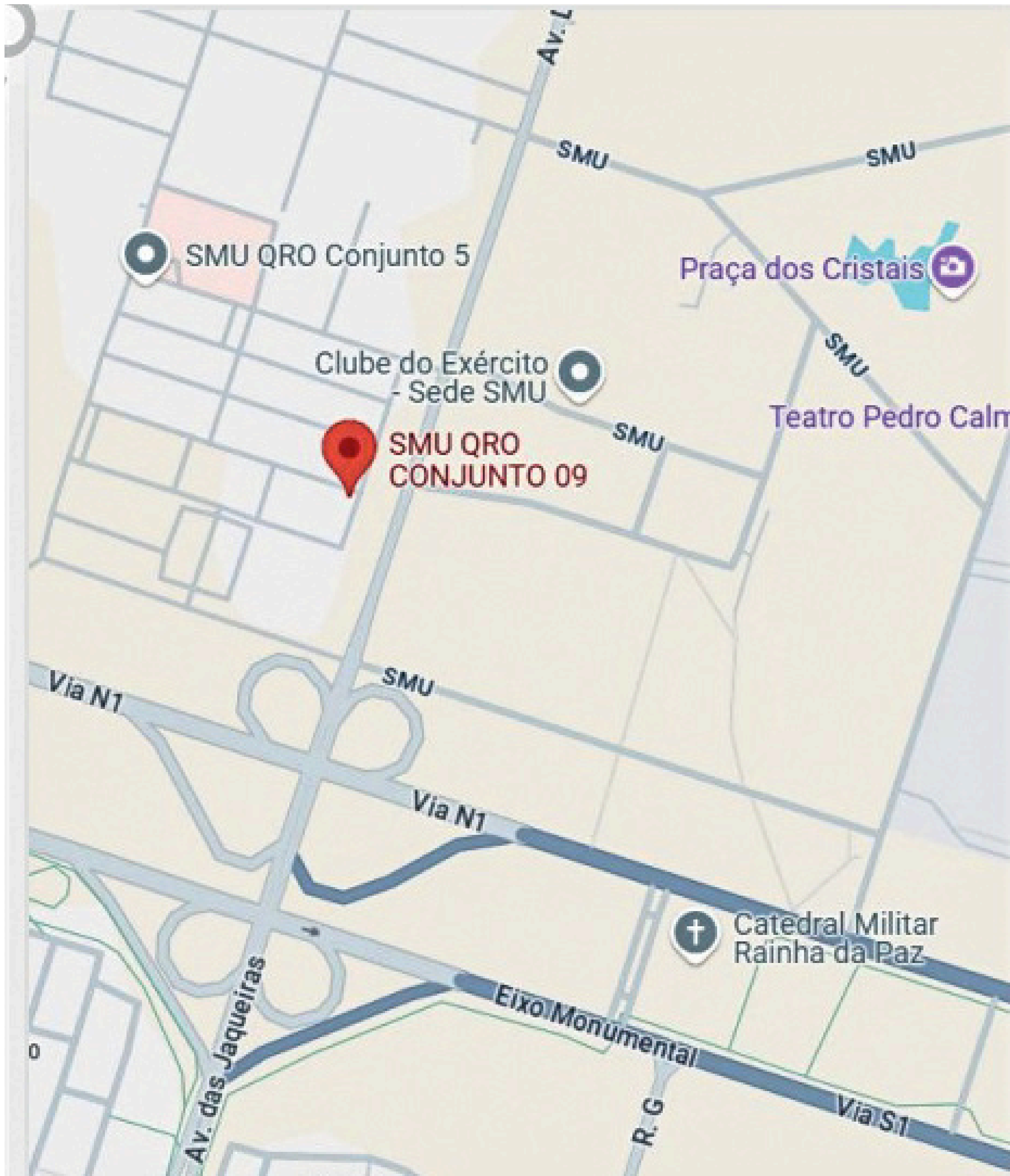
GOOGLE SUBSCRIBER INFORMATION

Google Account ID: 358672122132
Name: Mauro Cid
Given Name: Mauro
Family Name: Cid
e-Mail: maurocid@gmail.com
Alternate e-Mails:

Created on: 2005-01-03 13:55:31 Z
Terms of Service IP: 201.53.61.209
Terms of Service Language:
Provider for Consumer Services: Google LLC
Birthday (Month Day, Year): May 17, 1979

Email Changes	
	Email maurocid@gmail.com
	Type added
	Time 2024-01-19 16:13:18 UTC
	Email maurocid@gmail.com
	Type verified
	Time 2024-01-19 16:13:18 UTC





ines249

sobre os depoimentos e acusou Kuntz e os advogados Fabio Wajngarten e Paulo Cunha Bueno de terem feito investidas contra a esposa e uma de suas filhas em busca de informações sobre a colaboração. O impasse levou o ministro Alexandre de Moraes a determinar que os três prestassem depoimento para apurar se houve tentativa de obstrução da Justiça, já que Kuntz defende um militar da reserva acusado de participação na trama golpista, enquanto Wajngarten e Cunha Bueno são ligados ao ex-presidente Jair Bolsonaro, alvo da delação. Na terça-feira 1º, Kuntz reafirmou à PF que a conta na rede social foi usada por Mauro Cid, que a iniciativa das conversas partiu do ex-ajudante de ordens e que com os contatos com os familiares do delator nada tiveram a ver com o processo.

Kuntz já havia apresentado ao Supremo uma selfie que lhe fora enviada por Mauro Cid quando as conversas por meio do perfil começaram. Na terça-feira, ele apresentou à PF três áudios em que o tenente-coronel lhe agradece por ter ajudado sua filha a se inscrever em competições de equitação — a mesma versão também de Wajngarten e Cunha Bueno para justificar os diálogos com os familiares do delator. Responsável por revelar a existência de reuniões de teor golpista que levaram Bolsonaro e mais de trinta integrantes do antigo governo ao banco dos réus, Cid, nas conversas por Instagram, disse que a investigação era “um jogo sujo”, que o ministro Alexandre de Moraes já tinha “uma sentença pronta” para condenar

ines249

Bolsonaro e outros dois generais e que para atingir esse objetivo os policiais “queriam colocar palavras na minha boca”. Como delator, ele não pode faltar com a verdade, omitir fatos ou revelar o conteúdo dos depoimentos prestados, sob pena de perder benefícios, entre eles o de não ficar preso por mais de dois anos em caso de condenação. Se ficar provado que houve algum tipo de coação, as informações podem ser invalidadas e, em último caso, o processo pode até ser anulado.

É absolutamente improvável que o caso caminhe nessa direção. A situação de Mauro Cid, no entanto, não é confortável. A pedido do relator do processo, as empresas Meta e Google informaram que o perfil ‘gabrielar702’ foi criado a partir de um e-mail que pertence a ele, que o endereço eletrônico para a verificação da conta também é de um segundo e-mail utilizado pelo militar e que o número do celular vinculado à conta é o mesmo do delator. Além disso, foi possível identificar a localização do computador que criou e acessou o perfil no Instagram: Setor Militar Urbano, em Brasília, onde mora até hoje o ex-ajudante de ordens. A defesa de Jair Bolsonaro solicitou que essas descobertas fossem anexadas de imediato ao processo da tentativa de golpe. Alexandre de Moraes, porém, negou o pedido, justificando que o tribunal analisará o caso no momento adequado. ■

ines249

A CAPITAL DO TIGRINHO

Prefeitura do interior do Piauí concede benefícios fiscais a empresa que foi investigada na CPI das Bets e que explora o controverso jogo que virou febre na internet

HUGO MARQUES



IMPACTO O município de Santo Antônio de Lisboa: arrecadação cresceu 4500% com a chegada da OIG Gaming Brazil

DIVULGAÇCÃO

ines249

A CPI DAS BETS, encerrada no mês passado, solicitou o indiciamento de dezesseis pessoas que explorariam o setor de apostas de maneira ilegal. Entre os acusados, um dos nomes que mais chamaram a atenção foi o de Fernando Oliveira Lima, dono da OIG Gaming Brazil, empresa que oferece em sua plataforma o controverso "jogo do tigrinho", uma espécie de caça-níquel digital que promete ganhos fabulosos em dinheiro, virou febre entre crianças e adolescentes e acumulou um histórico de denúncias de golpes contra os usuários. Conhecido como Fernandin OIG, o empresário fez fortuna. Nas redes sociais, costuma exibir seu padrão de vida luxuoso, postando imagens ao lado de carros importados, iate e jato. Ele também é próximo de celebridades como o cantor Gusttavo Lima, de políticos e de autoridades como o ministro Kassio Nunes Marques, do Supremo Tribunal Federal. Segundo parlamentares que atuaram na comissão, o calibre dessas relações pode ter influenciado a decisão da CPI de desconsiderar as suspeitas que foram levantadas contra o empresário e de arquivar o relatório final. A investigação, como se diz, terminou em pizza.

As boas relações de Fernando Oliveira também auxiliaram — e muito — os seus negócios. A OIG conquistou recentemente um paraíso fiscal para chamar de seu. A empresa transferiu em junho de 2024 sua sede de Teresina para Santo Antônio de Lisboa, distante 330 quilômetros da capital do Piauí, depois que o então candidato a prefeito, Erivaldo Lopes (PT), prometeu editar um decreto com uma série de incentivos para a companhia se instalar no município. Em fe-


INSTAGRAM @ERIVALDOLOPES.SAL

DECRETO Erivaldo Lopes: o prefeito garante que não houve privilégio algum

vereiro, o ISS (Imposto sobre Serviços) foi reduzido de 5% para 1% pelo prazo de dez anos. Além disso, garantiu isenção de IPTU (Imposto Predial, Territorial e Urbano) e das taxas de aprovação de projeto, alvarás e fiscalização.

Oferecer benefícios fiscais é uma estratégia a que muitos gestores recorrem para atrair investimentos e gerar empregos. O decreto de Santo Antônio de Lisboa, no entanto, chama atenção por ter sido proposto ao município pela OIG Gaming, justamente a única a aproveitar até hoje a oportunidade. Com isso, apenas em ISS, Fernando Oliveira deixará de recolher cerca de 70 milhões de reais por ano, utilizando-se como base de cálculo o faturamento de 2024.

Segundo uma das suspeitas levantadas pela CPI das Bets, o grosso dessa receita estaria relacionado à operação e disseminação ilegal do jogo do tigrinho no Brasil. Fernando Oliveira nega ser dono do negócio, que, segundo ele, pertence a uma empresa estrangeira e é disponibilizado em seu site

ines249



NO CONGRESSO CPI: parlamentares investigaram golpes contra apostadores

por meio de um agregador de jogos por ele contratado. Suas empresas, afirma, faturam cerca de 200 milhões de reais por ano desenvolvendo jogos e atuando no mercado de apostas — tudo dentro da lei, garante.

Aos 34 anos, Fernandin OIG é um daqueles personagens que chamam atenção pela ascensão meteórica e também pelo exibicionismo. Seu jato particular, avaliado em mais de 60 milhões de reais, já transportou o ministro Kassio Nunes Marques, do STF, para uma festa de aniversário na Grécia. Recentemente, enfrentou um drama com a morte no último dia 20 do primo Erlan Oliveira, que era presidente da OIG. Ele foi vítima de um espancamento ocorrido em meio aos festejos de São João na cidade de Petrolina, em Pernambuco.

Procurado por VEJA, Fernandin não quis se pronunciar sobre a mudança da sede de sua empresa para o interior do Piauí. Santo Antônio de Lisboa tem 5 800 habitantes e metade da população é beneficiária do programa Bolsa Família.

LULA MARQUES/AGÊNCIA BRASIL

ines249



INSTAGRAM @FERNANDIN

EXIBICIONISMO
Oliveira: ascensão meteórica, luxo e amizades influentes

O prefeito Erivaldo Lopes explicou que a isenção fiscal foi uma promessa feita durante a campanha eleitoral a empresários de maneira geral — e não apenas ao dono da OIG. Segundo ele, Fernando Oliveira foi o único a pleitear o benefício até o momento: “Ele procurou a prefeitura no ano passado para dizer que estava interessado em transferir a sede da empresa para cá”. Para o município, a medida representou mesmo um excelente negócio. A arrecadação total de ISS, subiu 4 500% — de 30 000 reais por mês, saltou para 1,4 milhão em abril passado.

Nesse ritmo, a OIG sozinha será responsável no fim do ano por uma receita extra de mais de 15 milhões de reais, o equivalente à metade de todo o orçamento do município previsto para 2025. O reforço de caixa, de acordo com o prefeito de Santo Antônio de Lisboa, será aplicado, entre outras coisas, nas escolas. A VEJA, o político garantiu que não é amigo de Fernando Oliveira, mas apenas “um seguidor dele nas redes sociais”. A aposta é que a cidade piauiense, a capital do caju, em breve seja conhecida também com “a capital do tigrinho”. ■

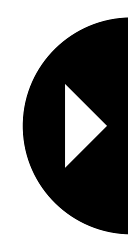
ines249

DESASTRE RECORRENTE

Enchentes voltam a forçar os gaúchos a deixar suas casas, enquanto o plano de reconstrução caminha em marcha lenta e deixa a população à mercê dos temporais **BRUNO CANIATO**



VIDA CURTA Ponte no Rio Caí: obra ruiu nove meses após ser inaugurada



LUÍS ANDRÉ/SECOM

ines249

ERA NOITE de 17 de junho quando os moradores de Eldorado do Sul receberam um aviso da Defesa Civil para o risco de enchentes em razão das chuvas que, mais uma vez, caíam com força em toda a região. Menos de duas semanas após o alerta, enquanto os temporais não cessavam, a prefeitura orientou a população que já havia deixado os locais mais vulneráveis a, simplesmente, não retornar — hoje, mais de 3 600 pessoas continuam fora de suas casas. Infelizmente, isso não representou nenhuma novidade para os 41 000 habitantes da cidade banhada pelo Lago Guaíba na área metropolitana de Porto Alegre, que chegou a passar por uma evacuação quase completa em 2024, quando teve 90% do seu território submerso durante a catástrofe climática que devastou o Rio Grande do Sul.

O drama é o retrato de uma crise que persiste no estado enquanto o bilionário plano de reconstrução e prevenção avança lentamente desde a tragédia de 2024. As chuvas recentes já causaram danos em mais de 100 cidades, forçaram cerca de 8 000 pessoas a deixar ao menos temporariamente suas casas. Mais de 1 200 estão em 33 abrigos espalhados por vinte municípios. Três gabinetes de crise foram instalados em Caxias do Sul, Lajeado e Santa Cruz do Sul. Ao menos 2 000 famílias tiveram de se socorrer do Volta por Cima, um auxílio único de 2 000 reais, criado para ajudar as pessoas mais vulneráveis.

Na capital, Porto Alegre, que ficou submersa durante semanas em 2024, a ameaça do Guaíba voltou a pairar. O

ines249

ANDRÉIA KRIS/FOTOARENA



TENSÃO Porto Alegre: sacos de areia para reforçar as comportas do Guaíba

volume das águas superou a cota de inundação e as ruas da zona sul voltaram a alagar, enquanto as ilhas sofrem com enchentes intermitentes há quase um mês. Das catorze comportas, três foram desativadas em razão dos danos no ano passado. As onze restantes foram fechadas ao longo dos dias para conter o Guaíba e quatro foram reforçadas com sacos de areia. A prefeitura afirma que fez a limpeza de resíduos dos canais, a reconstrução dos diques e a instalação de geradores em dezoito das 23 casas de bombas que controlam o nível da água. "Áreas que hoje são ocupadas irregularmente eram quase rurais em 1968, quando o sistema foi projetado, e a adaptação contra enchentes esbarra no problema da moradia irregular", diz

ines249

Bruno Vanuzzi, diretor-presidente do Departamento Municipal de Água e Esgotos.

A expansão urbana desenfreada não explica tudo, como sugerem as autoridades. Exemplos de ineficácia estão por toda parte. As 130 estações hidrometeorológicas para monitoramento do clima e dos rios, anunciadas na esteira da catástrofe de 2024, tiveram suas localizações definidas só no mês passado — sem prazo de operação. Os quatro diques previstos nem sequer saíram do papel e devem ser finalizados somente em 2031.A Ponte da Cooperação, sobre o Rio Caí, construída para ligar Caxias do Sul e Nova Petrópolis após a destruição da BR-116 em 2024 e inaugurada em setembro passado, foi danificada por inundações e está bloqueada.

As chuvas escancaram ainda o quadro de sucateamento da Defesa Civil. Segundo o Tribunal de Contas do Estado, 44% das cidades seguem com planos desatualizados e 17% nem possuem um planejamento para crises. A omissão se estende ao governo federal, que arrasta há dois anos a publicação do plano nacional. “Sem plano, a resposta é improvisada, e o improviso custa vidas”, diz Jordan de Souza, coordenador da especialização em resiliência de comunidades da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Mesmo medidas mais urgentes, como uma nova moradia aos desabrigados, demoram a andar. Em maio de 2024, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva visitou um abrigo em São Leopoldo e prometeu que todos os que per-

ines249

MAURICIO TONETTO/SECOM



NO ALVO Leite em um dos gabinetes de crise: trailer em cinemas gerou críticas

deram seus lares teriam a sua “casinha”. “Vamos esperar a água abaixar. Não perca a fé”, disse a um desabrigado. Segundo o balanço do Minha Vida Reconstrução, das 20 000 casas previstas, só 1 184 estão em construção e 16 500 seguem em fase de contratação. Um terço das cidades nem apresentou estimativa de quantos imóveis precisa.

A demora, segundo as autoridades, se deve tanto à burocracia dos projetos quanto à complexidade das obras. “Um quadro histórico de problemas urbanos não se resolve em um ano. Há uma narrativa política que ignora a necessida-

ines249

de de elaborar projetos a longo prazo com responsabilidade e avaliação dos impactos ambientais", afirma Pedro Capeluppi, secretário de Reconstrução do governo do estado.

Enquanto isso, sobra exploração política de todo lado. O governador Eduardo Leite desembolsou parte da verba da reconstrução para produzir e exibir nos cinemas gaúchos o documentário *Todos Nós por Todos Nós,* no qual se projeta como herói da retomada da normalidade no estado. O trailer virou munição para opositores, como o deputado Paulo Pimenta (PT), ex-ministro extraordinário da Reconstrução de Lula, que fez chacota da autopromoção e chamou o governador de "Eduardo Lento" em posts e vídeos nas redes sociais.

As novas imagens de ruas alagadas, escolas fechadas, pontes interditadas, pessoas desabrigadas e prejuízos variados causados pelas chuvas mostram que, a despeito de haver dinheiro, não houve competência para evitar o filme repetido — e ruim. Enquanto as autoridades se eximem de suas responsabilidades, os gaúchos sofrem com o desastre recorrente. ■

ines249

EXPANSÃO CRIMINOSA

Investigações sobre movimentação financeira e alianças com rivais mostram que o Comando Vermelho é a quadrilha que mais cresce no país

ANITA PRADO E **LUCAS MATHIAS**



ESTÁ DOMINADO Complexo do Alemão: o reduto estratégico do CV, que controla dois terços das favelas do Rio

DARIO OLIVEIRA/CODIGO19/FOLHAPRESS

NO INÍCIO DA TARDE de 1º de julho de 2024, Daniela Soares da Silva, 31 anos, cruzou a porta giratória da agência do Banco do Brasil no bairro do Catete, Zona Sul do Rio, carregando uma mochila nas costas. Dentro, escondidos entre panos velhos e papéis soltos, havia 152 000 reais em espécie, que ela pretendia depositar em nome de uma empresa de perfumes sediada em São Paulo. Não era a primeira vez: nos vinte dias anteriores, Daniela, ex-mulher de um presidiário, havia repetido o mesmo ritual pelo menos nove vezes, sempre com montantes superiores a 100 000 reais. Naquele dia, porém, ao se dirigir ao caixa, foi interpelada por agentes da Delegacia de Roubos e Furtos da Polícia Civil. Iniciava-se ali uma investigação que viria a revelar um bilionário esquema de lavagem de dinheiro do Comando Vermelho, ou CV, a quadrilha criminosa que mais cresce no país e que desafia as autoridades em quase todo o território nacional.

O fio do novelo puxado pela interceptação do dinheiro portado por Daniela, método de combate à criminalidade organizada que costuma ser mais eficiente do que a subida do morro com veículos blindados e armamentos pesados, escancarou as entranhas financeiras do bando carioca e, ao mesmo tempo, revelou sua assustadora dimensão. O inquérito sigiloso, ao qual VEJA teve acesso, revela que entre março e julho de 2024 essa única célula movimentou 23 milhões de reais em depósitos em dinheiro vivo, sempre por meio de laranjas, em contas de empresas de

ines249



SECRETARIA DE POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO GERAL DE POLÍCIA ESPECIALIZADA
DELEGACIA DE ROUBOS E FURTOS - DRF



Uma prática que tem se tornado comum é o uso de depósitos em espécie em empresas de fachada, que posteriormente "limpam" esses valores por meio de bancos digitais que oferecem serviços financeiros ágeis e, muitas vezes, com menos rigor na verificação de identidade e origem dos fundos, o que facilita a ocultação de transações suspeitas.

Como inicialmente narrado, DANIELA SOARES DA SILVA estava de posse da quantia de R$ 152.097,00 (cento e cinquenta e dois mil e noventa e sete reais), em espécie, em notas de diversos valores, com aspecto degradado e transportava tal quantia em uma mochila, quando ao adentrar na agência do Banco do Brasil localizada no bairro do Catete, na Rua do Catete, 44, Rio de Janeiro/RJ, para efetuar o depósito foi abordada por policiais desta Unidade Policial que tinham informação sobre uma mulher com as características físicas de DANIELA que estava realizando vários depósitos, de altas quantias, em espécie, naquela agência bancária.

LAVANDERIA Trecho do processo que rastreou e apreendeu bilhões do crime: esquema financeiro sofisticado envolvendo fintechs e criptomoedas



REPRODUÇÃO

ines249

fachada. Tudo indica que o volume injetado naquela agitada lavanderia é uma gota d'água em um oceano de negócios escusos. "Em um período de um ano e meio, as movimentações do grupo no sistema bancário foram da ordem de 16 bilhões de reais", aponta o secretário de Polícia Civil do Rio, Felipe Curi. Esse montante, o maior já rastreado pela polícia nas investigações ligadas ao CV, comprova que a quadrilha está nadando em dinheiro e o desloca através de um sofisticado esquema baseado em fintechs — startups de serviços financeiros digitais — e plataformas de criptomoedas.

Seu lucrativo comércio de drogas contava inclusive com um banco próprio, o 4TBank (hoje desativado), uma ativa lavanderia de dinheiro sujo. Aberto como fintech, ele simulava atividades empresariais diversas, especialmente com moeda digital, para financiar o tráfico. A investigação sobre o 4TBank revelou ainda uma inusitada aliança do CV com o aparente idealizador do banco da bandidagem, o paulista Primeiro Comando da Capital, o PCC, outro gigante do mundo do crime com quem o bando carioca até recentemente brigava por pontos e rotas de drogas — as duas facções utilizavam os mesmos serviços para escoar montantes bilionários. "Eles entenderam que era melhor dividir receitas do que promover uma guerra em que todos saem perdendo", explica o secretário de Segurança do Rio, Victor Santos. Ele refuta os rumores de que o tal acordo já teria sido desfeito. "Nos presídios, há criminosos do PCC



FABIANO ROCHA/AGÊNCIA O GLOBO

LUXO Prédio com piscina: QG de aliados do CV na Rocinha tinha até túnel para fuga em operações policiais

em alas destinadas a membros do CV, sem qualquer indício de rivalidade”, diz.

As forças de segurança fluminenses veem uma conexão direta entre a sinistra aliança e os avanços do CV pelo país. O PCC teria aberto o caminho ao novo aliado, ao decidir se dedicar mais às vendas no atacado do tráfico internacional e passar adiante o controle de territórios, especialidade da mais antiga quadrilha fluminense em funcionamento, que domina extensas áreas no Rio de Janeiro e na Baixada. O Ministério Público paulista já comprovou que em quatro cidades do eixo Rio-São Paulo — Caraguatatuba, Lorena, Bananal e Ubatuba — a atividade criminosa

ines249

mudou de mãos. “Não houve confronto nem guerra. O PCC escolheu deixar esses locais, onde hoje circulam jovens armados controlando o tráfico local, como é típico do CV”, explica o promotor de Justiça Alexandre Castilho, que atua no Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaeco) na região.

Alianças se tornaram a principal ferramenta do Comando Vermelho para alongar seus tentáculos, inclusive além-mar. A polícia mapeou atividades suspeitas em Portugal, com a violência que é marca registrada do grupo — na cidade de Seixal, o corpo de um desafeto do CV foi encontrado carbonizado dentro de um caixote. Outro alerta piscou na Itália, onde um presidiário pertencente à temida máfia calabresa ‘Ndrangheta confessou, na audiência de custódia, ter feito viagem recente a várias capitais brasileiras para encontrar chefões do CV e do PCC e estabelecer parcerias para o transporte de cocaína. A mais preocupante das novas rotas abertas pela quadrilha carioca, porém, é aquela firmada com gangues dos Estados Unidos para a obtenção de armamento pesado. Em março, a Polícia Federal deflagrou uma operação para desbaratar um esquema responsável pelo envio de 2 000 fuzis para as comunidades controladas pelo CV no Rio.

No plano nacional, a expansão não é menos agressiva — a ação da polícia contra o Comando Vermelho, presente em presídios de 25 dos 27 estados, se estende até o Amazonas. Em algumas regiões, quadrilhas regionais, com me-

ines249


BRUNO KELLY

AVANÇO Amazonas: as ações da polícia contra a facção chegam à floresta

nor poder de fogo, se tornam “franquias” do CV, garantindo o fornecimento de drogas em troca de proteção da matriz. A dimensão dessa rede se escancarou na recente descoberta de três imóveis na parte mais alta da favela da Rocinha, no Rio, que funcionavam como quartel-general da “franquia” cearense. Avaliados em 6 milhões de reais, os prédios contavam com piscina na cobertura e tinham até uma passagem secreta para a mata.

Os morros cariocas, onde quem dá as cartas é o poder paralelo, se converteram em valiosos ativos do Comando Vermelho para encastelar aliados. Na mesma Rocinha, ao que tudo indica, se abriga Anastácio Paiva Pereira, o “Do-

ines249

ze", líder do CV no Ceará que, com cinco mandados de prisão por homicídio, organização criminosa e tráfico de drogas, segue foragido. Ainda segundo o serviço de inteligência da polícia, dois chefes do PCC suspeitos de ordenarem o assassinato de Vinicius Gritzbach, empresário que delatou a cúpula do bando paulista, estão refugiados no Complexo da Penha, outra vasta área controlada pela quadrilha carioca na Zona Norte da capital.


REPRODUÇÃO

HÓSPEDE "Doze": chefão cearense estaria abrigado em favela carioca

O Comando Vermelho tem sob seu domínio dois terços das favelas no Rio, sendo seu mais estratégico território o Complexo do Alemão, com 3 quilômetros quadrados, na Zona Norte. A gangue também vem fazendo incursões sobre as áreas de milícia. "Tem um menino de 13 anos andando pela comunidade com duas granadas na cintura e armado até os

ines249

dentes", desabafa uma moradora da Gardênia Azul, Zona Oeste, que o tráfico acaba de tomar dos milicianos. Sob a nova gestão multiplicaram-se os pontos de venda de drogas e o desfile ostensivo de armamentos. "Eles possuem armas feitas para derrubar helicópteros e atravessar blindados. Muitos traficantes usam coletes à prova de granada", relata um professor de uma escola localizada a 200 metros de uma boca de fumo. "Para dar aula, passo por quatro barricadas e preciso pedir autorização a homens armados com fuzis e metralhadoras", diz.

A pedido de VEJA, o Disque Denúncia fez um levantamento inédito das informações que recebeu no Rio de Janeiro do começo do ano até agora. Conclusão: quase 30% das denúncias envolvem o CV, a maior proporção entre todas as quadrilhas do estado — incluindo milícias. Boa parte dos relatos envolve extorsões na cobrança de serviços como internet, gás e TV a cabo, instalação de câmeras, uso de drones para vigilância das comunidades e até expulsão de moradores de suas casas, tudo sempre marcado por altas doses de violência. É alarmante constatar que o domínio do tráfico sobre territórios sem lei se espalha velozmente pelo país e até fora dele — uma marcha que ameaça o futuro e precisa ser contida com urgência. ■

ines249

PEDRO GIL





DIVULGAÇÃO

DIVERSIFICAÇÃO Jereissati: herdeiro do Iguatemi quer investir no agronegócio

De olho no campo

Herdeiro do Grupo Iguatemi, um dos maiores administradores de shoppings do Brasil, **Leopoldo Jereissati** tem estudado teses de investimento no agronegócio nos últimos meses. Ele se mostra especialmente interessado por atividades como resinagem (extração de resina de árvores), pecuária e cultivo de grãos. “Devo entrar nesse mercado em algum momento”, afirma.

Negócios à parte

O grupo que leva o nome da família de Leopoldo é proprietário do Grande Moinho Cearense, empresa que atua na moagem de trigo e fatura 1,2 bilhão de reais por ano. Jereissati não quer negócios

ines249

conjuntos. “Sou dono da minha agenda, da minha vida e do meu tempo. Meu prazer sempre foi ligado ao empreendedorismo”, diz.

Investimento verde

O Grupo Boticário, uma das maiores empresas brasileiras de cosméticos e perfumaria, busca financiamento para a construção de uma fábrica em Minas Gerais. Em 2024, o grupo captou 2 bilhões de reais por meio de debêntures verdes, títulos de dívida vinculados a metas de sustentabilidade.

Cheiro de expansão

A nova fábrica integra o plano de expansão do Grupo Boticário, que prevê investimentos superiores a 4 bilhões de reais nos próximos quatro anos. O terreno para a unidade, em fase final de aquisição, está localizado em Pouso Alegre, no sul de Minas Gerais.

Estreia no exterior

A Oncoclínicas, rede especializada no tratamento do câncer, vai inaugurar em agosto sua primeira unidade internacional, na Arábia Saudita. Fundada pelo médico Bruno Ferrari, a companhia tem capital aberto e presença em diversas regiões do Brasil. O projeto internacional sofreu atrasos, em parte porque a empresa concentrou esforços na diminuição da dívida, hoje na casa de 3 bilhões de reais.

Rumo ao sul

Maior bolsa de valores da Europa e a quinta do mundo, a Euronext prepara movimentos estratégicos na Amé-

ines249

rica do Sul. A instituição avalia uma possível investida na Bolsa de Buenos Aires, na Argentina, e planeja abrir um escritório no Brasil.

Sem fronteiras

A Euronext já opera em sete praças: Amsterdã, Bruxelas, Dublin, Lisboa, Milão, Oslo e Paris. Está em negociação para a compra da Bolsa de Atenas por 400 milhões de euros.

IA na mira

Após receber um aporte de 400 milhões de reais da americana BlackRock, a maior gestora de investimentos do mundo, a Clash, holding brasileira do setor de tecnologia, prepara uma ida às compras. O plano é adquirir uma empresa de inteligência artificial especializada em soluções de cobrança.

Marcando posição

O conselheiro Carlos Jacques, que lançou candidatura à presidência do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), sabe que suas chances são mínimas — e encara a disputa com espírito esportivo. “Estou começando agora. Só de receber alguns votos já será um prazer”, disse recentemente.

O favorito

Carlos Jacques chegou ao Cade há pouco mais de um ano, indicado pelo Senado, onde é servidor de carreira. Nos bastidores do governo, o nome de consenso para assumir a presidência da autarquia é o do conselheiro Victor Fernandes. O mandato do atual presidente, Alexandre Cordeiro, termina no próximo dia 10 de julho. ■

ines249

VOCÊRH apresenta

PRÊMIO

RH DO ANO

CORREALIZAÇÃO

Great Place To Work®

EXEC

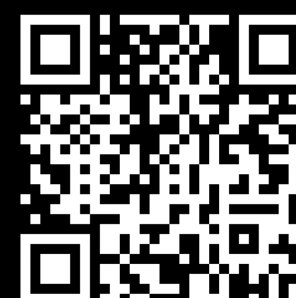
O RECONHECIMENTO DE QUEM LIDERA O FUTURO DO TRABALHO

Criado pela Você RH, em parceria com o GPTW e a EXEC, o prêmio reconhecerá os líderes de RH que mais se destacaram na gestão de pessoas ao longo do ano.

Serão contemplados 24 profissionais com ouro, prata ou bronze em oito categorias, além das premiações especiais "Pioneirismo em RH" e "RH do Ano".








Saiba mais e participe até 25/07

ines249

A VIDA AOS 15%

A taxa de juros volta ao maior nível desde 2006 e já começa a prejudicar o consumo das famílias, os investimentos das empresas e o ritmo do crescimento da economia brasileira

JULIANA ELIAS E **ANA PAULA RIBEIRO**



CLAUDIO GATTI

ines249

Depois de acabarem com a hiperinflação no Brasil, alguns dos principais formuladores do Plano Real, programa de estabilização da moeda que completou 31 anos na terça-feira 1º de julho, decidiram se debruçar sobre outra mazela nacional que emergiu tão logo os preços galopantes desapareceram: as exorbitantes taxas de juros de que o Brasil passou a depender dali em diante. Em 1998, ainda sob um custoso regime de câmbio fixo, os juros básicos brasileiros chegaram a bater impressionantes 40% ao ano. Eles seguiriam ainda por uma década acima dos dois dígitos e recorrentemente no topo dos mais altos do mundo. O Brasil, na verdade, nunca saiu do pódio global dos juros mais elevados, mas a inquietação em torno das causas desse fenômeno — e, sobretudo, de seus efeitos nocivos na economia — voltou ao centro dos debates. O gatilho foi o aumento recente da Selic para 15% ao ano, decidido pelo Banco Central em meio à difícil missão de seu presidente, Gabriel Galípolo: conter uma inflação persistente, alimentada por gastos públicos que seguem em disparada no governo Lula. Tendo em con-

QUEIMA DE ESTOQUE

Vender com desconto e não se endividar. Essa é a estratégia comercial da construtora paulista MBigucci, do empresário Milton Bigucci Junior, para reforçar o caixa sem precisar recorrer a crédito.

ta a recaída populista do presidente, na base do discurso antagonizando pobres contra ricos *(leia a reportagem "A volta do pai dos pobres"),* a necessária correção de rumos fica cada vez mais improvável.

Resultado: a Selic não alcançava um nível tão alto desde 2006, quando Lula também estava no Planalto. Entre as quarenta maiores economias do mundo, apenas a Turquia, com uma inflação de 35% ao ano, apresenta juros reais superiores aos 9,5% ostentados hoje pelo Brasil. A taxa real, que desconta dos juros nominais a inflação, é a que realmente influencia a vida de empresas e pessoas, afetando crédito, consumo e decisões de investimento. E o cenário está longe de melhorar: em relatório recente, o Banco Central alertou que a Selic deve permanecer nesse nível por "um período bastante prolongado", até que haja sinais claros de que a inflação, atualmente em torno de 5% anuais, retornará à meta de 3%. "O Brasil tem estruturas que exigem juros mais altos que os de outros países para conter a inflação", afirma Fabio Kanczuk, ex-diretor de política econômica do BC e atual diretor de macroeconomia da instituição financeira ASA. Entre os fatores que explicam essa anomalia estão os elevados gastos públicos, o baixo nível de poupança e um emaranhado de subsídios e linhas de crédito oficiais que amortecem os efeitos do aperto monetário. É por isso que o país consegue conviver com taxas que, em qualquer outra economia, provocariam uma hecatombe. "Os juros já estão altos há algum tempo,



LEO CALDAS

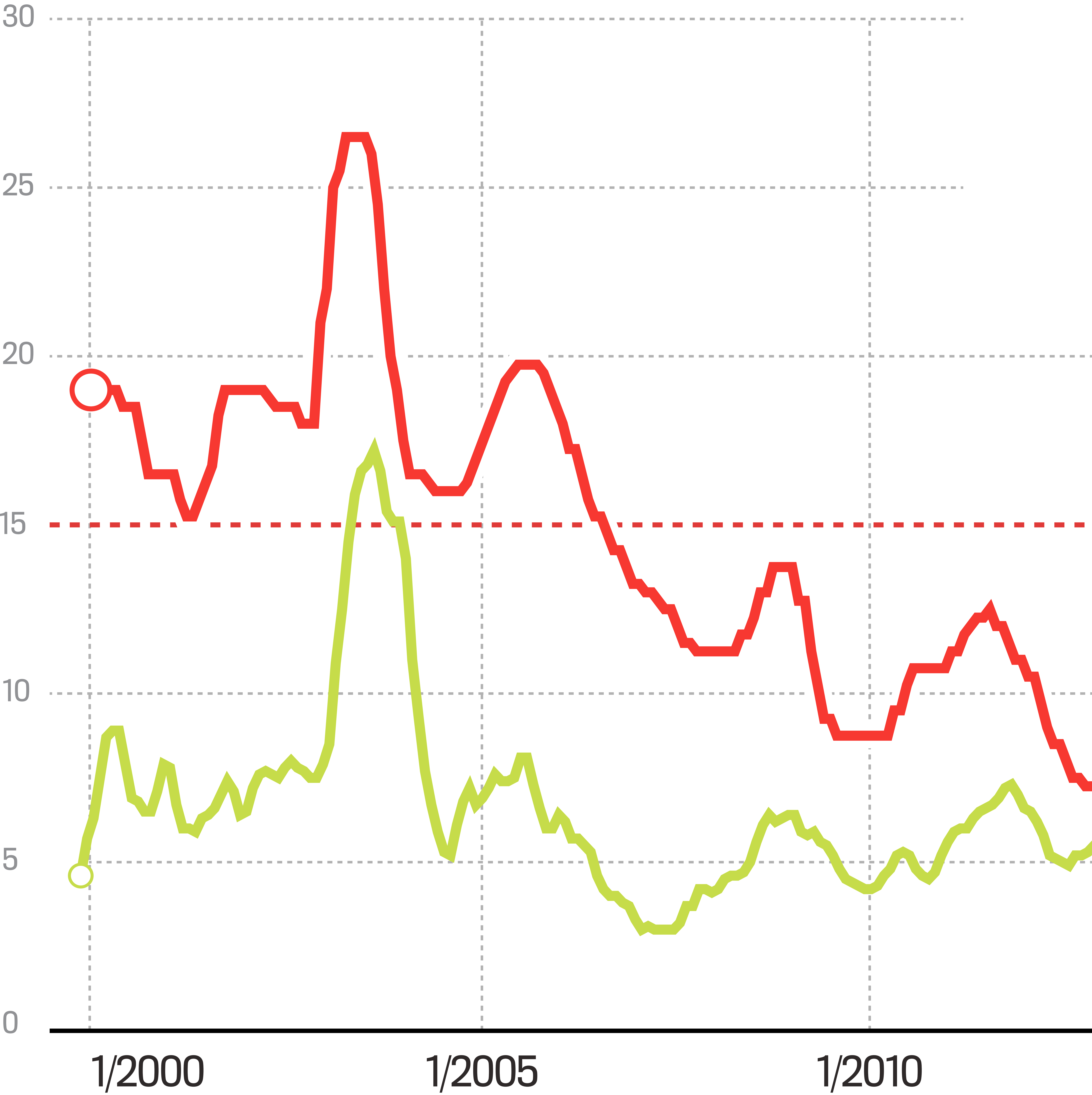
SONHO ADIADO

O estudante José dos Prazeres pretendia comprar uma moto zero-quilômetro, mas se assustou com os encargos acima de 3% ao mês para o financiamento. A saída foi adquirir um veículo usado.

ines249

MAIOR EM DUAS DÉCADAS

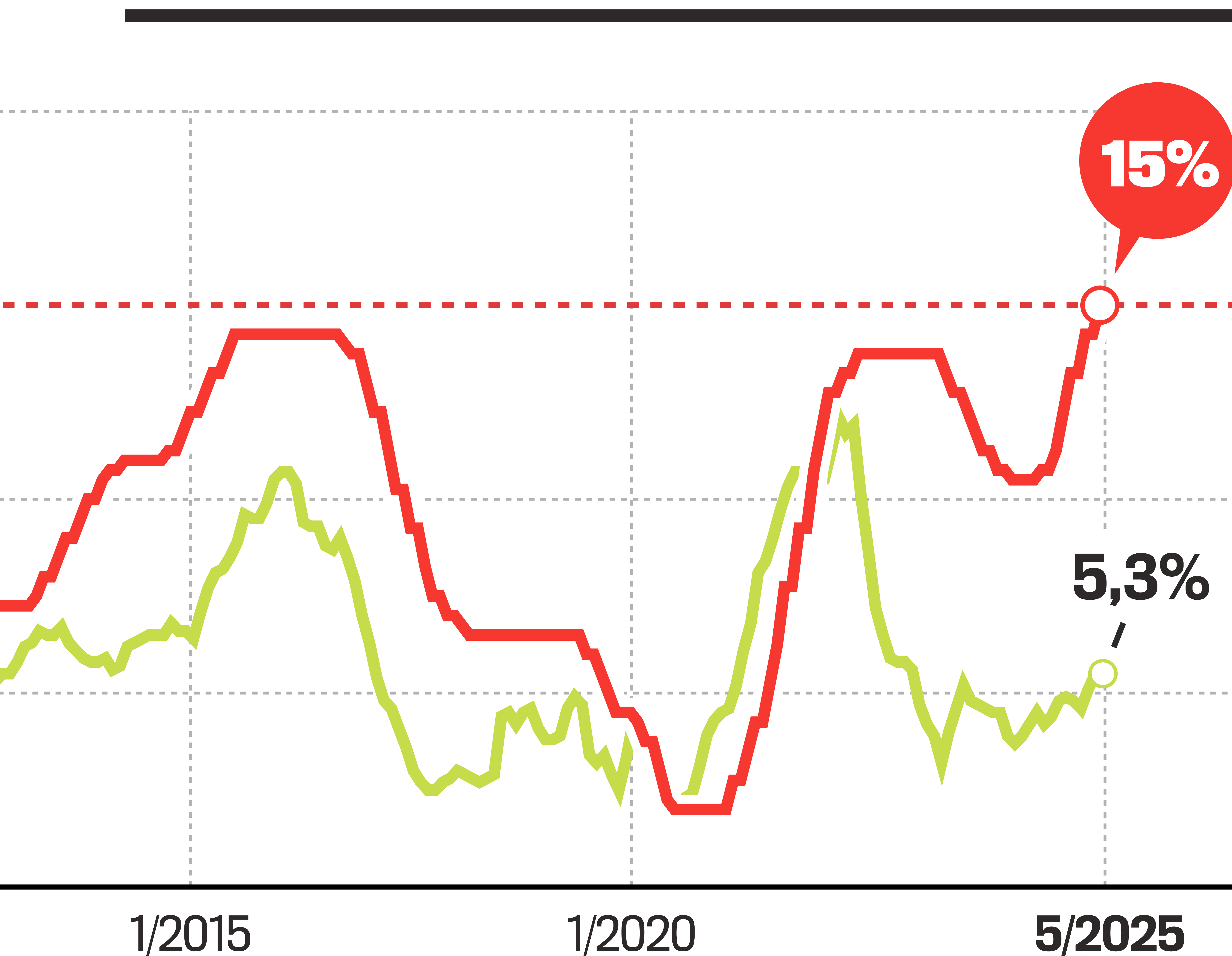
Evolução da taxa de juros e da inflação acumulada em doze meses



ines249

mas é agora que começarão a surtir efeito", afirma Kanczuk.

O impacto imediato é tornar o crédito mais caro, algo que desestimula o consumo das famílias e freia os investimentos das empresas. Com a queda nas vendas, as companhias reduzem a produção e começam a demitir. Menos renda em circulação leva à diminuição da demanda, e só então os preços — a última peça desse dominó — passam a recuar. "Investir ficou caro e não se sabe como ficará a demanda, então, quem tem dinheiro está deixan-



Fontes: *Banco Central e IBGE*

ines249

TUANE FERNANDES/BLOOMBERG/GETTY IMAGES



CONTRAÇÃO Loja de eletrônicos: as vendas de bens pagos a prazo vêm caindo nos últimos meses

do guardado na renda fixa”, diz Luciano Telo, executivo-chefe de investimentos para o Brasil da UBS Global Wealth Management, gestora suíça de fortunas de famílias e empresários. Quem já tem dívida, por sua vez, vê o custo de pagá-las pesar mais, enquanto os juros aumentam. “Demitir é a última opção das empresas, mas, conforme o endividamento piora, elas ficam sem opção além

ines249

CHARLES SHOLL/BRAZIL PHOTO PRESS/AGÊNCIA O GLOBO



MISSÃO DIFÍCIL Galípolo, presidente do BC: o desafio é fazer a inflação recuar para 3%

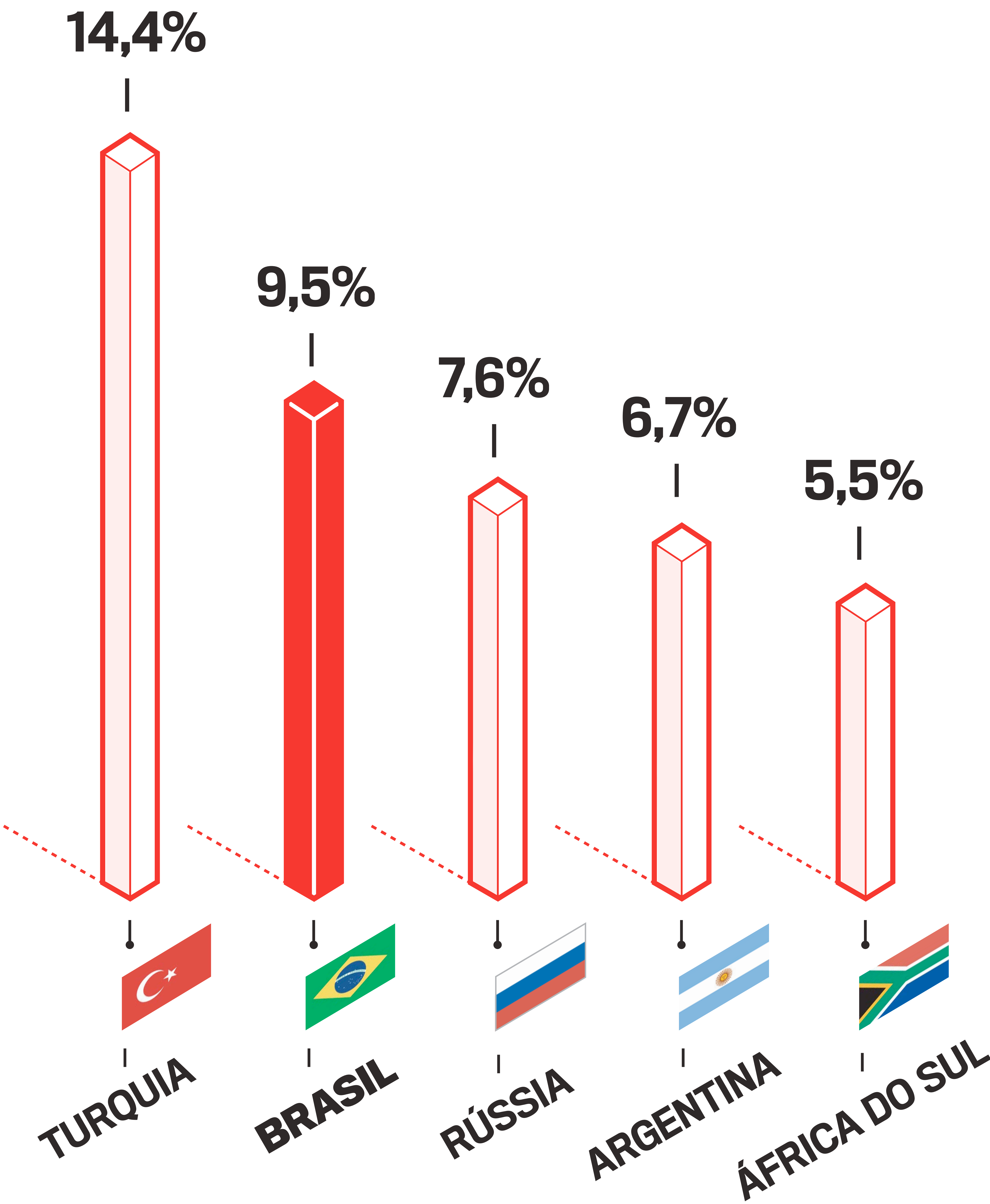
de cortar custos, até chegar aos funcionários", afirma Camila Abdelmalack, economista do Serasa Experian.

Os danos, de fato, começam a se espalhar pela economia, antecipando tempos mais duros à frente. "O varejo já vem sendo significativamente pressionado pelo aumento de custos e, apesar do mercado de trabalho aquecido, começa a sentir os efeitos nas vendas", diz José Roberto Ta-

ines249

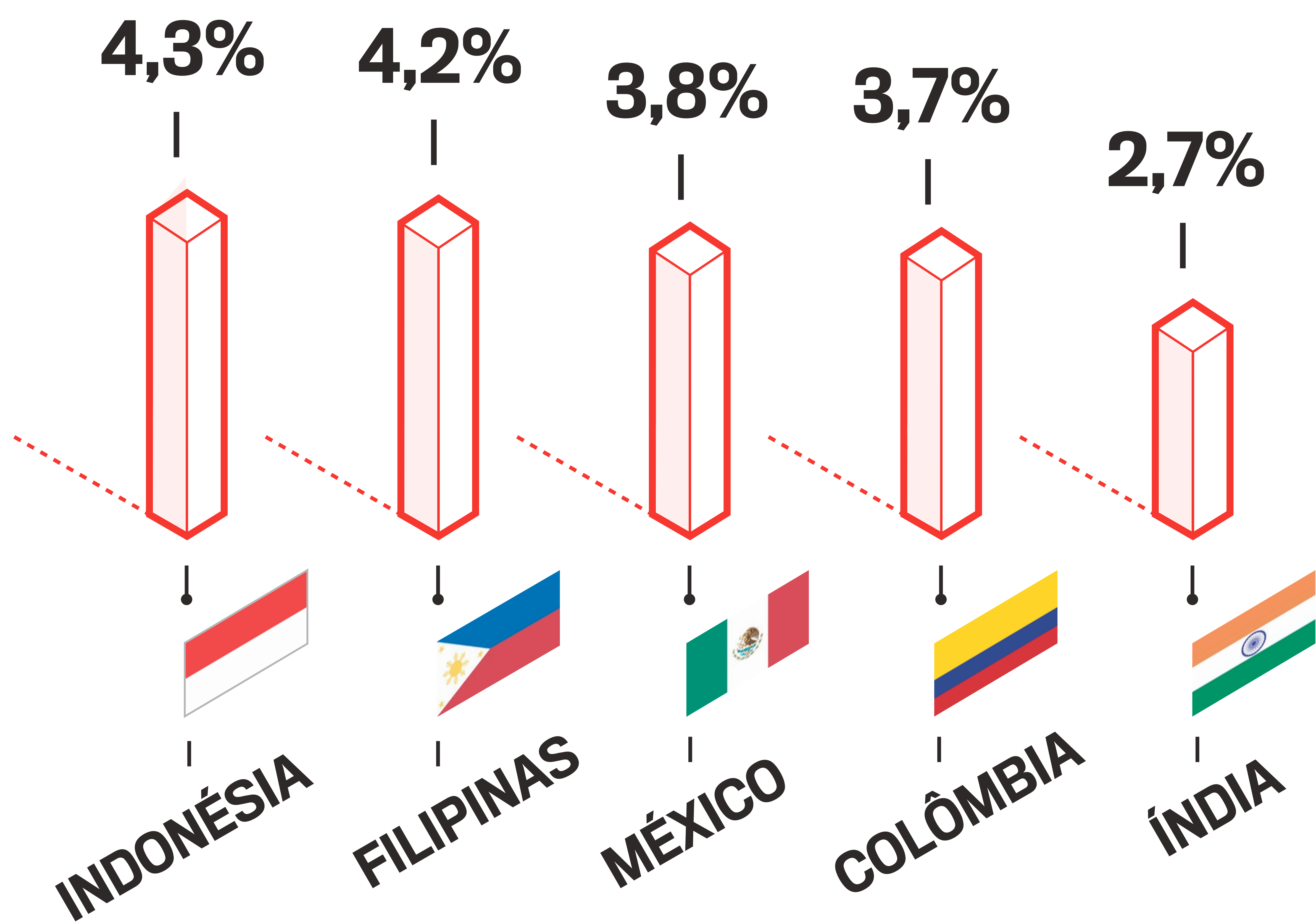
NO PÓDIO

As dez maiores taxas de juros reais, descontada a inflação, entre quarenta das principais economias do mundo*



* Juros futuros para doze meses à frente, descontada a inflação projetada para o mesmo período

dros, presidente da Confederação Nacional do Comércio. A chamada "tempestade perfeita" se completa com a fuga dos consumidores de compras a prazo. Um exemplo desse comportamento é o do estudante José Cristovão dos Prazeres Neto, de 24 anos, que desistiu da compra de uma moto nova depois de analisar o custo da dívida. "Acabei optando por uma usada, que pude pagar à vista", diz. Com o tempo, isso significará uma unidade a menos a ser produzida — um reflexo dos juros altos sobre a indústria.



Fonte: *Lev Intelligence/MoneYou*

ines249

A fabricação de equipamentos de transporte, como motocicletas, que havia crescido 10% no ano passado, recuou 1,5% em maio na comparação com abril, segundo o IBGE. E o fenômeno se repete em outros setores dependentes do crédito, como eletroeletrônicos, móveis e materiais de construção. "A indústria ainda tem alguma capacidade ociosa e há espaço para ampliar a produção", afirma Mário Sérgio Telles, diretor de economia da Confederação Nacional da Indústria. "Mas, diante das expectativas de crescimento mais lento, é difícil imaginar novos anúncios de investimentos."

Entre os setores que mais dependem do crédito, a construção civil — um dos maiores empregadores do país — também começa a perder fôlego. "Essa Selic só não virou uma catástrofe porque veio em um momento de forte demanda", afirma Milton Bigucci Junior, sócio e diretor técnico da construtora paulista MBigucci. Para conter o endividamento, a empresa decidiu, por ora, frear os lançamentos e concentrar esforços na venda dos imóveis já prontos ou em construção. Não está sozinha. O anúncio de novos empreendimentos no país — o que gera os investimentos e empregos — caiu 28% no primeiro trimestre em relação ao trimestre anterior, segundo levantamento da Câmara Brasileira da Indústria da Construção. "O setor ainda não está demitindo, mas já contrata menos do que no ano passado", diz o presidente da entidade, Renato Correia.

ines249

A boa notícia é que, ao menos por enquanto, ninguém prevê uma grande crise. As projeções dos economistas indicam que o país deve crescer cerca de 2% neste e no próximo ano. É um ritmo modesto, mas estável, após três anos de expansão por volta de 3%. A má notícia é que o desempenho está longe de ser suficiente para corrigir as deficiências estruturais do Brasil. No longo prazo, crescer mais exige inflação controlada e juros baixos. Trata-se de uma fórmula bastante conhecida, mas que o país ainda não conseguiu pôr em prática. “Não existe uma única explicação para os juros historicamente altos no Brasil”, diz Márcio Garcia, professor de economia da PUC-Rio e estudioso do tema desde os tempos do Plano Real. “Mas não há dúvida de que, se os governos contivessem nossos gastos públicos excessivos, a taxa poderia ser muito menor.” Em trinta anos, o país avançou em reformas importantes. Ainda assim, o trabalho está longe de ser concluído para que os brasileiros possam se ver livres dos recorrentes ciclos de juros elevados. ■

ines249



MAÍLSON DA NÓBREGA

A ABERRAÇÃO NA ENERGIA

A cobrança de subsídios na conta de luz é um imposto disfarçado

A CONCESSÃO de subsídios ao consumo de energia elétrica, pagos por parte dos consumidores, fere princípios básicos de processo orçamentário. Ouso afirmar que são inconstitucionais, mas foram aprovados pelo Congresso, como a lhes conferir legitimidade. Pior, jabutis infestam a conta de luz em favor de grupos de interesse.

Um palco dessas distorções é a Conta de Desenvolvimento Energético (CDE), criada em abril de 2002 para subsidiar usuários de baixa renda, irrigação e outras finalidades. Seus recursos vêm de encargos cobrados dos consumidores na conta de luz. Outro palco são os subsídios implícitos, sem espaço aqui para comentá-los.

Como assinalou Marcos da Costa Cintra (presidente do Instituto Pensar Energia) em artigo na *Folha de S.Paulo* (10/6/2025), a CDE "se degradou em um sistema de transferências automáticas e fragmentadas, sem critério, prazo ou controle institucional efetivo". Em 2002, a conta movimentava 1 bilhão de reais. Oito anos depois, 5 bilhões de



ines249

reais. Passou de 40 bilhões de reais em 2024 e pode ultrapassar 50 bilhões de reais em 2025. Hoje, prossegue Cintra, os encargos da CDE consomem 13% da fatura de energia elétrica. “Somados aos tributos, mais de 45% da conta não reflete energia, mas o acúmulo de decisões políticas pouco transparentes e não revisadas.”

Pior do que as distorções econômicas desses subsídios, que penalizam os consumidores, a forma como se decidem os benefícios e se arrecadam os recursos constitui uma afronta à Constituição. Os subsídios são concedidos sem trânsito pelo Orçamento, contra o princípio da legitimidade do gasto público. A rigor, os custos incluídos na conta de luz são uma espécie de tributo sem previsão constitucional. Para cobrar um tributo sobre a conta de luz haveria que o conceituar como tal na Carta Magna e definir a base de cálculo, as hipóteses de incidência e as respectivas alíquotas.

“A forma como se decidem os benefícios e se arrecadam os recursos afronta a Constituição”

ines249

Mais que isso, como tudo acontece fora dos cânones das finanças públicas, a gestão financeira e operacional das receitas não é feita pela Secretaria da Receita Federal, mas pela Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), desde maio de 2017. A CCEE cuida da liberação dos recursos, e não a Secretaria do Tesouro Nacional. As transações são chanceladas por uma auditoria privada independente, que emite periodicamente relatórios de conformidade, e não pelo Tribunal de Contas da União. Lembre-se, estamos falando, na prática, de um verdadeiro tributo e de despesas de subsídios que têm natureza pública.

A tudo isso se soma a ação populista decorrente da medida provisória 1300, que garante gratuidade no consumo de até 80 kWh mensais para famílias de baixa renda inscritas no Cadastro Único (CadÚnico) com renda de até meio salário mínimo por pessoa. O custo desse subsídio ampliado virá na conta de luz de quem dele não se beneficiará. Nada contra, mas a forma civilizada de fazê-lo seria via criação ou ampliação de tributos e pela inclusão da respectiva despesa no Orçamento. É preciso acabar com os orçamentos paralelos. ■

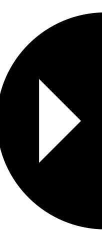
ines249

DECOLAGEM DE LUXO

A frota de jatos executivos no Brasil bate recorde e põe o país na posição de protagonista no cada vez mais concorrido mercado global da aviação privada **FELIPE ERLICH**



NAS ALTURAS Catarina Aviation Show: edição 2025 do evento aéreo teve a participação recorde de 4 000 pessoas



LUIZ FERNANDO MENDES

DESEMBOLSAR dezenas de milhões de dólares por um bem que só será entregue dentro de três anos está longe de ser uma decisão trivial. Ainda assim, esse não é um obstáculo para o apetite crescente do mercado brasileiro de jatos executivos. Segundo dados da Abag, a associação que representa a aviação geral no país, a frota nacional desse tipo de aeronave cresceu 17% nos doze meses encerrados em abril, ultrapassando neste ano, pela primeira vez, a marca de 1 000 modelos em operação. Com esse avanço, o Brasil passou a ser o segundo maior polo da aviação executiva no mundo, atrás dos Estados Unidos, que somam 15 500 unidades. Embora a distância para os americanos seja enorme, o desempenho brasileiro impressiona. “Acho que vamos nos consolidar nessa posição”, diz Flávio Pires, presidente da Abag.

De fato, há razões para o otimismo. Desde a pandemia de covid-19, a aviação executiva vive um boom global. Com as restrições impostas à aviação comercial, empresas e indivíduos passaram a enxergar nos jatos particulares uma opção viável. Uma palavra frequentemente usada no setor é comodidade. “O jato é como uma máquina do tempo que permite visitar vários lugares e ainda chegar em casa para ver a família à noite”, diz Marcelo Moreira, vice-presidente de vendas para a América Latina da Textron, controladora da fabricante de aviões Cessna. No Brasil, os

ines249

ventos são ainda mais favoráveis. "Além da vasta extensão territorial e da cobertura limitada da aviação comercial, o país tem hoje um número crescente de empresas capazes de bancar esse tipo de investimento", diz André Castellini, sócio da consultoria Bain & Company.

Não é de hoje que o Brasil tem problemas crônicos em sua infraestrutura de transporte. O país conta com pouco mais de 500 aeródromos públicos, sendo que mais de 30% deles estão concentrados na região Sudeste. Para efeito de comparação, o número representa apenas um décimo da quantidade de infraestruturas semelhantes nos Estados Unidos, cuja extensão territorial não difere muito da nossa. A concentração regional também é um problema, uma vez que negligencia setores da economia que operam longe do eixo Rio-São Paulo.

Para compensar essa carência, a iniciativa privada controla 3 500 aeródromos no país, com metade deles instalados no Centro-Oeste, região que é uma potência do agronegócio. "O pessoal do agro representa um grupo grande de compradores", diz Vinnicius Vieira, sócio da divisão brasileira da Nürnberg-Messe, empresa de eventos alemã que, ao lado da construtora brasileira JHSF, organiza a feira Catarina Aviation Show. A edição 2025 do evento contou com a participação recorde de 4 000 pessoas.

ines249

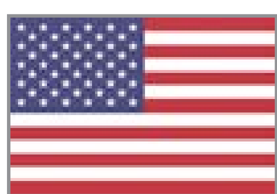


NO TOPO

Os jatos executivos mais vendidos do mundo



Gulfstream G500/G600/G650ER/G700



EUA

UNIDADES ENTREGUES

118

FAIXA DE PREÇO

45 milhões a 80 milhões de dólares

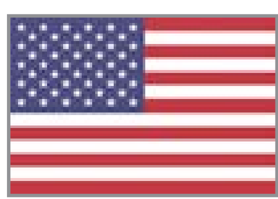
CARACTERÍSTICAS

Jato de grande porte e longo alcance, com capacidade para até dezenove passageiros. Pode voar distâncias de até 14 350 quilômetros (modelo G700)

ines249



Cirrus SF50



EUA

UNIDADES ENTREGUES

101

FAIXA DE PREÇO

3 milhões a 3,5 milhões de dólares

CARACTERÍSTICAS

Jato muito leve, com capacidade para até sete passageiros. Possui alcance máximo de 2 360 quilômetros

ines249



Bombardier Challenger 3500/650



Canadá

UNIDADES ENTREGUES

73

FAIXA DE PREÇO

27 milhões a 32 milhões de dólares

CARACTERÍSTICAS

Aeronave da categoria média, transporta até doze passageiros e tem alcance máximo de 7400 quilômetros (modelo Challenger 650)

ines249



Bombardier Global 5500/6000/6500/7500

 *Canadá*

UNIDADES ENTREGUES

73

FAIXA DE PREÇO

46 milhões a 78 milhões de dólares

CARACTERÍSTICAS

Jato executivo de longo alcance, com capacidade para até dezenove passageiros. Sua autonomia chega a 14 260 quilômetros (modelo Global 7500)

ines249

FOTOS DIVULGAÇÃO



Embraer Phenom 300



Brasil

UNIDADES ENTREGUES

65

FAIXA DE PREÇO

10 milhões a 11,5 milhões de dólares

CARACTERÍSTICAS

Modelo da categoria leve, comporta até dez passageiros e tem autonomia de voo de 3720 quilômetros

Fontes: *General Aviation Manufacturers Association (Gama) e fabricantes. Dados referentes a 2024*

ines249

O setor também prospera no Brasil graças à diversidade de usos. Enquanto empresários do agro tendem a preferir modelos turboélice, ideais para pousos em pistas curtas ou de terra batida, investidores da Faria Lima escolhem jatos de longo alcance, como o cobiçado Global 7500, da canadense Bombardier, capaz de voar de São Paulo a Nova York sem escalas. Segundo Michael Anckner, vice-presidente da Bombardier para a América Latina, a variedade no perfil dos compradores se intensificou desde a pandemia. “Nunca vimos uma demanda tão forte no Brasil quanto agora”, afirma. Stephen Friedrich, diretor comercial da Embraer para a divisão de jatos executivos, concorda com o diagnóstico. “Estamos vivendo uma demanda perene”, diz. A Embraer é um dos destaques da indústria global: seu Phenom 300 é o jato leve mais vendido do mundo há treze anos consecutivos.

Um dos principais desafios da aviação executiva no mundo é o próprio aquecimento da demanda. Trabalhando por encomenda, fabricantes podem enfrentar dificuldades para acompanhar o ritmo dos pedidos, sobretudo num setor altamente globalizado, em que qualquer disfunção na cadeia de suprimentos gera efeitos em cascata. Mas, por enquanto, a previsão é de céu de brigadeiro. “Não vemos sinal de arrefecimento e acreditamos que o mercado continuará a crescer em ritmo acelerado”, diz Marina Veasey, diretora de Global Trade do Bradesco, principal financiador de jatos executivos no país. A aviação executiva do Brasil decolou — e não parece disposta a desacelerar. ■

ines249

UM FAROL QUE SE APAGA

Além do desgaste de seu papel na manutenção da paz mundial, a ONU passa também por uma dramática crise financeira

JAMIL CHADE, de Nova York, E **SARA SALBERT**



NÃO E NÃO Reunião do Conselho de Segurança: vetos impedem negociação eficaz

ANGELA WEISS/AFP

ines249

Crises não faltam mundo afora, sendo as mais prementes hoje a guerra entre Rússia e Ucrânia na Europa e o bombardeio da Faixa de Gaza por Israel, pela capacidade de sacudir a geopolítica global. No embate mais recente, Israel e Estados Unidos atacaram o Irã, com foco em suas instalações nucleares, reativando o temor de que o conflito pudesse escalar para um desastre de grandes proporções. Como é de praxe nessas horas, a Organização das Nações Unidas (ONU), criada justamente para mediar e desarmar momentos de tensão internacional, foi acionada: convocou-se o Conselho de Segurança, onde embaixadores pronunciaram discursos contendo acusações mútuas. E, de novo, como tem sido a regra nos últimos tempos, o teatro diplomático não deu em nada — um cessar-fogo acabou sendo negociado diretamente entre israelenses, americanos e iranianos. O episódio deixou evidente uma perturbadora realidade: aos 80 anos, completados em 26 de junho, aniversário da assinatura da Carta das Nações Unidas, a ONU está mais desgastada do que nunca.

O refluxo de autoridade afetou, como era de esperar, as finanças da organização. Neste momento, não mais do que 112 dos 193 países-membros estão com as contribuições em dia, sendo o Brasil um deles. Pior: entre os 81 com repasses atrasados encontram-se justamente os Estados Unidos, de longe o maior doador — no início de 2023, os 13 bilhões vindos dos cofres americanos cobriam mais de um quarto do orçamento geral da instituição. De lá para cá, por razões di-

ines249


JOHN THYS/AFP

PROBLEMAS Guterres: tentando administrar um ano pior do que o outro

versas, a inadimplência passou a bater recordes e a situação financeira da ONU despencou a níveis dramáticos.

Um relatório interno obtido com exclusividade por VEJA mostra que no final daquele ano a organização apresentava balanço negativo de 859 milhões de dólares, um déficit que obrigou o secretário-geral, António Guterres, a cortar programas e congelar contratações — até elevadores e escadas rolantes da sede de Genebra chegaram a ser desativados. “Foi necessário iniciar 2024 com medidas rigorosas de preservação de caixa para reduzir e desacelerar os gastos. Quase ficamos sem dinheiro”, rela-

ta o documento. E antecipa: “2025 pode ser tão ruim ou pior do que 2024”.

Nascida em 1945, em um momento em que as feridas da Segunda Guerra Mundial ainda estavam em carne viva, a ONU tinha como propósito prevenir a repetição do maior conflito armado da história. Sua atuação visava promover o desenvolvimento mútuo e a resolução de divergências pela via da negociação e do direito internacional. Durante os longos anos da Guerra Fria, sua intervenção de fato foi crucial para aplacar conflitos na periferia do mundo com o envio de missões de paz e de ajuda humanitária para regiões conflagradas. Aos poucos, foi se consolidando uma nova ordem mundial calcada no multilateralismo, a força motora das Nações Unidas. O derretimento da União Soviética, no entanto, transformou o cenário global a partir do fim dos anos 1980, abrindo espaço para, décadas depois, atos unilaterais dos Estados Unidos, a potência hegemônica do Ocidente, e também da China e da Rússia, o que viria a abalar os alicerces da ONU. “As chances de cooperação vêm diminuindo, com países adotando estratégias mais individualistas, movidos por preocupações com sua própria segurança”, diz Oliver Stuenkel, pesquisador do Carnegie Endowment for International Peace.

Os problemas se acirraram com a Casa Branca de Donald Trump, cruzado da luta antimultilateralismo e crítico feroz da organização, que considera obsoleta e contrária aos interesses americanos. Ampliando investidas tomadas já no primeiro mandato para fechar a torneira de

ines249



HANI ALSHAER/ANADOLU/GETTY IMAGES

DRAMA Palestinos buscam comida em Gaza: agências humanitárias perdem verba

recursos, Trump assinou nos primeiros dias do atual governo decretos removendo o país da Organização Mundial da Saúde e congelando o repasse de 1,5 bilhão de dólares. “O contexto que enfrentamos é o mais difícil de todos os tempos”, reconheceu Tom Fletcher, chefe do Escritório para a Coordenação de Assuntos Humanitários, em carta aos funcionários.

As contribuições de 2025 cobrem até o momento apenas metade dos 3,72 bilhões de dólares destinados no orçamento à manutenção da Secretaria-Geral, que reúne o setor administrativo e os órgãos especiais, escancarando a fragilida-

ines249

de de uma estrutura inegavelmente inchada, que congrega 37 000 funcionários em todo o mundo. A maior parte das dotações fixas — 5,6 bilhões de dólares — é canalizada para as onze missões de paz em áreas de confronto, onde atuam os capacetes azuis, soldados cedidos por diversos países e sustentados pela organização. Os programas humanitários têm orçamentos complementados por doações e dependem da boa vontade dos governos de plantão. Diante da redução dos recursos, Guterres implantou um plano de reestruturação, UN80, que, na prática, tem como principal providência passar a tesoura na folha de pagamento.

Seus efeitos já estão sendo sentidos. O Programa Mundial de Alimentos irá perder um quarto dos funcionários — 6 000 vagas — nos próximos dois anos e corte semelhante está previsto para a Organização Internacional para as Migrações. A Unicef, que trata de questões da infância, anunciou corte de 20% no seu orçamento. Outras agências vitais, como o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), têm refeito cálculos para operar sob as novas restrições orçamentárias. “Os cortes são uma tentativa de tratar uma hemorragia com um pedaço de esparadrapo. A causa real do problema reside na paralisia política”, resume Thomas Weiss, autor do livro *O Que Há de Errado com as Nações Unidas e Como Consertar*.

A desidratação das contribuições dirigidas à ONU tem efeitos profundos na vida de países onde a atuação de suas

ines249

AFP



ORIGEM Reunião inaugural da ONU, em 1945: pela paz e pelo progresso global

agências é muitas vezes vital. No Sudão, palco de uma sangrenta guerra civil, apenas 13% dos 4,2 bilhões de dólares previstos para assistir a população pingaram nas contas até agora — entre outros efeitos, 250 000 crianças estão sem aula. Na República Democrática do Congo, onde uma trégua recém-anunciada com forças rebeldes ainda está por ser comprovada, os casos de violência de gênero subiram 38% com a descontinuidade de programas da ONU. Até na Ucrânia, prioritária na lista de ajuda humanitária, só 25% das solicitações foram atendidas. “Temos muito menos condições de exercer nossa função estabilizadora nessas

áreas", lamenta Filippo Grandi, chefe do Alto Comissariado da ONU para Refugiados (ACNUR).

Apesar das dificuldades, as Nações Unidas continuam sendo indispensáveis, até por sua condição de única instituição capaz de coordenar ações globais nas mais diversas áreas. Mas, para reaver protagonismo e autoridade na sua função primordial de garantir a paz e o desenvolvimento, sua estrutura precisa se adaptar aos novos tempos — a começar pelo Conselho de Segurança, a porta de entrada das grandes questões, onde os cinco membros com assento permanente exercem o poder de veto ao menor sinal de divergência. Só para ficar nos dois grandes conflitos em andamento, desde o início dos bombardeios em Gaza, em outubro de 2023, o governo americano vetou cinco resoluções que denunciavam ações extremas do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, enquanto a Rússia há três anos barra qualquer resolução contra sua invasão do território ucraniano. "O Conselho falha há algum tempo em exercer sua responsabilidade primordial pela manutenção da paz e da segurança internacionais", confirma Richard Caplan, professor de relações internacionais da Universidade de Oxford. De pires na mão, enfraquecida e ainda tendo de conviver com Donald Trump — para quem a organização é "mal administrada" e "precisa pôr a casa em ordem" —, a ONU ainda deve passar por maus bocados antes de conseguir (se conseguir) se aprumar novamente. ■

ines249



VILMA GRYZINSKI

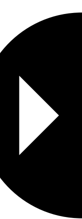
DIPLOMACIA DE PATRIOTADAS

Responsáveis pela equivocada política externa desafiam a lógica

DÁ VERGONHA ouvir o que os principais operadores da política externa brasileira falam do presidente Lula para baixo. Visões distorcidas pelas lentes ideológicas, análises erradas, interpretações equivocadas, alianças furadas, preconceitos e provocações irracionais, tudo vem à tona sem filtros. O motivo é conhecido: o ódio aos Estados Unidos e o alinhamento do Brasil ao bloco antagônico. Atenção, não uma visão pragmática ou crítica da grande potência do Norte, mas antiamericanismo infantil.

É o oposto de ter uma política independente: a nossa diplomacia é dependente da ideia de que os Estados Unidos são inimigos, não um país com quem compartilhamos princípios democráticos, apesar de atritos quando interesses comerciais nem sempre se alinham. A compilação a seguir mostra momentos constrangedores. Os leitores podem julgar.

"Israel vem dizer que é antissemitismo. Israel precisa parar com esse vitimismo e saber o seguinte: o que está acon-



ines249

tecendo em Gaza não é uma guerra, é um Exército matando mulheres e crianças", Lula, no começo de junho, dizendo que as Forças israelenses procuram deliberadamente a morte de inocentes, não dos terroristas do Hamas.

"Você fica estimulando o cara e ele fica se achando o máximo. Ele fica se achando o rei da cocada, quando na verdade deveriam ter tido uma conversa séria com ele. 'Ô, cara, você é um bom artista, um bom comediante, mas não vamos fazer uma guerra para você aparecer'", idem, em março, numa das várias ocasiões em que deixou transparecer inveja pelo protagonismo que Volodymyr Zelensky assumiu na defesa da Ucrânia.

"Um voo, um avião comercial, não havia no momento à disposição", Mauro Vieira, ministro das Relações Exteriores, sobre a presteza do Uber FAB no resgate da ex-primeira-dama peruana Nadine Heredia, condenada por corrupção, à qual foi concedido asilo.

"Comprar briga com Trump obedece à síndrome de conseguir uma desgraçada de uma manchete"

ines249

"Agora, temos o envolvimento dos Estados Unidos. Acho que não estava nos cálculos que o Irã pudesse revidar a Israel e aos EUA. Não sei o que Trump vai fazer, mas, considerando o julgamento que eles costumam fazer, eu, honestamente, espero o pior", Celso Amorim, líder supremo de Lula para política externa, prevendo gravíssima crise no momento em que a guerra acabou e o Irã se deu por satisfeito ao encenar um ataque telegrafado com antecedência.

"Para humanistas de todo mundo, incluindo políticos, líderes empresariais, acadêmicos e defensores dos direitos humanos, o respeito à autoridade moral do presidente Lula é indiscutível", do Itamaraty, em resposta a artigo da *The Economist*. Nada mais subdesenvolvido do que responder a jornalistas estrangeiros.

"Nesse mundo conturbado, em que temos presidente de uma nação do tamanho dos EUA, que deveria primar pelo discurso, pensar o que falar, ser menos internet e mais chefe de Estado. E o que vemos todo dia na imprensa? A necessidade de uma desgraçada de uma manchete", Lula, um dia depois de Trump conseguir o cessar-fogo entre Irã e Israel.

Comprar briga — desnecessária — com Trump é um jeito fácil de açular reações que insuflarão patriotadas. Além de, infelizmente, obedecer à síndrome de conseguir uma desgraçada de uma manchete. ■

ines249

ESTRANHO NO NINHO

Um jovem imigrante muçulmano de esquerda chacoalha o alquebrado Partido Democrata ao vencer as primárias e virar candidato favorito à prefeitura de Nova York

CAIO SAAD



SURPRESA Mamdani *(de gravata):* simpatia e sucesso na internet

ADAM GRAY/GETTY IMAGES

ines249

PARTIDO em pedacinhos e sem liderança clara, o Partido Democrata americano saiu da votação de novembro passado, depois da eleição de Donald Trump, desarticulado e sem rumo. Eis que de repente, no final de junho, em Nova York, abriu-se uma janela para o futuro: na cidade solidamente azul, a cor dos democratas, a primária para escolher o candidato do partido à prefeitura — favorito disparado à vitória — resultou no triunfo de Zohran Mamdani, um candidato diferente de tudo o que se viu por lá até hoje. Mamdani — ou Zohran, como é chamado — nasceu em Kampala, capital da Uganda, e mudou-se para os Estados Unidos aos 7 anos com os pais, imigrantes da Índia. É muçulmano praticante e defende abertamente a causa palestina, não poupando críticas ao governo de Israel pela crise humanitária em Gaza. Na legenda, integra a ala dos Socialistas Democratas da América, a mesma do senador Bernie Sanders e da incendiária deputada federal Alexandria Ocasio-Cortez, a AOC, apoiadora de primeira hora. Quer mais? Tem 33 anos e, se as previsões se confirmarem em novembro próximo, será o mais jovem prefeito da cidade em mais de um século.

Deputado estadual há cinco anos, Mamdani tinha menos de 1% das intenções de voto quando anunciou sua candidatura, em outubro. Disparado 30 pontos na frente estava o ex-governador Andrew Cuomo, 67, figurão do Partido Democrata que caiu em desgraça ao ser acusado de assédio sexual por onze mulheres. Cuomo planejava um retorno triunfal, mas na reta final foi atropelado pelo jovem

ines249

MICHAEL M. SANTIAGO/GETTY IMAGES



VIÉS DE BAIXA Cuomo: derrota amarga e inesperada da velha guarda

desconhecido com metade da sua idade, por 56% a 44% dos votos. É bom que se repita: foi somente em uma primária, e ainda por cima em Nova York, que não é propriamente um espelho do país. Mas o sucesso de Mamdani reforça a influência da ala mais radical do Partido Democrata, que vê em uma virada à esquerda o contraponto adequado ao radicalismo de direita dos republicanos.

Contou pontos a favor do candidato a prefeito seu traquejo nas redes sociais. Em um de seus posts mais vistos,

ines249

ele atravessa a pé os 21 quilômetros de Manhattan, parando para falar com moradores e representantes locais. Em vez dos batidos temas de segurança, trânsito e benesses sociais, Mamdani centrou sua mensagem em medidas para tornar Nova York, hoje caríssima, mais acessível (esta, a palavra-chave da plataforma) para seus moradores. “Trump, na campanha, falou muito do preço dos alimentos e do custo de vida. Mamdani é um dos poucos democratas que abordam isso de forma direta”, analisa Lincoln Mitchell, professor de políticas públicas da Universidade Columbia.

Entre as medidas que propõe estão ônibus grátis, o congelamento dos aluguéis em prédios subsidiados e a abertura de um mercado municipal com preços módicos em cada um dos cinco bairros que formam a cidade. O custo disso seria abatido por um imposto de 2% sobre a renda do 1% de moradores que ganham mais de 1 milhão de dólares por ano (“Acho que bilionários não deviam existir”, já declarou) e pelo aumento da alíquota máxima do imposto corporativo de 7,25% para 11,5%, igual à da vizinha Nova Jersey. “É um lunático 100% comunista”, torpedeou Trump. Nas redes, republicanos resgataram acusações de antissemitismo e sugerem que tenha a cidadania revogada (ele se naturalizou em 2018) e seja deportado.

Casado desde fevereiro com Rama Duwaji, 28 anos, ilustradora de origem síria, Mamdani terá como adversários o republicano Curtis Sliwa, podcaster de direita

ines249

STEPHEN LAM/SAN FRANCISCO CHRONICLE/GETTY IMAGES



VIÉS DE ALTA Ocasio-Cortez em comício: incendiária da ala mais à esquerda

que fundou o Guardian Angels, grupo privado de segurança nas ruas, e o impopular prefeito Eric Adams, ex-democrata que disputa como independente (Cuomo cogita fazer o mesmo). Seus críticos o tacham de populista, inexperiente e radical demais para gerir uma cidade com orçamento de 115 bilhões e mais de 300 000 servidores públicos. Quando novembro vier, os eleitores darão seu veredicto — não será surpresa se o jovem político confirmar o favoritismo. ■

ines249

VALMIR MORATELLI

Com reportagem de
Giovanna Fraguito e Nara Boechat

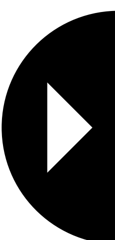




INSTGRAM @LAURENSANCHEZBEZOS

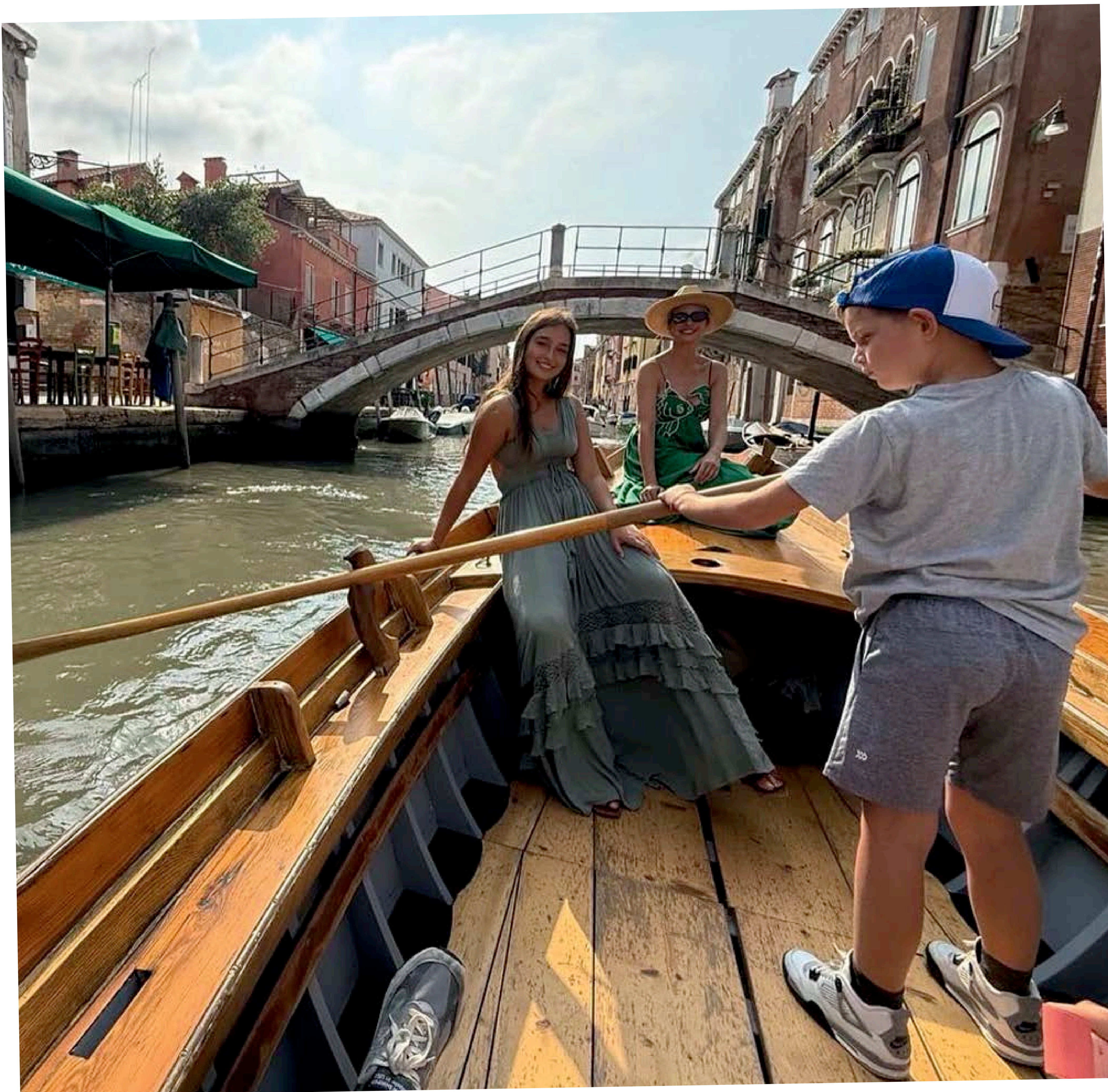
O SALDO DA FESTA DO ANO

De vestido de noiva bem-comportado para seus padrões, cintura finíssima e diamante quase do tamanho de um ovo de codorna no anular, **LAUREN SÁNCHEZ BEZOS,** 55 anos, apresentou-se oficialmente ao mundo – e às redes sociais – com nome novo depois de se casar com **JEFF BEZOS,** 61, o multibilionário dono da Amazon, em Veneza. Foram três dias de festas



ines249





INSTAGRAM @IVANKATRUMP

nem tão concorridas assim: apenas 200 seletos convidados de alto calibre, entre eles Leonardo DiCaprio, Oprah Winfrey, Tom Brady, Bill Gates e um imenso etc. Luxuoso e superlativo, mas muito menos causador de transtornos do que os protestos populares prévios temiam, o casamento misturou a turma do Vale do Silício com estrelas de Hollywood e até uma rainha (Rania da Jordânia) em um mesmo hotel, com diárias de 4 000 euros. A primeira-filha **IVANKA TRUMP,** 43, levou o marido, Jared Kushner, e os filhos, **ARABELLA,** 14, Joseph, 11, e **THEODORE,** 9, a um passeio pelos canais de Veneza, em que o caçula brincou de bancar o gondoleiro, com remo em punho. Bezos, que dispensou presentes de convidados, doou 3 milhões de euros a instituições locais, como contraponto aos detratores.



INSTAGRAM @JONATHANROUMIEOFFICIAL

SELFIE BÍBLICO

Pode parecer montagem de inteligência artificial, mas a cena aconteceu mesmo. Em plena Praça São Pedro, no Vaticano, sob um sol escaldante e diante dos olhares — e celulares — atentos dos fiéis e turistas de tudo que é parte do mundo, o papa **LEÃO XIV,** 69 anos, posou ao lado de Jesus — no caso, o ator americano **JONATHAN ROUMIE,** 51, que faz o papel do Nazareno na muito bem-sucedida série de TV *The Chosen* (“O escolhido”), vista por mais de 280 milhões de telespectadores. Depois de tietar o pontífice, Roumie fez a selfie rodeado de familiares, parte do elenco e membros da equipe de produção. “Desde pequeno respiro a fé católica. O que aprendi com meus pais, tentei transferir para o papel”, comungou com os fãs. Mais tarde, na sala São Pio X — e sem a presença do papa —, foi apresentada a quinta temporada da série, que reproduz momentos da Semana Santa.

ines249

FOFOQUEIRA EM AÇÃO

Em paralelo à extensa carreira de cantora e atriz de cinema, teatro e TV, **MARISA ORTH,** 61 anos – eternamente lembrada como a Magda do humorístico *Sai de Baixo,* da Globo, fadada a ouvir um "cala a boca" onde quer que vá –, dá pitacos em reality shows. Desde 2018 fora da emissora global, Marisa foi contratada para ser comentarista de mais um exemplar da batidíssima temática da paquera, *Love & Dance,* da concorrente Record – ela palpita sobre casais que não se conhecem e dançam juntos para testar a química. "Amo esse formato de atração. Sou uma fofoqueira, uma especuladora", afirma. A fórmula, ela garante, em nada lembra o *BBB,* programa que apresentou por alguns dias, na primeira edição, com Pedro Bial – que depois tomou as rédeas –, e do qual não guarda boas memórias. "Tenho restrições ao confinamento. Acho cruel, um gerador de patologia mental", alfineta.



EDU MORAES/RECORD

ines249



INSTAGRAM @TARSILADOAMARAL

ACORDO FAMILIAR

A disputa familiar entre os 58 herdeiros de Tarsila do Amaral (1886-1973), a artista mais valiosa do país, ganhou novo capítulo. Em assembleia recente entre integrantes do clã, 35 deles, ou seja, a maioria, se alinharam às propostas de **TARSILINHA DO AMARAL,** 59, sobrinha-neta da pintora, para preservar os bens da tia-avó — e assim retomar seu comando. Tarsilinha controlava a Tarsila do Amaral Licenciamentos e Empreendimentos, mas saiu da empresa acusada pelos irmãos de causar um rombo de 2 milhões de reais nas contas. Os desentendimentos em torno do patrimônio deixado pela artista se exacerbaram quando uma tela exposta na feira SP-Arte foi apontada como falsa pelo mercado. A concordância na reunião é o primeiro passo da tentativa de Tarsilinha voltar ao protagonismo. Tudo para, segundo seu advogado, Arystóbulo Freitas, “evitar que o legado de Tarsila vá para o brejo”. ■

ines249

VENENO DIGITAL

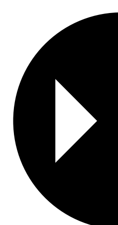
Novos estudos mostram os estragos provocados pela oferta cada vez maior de conteúdo virtual podre, sem estímulo para o raciocínio, feito apenas para manter o usuário grudado às telas

LIGIA MORAES



EXAGERO Bombardeio constante de tolices: risco para a saúde mental

IMAGEM GERADA POR IA

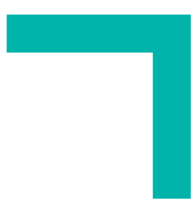


A escolha da palavra do ano pelos filólogos do dicionário britânico *Oxford* é um clássico. É brincadeira semântica que nos ajuda a compreender o mundo. Em dezembro do ano passado, o termo anunciado foi *brain rot,* que pode ser traduzido como “podridão cerebral”. Assim, na primeira acepção: “suposta deterioração do estado mental ou intelectual de uma pessoa, especialmente vista como resultado do consumo excessivo de material (particularmente conteúdo on-line) considerado trivial ou pouco desafiador”.

Na mosca, e os primeiros meses de 2025 são a prova de estarmos bebendo doses imensas de veneno digital. Soa um tantinho constrangedor, dado o tamanho do besteirol, mas há uma onda tde vídeos, imagens e memes que vão do nada ao lugar nenhum e viraram mania. Um trio deles nasceu de contas italianas e depois viralizou. Começou com um tubarão calçado com um tênis de marca famosa, que recita uma frase blasfema: “Tralalero tralala, porco Dio e porco Allah”. A toada mistura uma rima sonora sem sentido algum com um xingamento religioso direcionado simultaneamente a cristãos e a muçulmanos — em evidente ofensa religiosa, independente do credo.

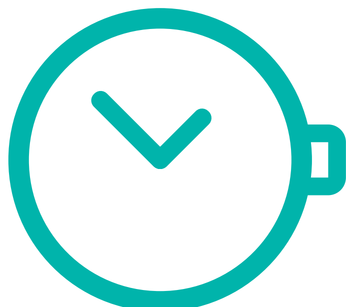
Depois veio o Bombardiro Crocodilo, um avião bombardeiro militar com o bico em formato de... crocodilo. E então a Ballerina Cappuccina, uma bailarina com a cabeça de xícara de cappuccino, cujo vídeo original acumulou mais de 45 milhões de visualizações no TikTok e 3,8 mi-

ines249



DE OLHO NO CELULAR

Tempo médio diário gasto em redes sociais de pessoas entre 16 e 64 anos



QUÊNIA



3h56min

BRASIL



3h38min

ÁFRICA DO SUL



3h37min

FILIPINAS



3h33min

CHILE



3h26min

COLÔMBIA



3h18min

NIGÉRIA



3h15min

MÉXICO



3h15min



Fonte: *cable.co.uk*
(levantamento global feito em 2024)

ines249

lhões de curtidas. O pacote todo, das três patacoadas, passa de 1 bilhão de likes. Chega a ser ridículo. O bom aspecto é que os criadores das gracinhas em momento algum imaginaram estar entregando algo edificante. Sabem representar um zero à esquerda, nada mesmo, e não por acaso carimbaram as tolices com a hashtag #italianbrainrot.

Rimos do exagero, parece não haver mais jeito, é a vida como ela é, e tampouco parece ser algo tão daninho quanto as fake news ideológicas, que o STF acaba de pôr na conta das chamadas big techs — e que elas se responsabilizem pelas mentiras, porque têm, sim, culpa no cartório. Nada contra o riso, nem contra as redes sociais, que podem oferecer conteúdo de qualidade. Elas são parte indissociável da existência contemporânea e exercem funções legítimas: conectam pessoas, entretêm, ampliam vozes. O problema é o exagero. Abaixo o moralismo digital e viva a sensatez.

Há, contudo, uma gritante novidade, para além do incansável fenômeno de todo dia, todo minuto: pesquisas recentes mostram que as bestices começam a provocar problemas mentais reais em quem não tira o olho da tela. Um estudo publicado no periódico *JAMA — The Journal of the American Medical Association* identificou tendências de suicídio entre jovens de 9 e 14 anos de idade que declararam vício eletrônico e imensa dificuldade de abandonar os aparelhos portáteis. Os adolescentes, em especial, mostraram ter de duas a três vezes mais probabilidades de ali-

ines249

DIVULGAÇÃO



BALLERINA CAPPUCCINA

A personagem: uma bailarina com uma xícara de cappuccino no lugar da cabeça. Nasceu em março deste ano em uma conta do TikTok. Viralizou com velocidade assustadora, ao alcançar 19,5 milhões de visualizações e 2,2 milhões de curtidas em apenas três semanas, capturando atenção global.

ines249

mentar pensamentos suicidas ou de se automutilar, na comparação com os que, comprovadamente, conseguem estar off-line. Foram ouvidos 4 000 indivíduos nos Estados Unidos. “Esse é o primeiro trabalho a identificar o uso viciante como raiz dos problemas, e não exatamente o tempo de tela”, disse Yunyu Xiao, principal autora da investigação, professora-assistente de psiquiatria e ciências de saúde da população do americano Weill Cornell Medical College.

Todo tipo de adição pode ser mais difícil de controlar durante a infância, antes do total desenvolvimento do córtex pré-frontal, que age como freio para a impulsividade. E mais: os vídeos curtos, sem profundidade, podem levar a uma espécie de “atrofia neuroplástica”, na qual o cérebro se acostuma a estímulos fáceis e perde a habilidade de lidar com tarefas mais complexas. “Com a exposição constante a esse tipo de conteúdo, o cérebro para de acessar áreas que exigem mais esforço cognitivo”, diz Cristiano Nabuco, psicólogo especialista em dependências tecnológicas. “A ideia entra, mas não reverbera. Não se fixa, não se conecta a coisa alguma.”

Antes que apontemos os dedos apenas para os mais jovens — e durma-se com um barulho desse, agora que estão em férias escolares —, convém também iluminar os estragos promovidos pelo uso abusivo dos recursos da internet, especialmente os de inteligência artificial (IA), entre gente mais crescida — nem sempre há a sujeirada nonsense, com

ines249

LEA SUZUKI/SAN FRANCISCO CHRONICLE/GETTY IMAGES



BLINDAGEM Restrição do uso de celulares em escolas: ideia que pode enriquecer as relações dos jovens em recintos escolares

tubarões, crocodilos e bailarinas, mas abre-se o poço sem fundo em que vale tudo. Tem feito muito barulho, nas duas últimas semanas — e virou meme, é claro — um levantamento do Media Lab do MIT segundo o qual o ChatGPT prejudica o pensamento crítico. O trabalho dividiu 54 participantes de 18 a 39 anos, da região de Boston, nos Estados Unidos, em três grupos. A eles foi pedido que escrevessem redações usando o robô de IA, o mecanismo de busca

do Google e, por fim, nada, apenas a cabeça humana. Verificou-se que a atividade cerebral da turma do ChatGPT foi a mais tímida e preguiçosa, pendurada no copia e cola. É levantamento que ecoa uma outra robusta investigação, feita pela Universidade de Ciência e Tecnologia de Trondheim, na Noruega. O objetivo era comparar a atividade elétrica cerebral de estudantes universitários durante exercícios de caligrafia e digitação. Os que escreveram à mão tiveram índices mais altos de ativação neural.

Há muito espaço ainda para pesquisa, de modo a estabelecer ilação direta, efeito de causa e consequência entre o vício eletrônico e as transformações cerebrais — é leviano supor, sem as devidas constatações e testes, que a nova geração já tenha sido atingida e ponto, como se a revolução do silício tivesse alterado o andor da humanidade de modo definitivo. Não, ainda. Brotam, contudo, aspectos comportamentais que não devem ser negligenciados. De acordo com os especialistas, o consumo contínuo de breves filmetes deteriora a memória de longo prazo. “O cérebro começa a priorizar apenas o agora, o estímulo imediato, e deixa de organizar ideias mais complexas”, diz Nabuco. É como se o pensamento passasse a funcionar em janelas cada vez menores, incapaz de sustentar uma linha de raciocínio durante mais de alguns segundos. Em vez de consolidar informações, a massa cinzenta se habitua a descartá-las tão rapidamente quanto as recebe — em fluxo incessante de estímulos fragmentados que chegam, impactam e se dissolvem.

ines249

A consequência é a infantilização do pensamento. É como se estivéssemos regredindo em capacidade de análise e abstração. Em termos práticos, trata-se da dificuldade de lidar com textos mais longos, vídeos informativos, discussões complexas e até mesmo de sustentar conversas que exijam raciocínio encadeado. O conteúdo precisa ser mastigado, imediato, carregado de emoção ou humor — qualquer nuance que peça pausa ou interpretação mais elaborada corre o risco de ser ignorada.

É triste saber, porém, que o ponto a que chegamos foi burilado pelos donos da engrenagem, de naturais e evidentes interesses econômicos. Há processos nos Estados Unidos e na Europa contra as grandes empresas, acusadas de produzir dependência de modo proposital. Em 2021, uma ex-funcionária da Meta, Frances Haugen, denunciou a companhia de Mark Zuckerberg por trabalhar com ferramentas proje-

TRALALERO TRALALA

O tubarão falante com tênis de marca repete uma frase sonora e blasfema em italiano contra o Deus cristão e o Alá muçulmano. Por não valer nada, virou símbolo da porcaria nonsense espraiada nas redes sociais.



IMAGEM GERADA POR IA/CHATGPT

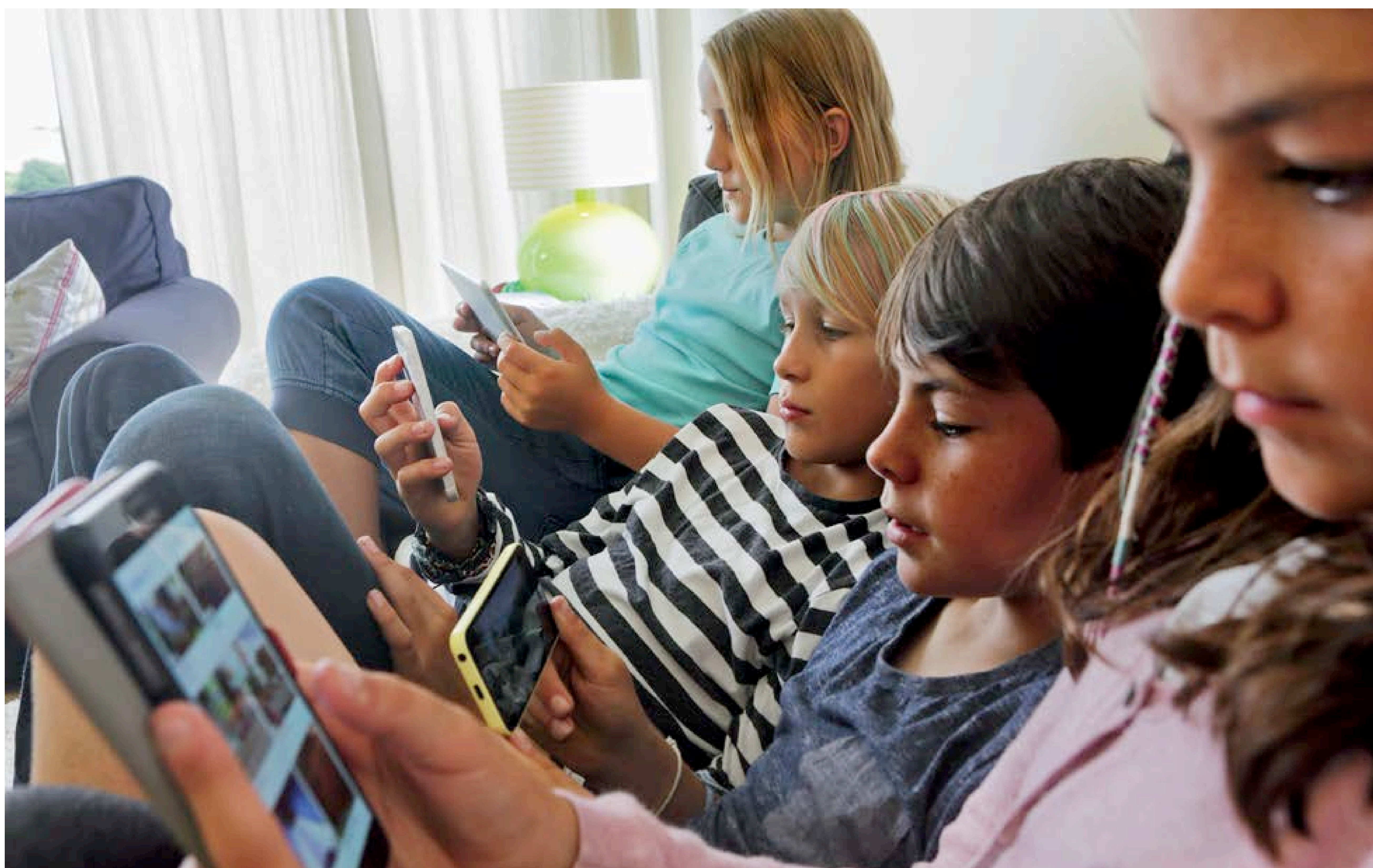
tadas para criar vício e aumentar o consumo. No fim de 2023, procuradores de 42 estados americanos moveram ações contra a própria Meta, o TikTok, o Google e o Snapchat por supostamente induzirem crianças e adolescentes a grudar nos reels. As denúncias: os algoritmos das plataformas teriam sido projetados deliberadamente para explorar vulnerabilidades cerebrais e gerar dependência.

O que fazer? O debate, aos poucos, ganha força institucional. No Brasil, um projeto de lei em tramitação no Congresso, paralelamente à determinação recente do STF, propõe a responsabilização das plataformas digitais por danos causados a menores de idade. A proposta inclui regras para a transparência dos algoritmos, a proibição de publicidade dirigida a jovens e a criação de mecanismos de denúncia mais acessíveis. Em outros países, medidas mais robustas já estão em andamento. A Holanda, por exemplo, passou a recomendar oficialmente que crianças com menos de 15 anos não usem TikTok nem Instagram, reconhecendo os efeitos nocivos das plataformas. Na Austrália, o banimento total de celulares em escolas públicas tornou-se política nacional — e, de acordo com o Ministério da Educação, já apresenta resultados positivos em indicadores de rendimento escolar, concentração em sala de aula e bem-estar psicológico dos alunos.

Por aqui, medida semelhante foi adotada no início de 2025, com a sanção de uma lei que restringe o uso de celulares em escolas públicas e privadas de todo o país. A legis-

ines249

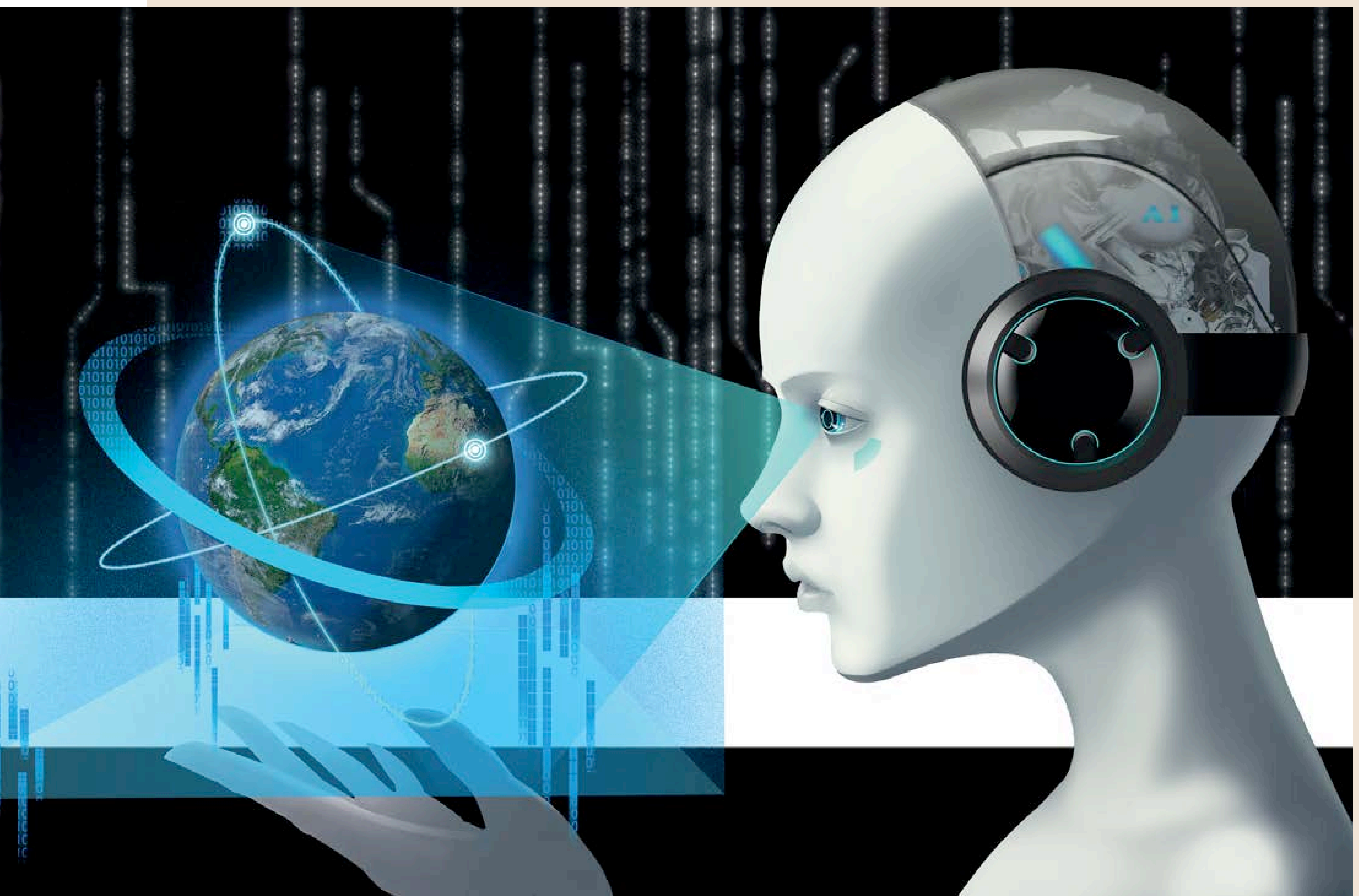
PETER CADE/STONE/GETTY IMAGES



CONECTADOS Exposição excessiva: impacto na memória, atenção e destreza

lação determina que os aparelhos sejam mantidos desligados durante aulas, recreios e intervalos, salvo em situações pedagógicas autorizadas ou por motivos de acessibilidade, saúde e segurança. A expectativa é que a restrição contribua para um ambiente escolar mais saudável, com menos distrações e maior zelo na aprendizagem. “Não podemos mais tratar o *brain rot*, chamemos assim, como questão de escolha pessoal”, diz Nabuco. “É um problema de saúde pública. E, como todo problema de saúde pública, precisa de regulamentação.” E se houver cansaço diante de tanta preocupação, porque está difícil, ninguém vai morrer se der uma breve olhada no “tralalero tralala” do tubarão bocó — mas que seja rapidinho, porque há vida aqui fora. ■

ines249



VIEW STOCK/GETTY IMAGES

VANTAGENS A conclusão de recentes trabalhos acadêmicos: o bilinguismo é atalho para memória aguçada

OS DILEMAS DO ROBÔ TRADUTOR EM TEMPO REAL

E se um dia, em hipótese improvável, não precisássemos mais aprender idiomas, porque a inteligência artificial (IA) seria capaz de tudo traduzir? Teríamos ganhos inegáveis em termos de praticidade e, ao mesmo tempo, um efeito colateral preocu-

ines249

pante. Estudos científicos mostram que perderíamos parte da capacidade de pensar. Um reputado levantamento da pesquisadora canadense Ellen Bialystok revela que o bilinguismo fortalece a atenção e a musculação cognitiva e adia o aparecimento de sintomas de doenças neurodegenerativas, como o Alzheimer. Um outro estudo de reputação internacional, feito por uma equipe da British Academy, aponta para memória mais aguçada entre as pessoas poliglotas.

Independentemente desses prognósticos, as ferramentas de interpretação simultânea avançam com velocidade. A Apple acaba de anunciar um dispositivo. O Google Meet já lida com inglês, espanhol e, logo mais, entenderá português, italiano e alemão. Em testes feitos pelo *The Wall Street Journal* com o idioma de Cervantes, o recurso mostrou qualidade — sobretudo na fluência e na naturalidade da voz sintetizada. O sistema verte o conteúdo da fala em tempo real, replica a voz e até as pausas naturais do orador original. Falha, contudo, no conteúdo, o cimento fundamental de compreensão numa conversa. Os tropeços da máquina são inúmeros: a tradução começa truncada, com trechos fora de contexto ou imprecisões ("match", em inglês, virou "luta" em vez de "partida" esportiva). Há lentidão, com equívocos de ênfase, além de frases artificiais como "O calor... o clima... sempre muito quente".

Há outros percalços, evidenciados com avaliações em ferramentas similares. Se alguém diz algo como "que ideia original", em tom sarcástico, o robô tradutor tende a levar o comentário ao pé

ines249


MONDADORI/GETTY IMAGES

ORIGEM Tribunal de Nuremberg, em 1945: primeiros passos da interpretação simultânea

da letra, como se fosse genuíno elogio. Há dificuldade com a chamada linguagem figurada. Por muitas vezes estar enraizada nas origens culturais de um idioma, enriquecida pelo cotidiano, ela é armadilha frequente — e as máquinas ainda não chegaram lá. Um exemplo: a expressão em português “empurrar com a barriga” não é “push with the belly” em inglês. Um humano bem preparado consegue traduzir de modo adequado.

ines249

A tensão entre a suposta eficiência artificial e a competência humana desponta em um relatório da Organização Mundial da Saúde. A entidade avaliou o uso de IA em reuniões multilíngues e concluiu: embora os algoritmos tenham evoluído, ainda são incapazes de substituir o trabalho de um intérprete profissional. Há ganhos de escala e redução de custos, mas a precisão sofre. Em contextos de alto risco — como negociações políticas, acordos comerciais, anúncios médicos ou debates jurídicos —, qualquer mal-entendido pode ter consequências desastrosas. "Não basta repetir palavras. Um bom intérprete interage com o mundo, lê contexto, capta nuances. Para fazer isso, é preciso ser uma criatura autoconsciente", diz Marsel de Souza, presidente da Associação Profissional de Intérpretes de Conferência.

O caminho natural é a tecnologia rapidamente eliminar boa parte das falhas. Mas ainda está longe o dia em que conseguirá mimetizar nossa escuta. Vale lembrar, unindo todas as pontas, o poeta José Paulo Paes (1926-1998): "Qual a graça de falar um idioma sem sotaque?". Dito de outro modo: se ninguém mais precisar aprender línguas, que beleza terá o mundo? Como não há como frear o curso de um futuro cada vez mais presente, resta torcer para que a mesma inteligência humana capaz de criar esses robôs siga cultivando a inigualável e necessária experiência cultural possibilitada pelo aprendizado de um idioma.

ines249

A UM PASSO DO PERIGO

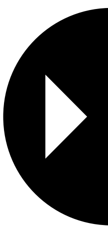
Condição fronteiriça, o pré-diabetes ganha o centro das atenções entre especialistas devido a suas reais ameaças ao organismo e a novas estratégias capazes de freá-lo

PAULA FELIX, de Chicago



ANDRIY ONUFRIYENKO/MOMENT/GETTY IMAGES

MONITORAMENTO Cuidado constante: açúcar em alta no sangue, aferido por exames, é sinal de problemas à vista



UMA LINHA TÊNUE separa os níveis normais de açúcar no sangue dos índices que indicam a presença de diabetes, doença que afeta 589 milhões de pessoas ao redor do globo. Em uma estreita faixa de glicose já elevada, está o pré-diabetes, um conceito estabelecido em 1979 como um marcador de atenção, que agora é alvo de um conjunto de estudos mirando seus impactos no corpo e as novas táticas para evitar sua conversão no problema de saúde por trás de infarto, cegueira e amputações. Em resumo, não se trata de uma pré-doença. E, por isso, o cuidado individualizado, que pode envolver inclusive a prescrição de remédios, tornou-se demanda urgente. Diz respeito, só no Brasil, a cerca de 50 milhões de pessoas a um passo do diabetes e de outros perigos.

O assunto esteve no centro das discussões da última reunião da Associação Americana de Diabetes (ADA, na sigla em inglês), realizada em Chicago. No encontro, foram debatidas estratégias de controle que envolvem mudanças no estilo de vida, medicamentos e até o engajamento de toda a família. O rastreio do diabetes tipo 2 — aquele mais comum e associado a maus hábitos, ao ganho de peso e ao envelhecimento — já está incrustado no check-up periódico há décadas. O problema é que descompassos nos níveis de açúcar no sangue, medidos por exames como a glicemia de jejum e a hemoglobina glicada, podem dar as caras antes de se cruzar a linha do diagnóstico em si *(veja o gráfico ao lado)*. O pré-diabetes, mais que um alerta, sinaliza que um distúrbio silencioso e perigoso está se instalando.

ines249

BATALHA CONTRA O AÇÚCAR

Níveis elevados de glicose estão associados ao diabetes e suas complicações

Exames para avaliação

GLICEMIA EM JEJUM		HEMOGLOBINA GLICADA
Até 99 mg/dL	Normal	Menor que 5,7%
100 a 125 mg/dL	Pré-diabetes	Entre 5,7% e 6,5%
Acima de 126 mg/dL	Diabetes	Acima de 6,5%

ines249

Riscos da evolução de pré-diabetes para diabetes

INFARTO

AVC

DANOS NA VISÃO
(RETINOPATIA DIABÉTICA)

DANOS NOS NERVOS
(NEUROPATIA DIABÉTICA)

PROBLEMAS RENAIS
(NEFROPATIA DIABÉTICA)

AMPUTAÇÕES

Fontes: *Associação Americana de Diabetes; Ministério da Saúde; Sociedade Brasileira de Diabetes*

As pesquisas mostram que, em um prazo de cinco anos, ele pode se enraizar e se transformar em diabetes, o que exigirá monitoramento rígido e tratamento medicamentoso. “O pré-diabetes já faz parte da doença”, ressalta o endocrinologista João Salles, presidente eleito da Sociedade Brasileira de Diabetes. Não à toa, análises apontam que, mesmo sem passar a fronteira, indivíduos com a condição correm maior risco cardíaco.

ines249



JENS KALAENE/PA/GETTY IMAGES

ESTUDO Nova caneta: fusão de semaglutida e outra molécula derrubou glicemia

No congresso americano, martelou-se que estamos diante de um problema de saúde pública. O Brasil ocupa a sexta posição no ranking mundial de pessoas com diabetes, com 16 milhões de casos estimados, mas esse número chega a quase o triplo quando se computam cidadãos com pré-diabetes. Felizmente, há formas de brecar o desgoverno glicêmico e seu rastro de estragos. Além do binômio reeducação alimentar e exercícios físicos, a aposta entre os experts reside em medicações. Hoje drogas como a metformina já são receitadas para impedir o progresso do pré-diabetes. Mas o futuro pode nos reservar novas e mais eficientes moléculas. Um dos trabalhos promissores apresentados em Chicago testou a combinação da conhecida semaglutida do Ozempic com outra substância na mesma caneta. Em estudo com 3 417 adultos com obesidade e sem diabetes, a medicação batizada de Ca-

griSema fez com que os índices de glicose no sangue despencassem até 87% nos exames dos participantes com pré-diabetes. Isso significa que os níveis foram revertidos para a zona normal. “O tratamento ainda foi associado a melhoras substanciais na pressão arterial, no colesterol e na circunferência abdominal”, disse Timothy Garvey, professor da Universidade do Alabama, nos EUA. Um positivo efeito dominó.

Mas a preocupação com fatores que levam ao pré-diabetes e ao diabetes em si deveria começar mais cedo. De preferência, antes mesmo do nascimento. Nas sessões científicas da ADA, defendeu-se que os cuidados com a alimentação desregrada, o sedentarismo e os exames de glicemia alterados devem integrar o próprio planejamento familiar, sendo relevantes sobretudo durante a gravidez. O disparo de açúcar no sangue, aliás, é uma questão a ser enfrentada em família. A ideia é que uma gestante pode abrir portas para hábitos saudáveis em razão do bebê, mas que isso deve se espraiar para todos ao redor dela — e se manter após o parto. “As recomendações que conhecemos são eficazes, mas não estão funcionando, porque as taxas de diabetes estão aumentando. Isso nos força a olhar para fora do indivíduo”, disse Aliria Rascón, professora da Universidade do Estado do Arizona. Para a especialista, não basta focar o paciente, é preciso empoderar os lares e a sociedade e mudar o ambiente ao redor para impedir que a pandemia de pré-diabetes siga em frente. Do contrário, a estrada para o desastre permanecerá livre. ■

ines249

SEXO COM HORA MARCADA

Casais enfrentam o tabu de falar a respeito da baixa frequência de relações em convivências longevas e inventam estratégias para tentar reacender o interesse **DUDA MONTEIRO DE BARROS**



BATEU O SONO Namoro em marcha lenta: segundo especialistas, um bom caminho para sacudir o marasmo é falar

WAVEBREAK MEDIA/GETTY IMAGES PLUS

ines249

MUITOS TABUS vêm sendo removidos do tecido social à medida que o mundo avança e os preconceitos se dissipam. É tudo lento e gradual, como ocorre agora com um desses temas que, por um misto de vergonha e conformismo, costumava se manter silencioso — a vida sexual de casais em relacionamento estável. Boa parte, como esperado em elos longevos, embarca numa rotina a dois, se enche de tarefas dentro e fora de casa e, não raro, acaba sugada pela agenda dos filhos. Com cotidiano tão atribulado, somado ao fato de a passagem do tempo trazer desgaste e impor novos desafios à parceria, uma parcela considerável deixa o sexo em segundo, terceiro plano. É o que mostra uma vasta pesquisa do Instituto Kinsey, nos Estados Unidos, um dos mais respeitados na área, que elenca números dando contornos ao fenômeno — 45% dos casais ouvidos em diferentes países dizem que "transam poucas vezes por mês" e 13% falam em "apenas algumas vezes por ano". É pouco se comparado à média da população mundial, de uma a três vezes por semana.

Em um movimento saudável e libertador, felizmente, as pessoas, sobretudo as mulheres, começam a falar disso. Recentemente, Fernanda Lima, 48 anos, contou que a vida sexual com o marido, Rodrigo Hilbert, 45, com quem é casada há mais de duas décadas, anda em marcha lenta. "O sexo não está fácil. A vida vai ficando muito corrida", desabafou em uma entrevista. O depoimento franco da ex-apresentadora do programa *Amor & Sexo*,

mes249



INSTAGRAM @RODRIGOHILBERT

PROBLEMA DE AGENDA Hilbert e Fernanda Lima: tem faltado tempo

da TV Globo, sacudiu as redes, ascendendo ao topo dos assuntos mais comentados, e ajudou a pôr a discussão sob os holofotes, sem meias-palavras. É compreensível que a frequência dos encontros na cama não seja como no começo, algo que os especialistas definem como ciclo natural dos relacionamentos. "Por mais que o casal tenha uma assiduidade alta no início, na maioria das vezes ela vai diminuindo com os anos", diz Carmita Abdo, coordenadora do Programa de Estudos em Sexualidade do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, em São Paulo. "Mas o fato de o desejo mudar não significa que ficará estagnado. O importante é conversar sobre a questão a dois, sem medo", afirma.

ines249

Embora haja registro de muitos sacolejos recentes no campo dos costumes, o casamento segue fincado sobre os mesmos pilares tradicionais — esta é uma armadilha, no olhar dos estudiosos. O ideal romântico que brotou na Europa medieval, segundo o qual há duas caras-metades que, uma vez juntas, formam uma só, pode acabar alimentando relações em que os espaços individuais vão se diluindo. É justamente nessa "fusão", segundo o jargão da psicologia, que ocorre de um se tornar menos interessante para o outro, já que aquela dose de mistério, um motor para a atração, vai desaparecendo. "Aprendemos que se relacionar é controlar a outra pessoa, quando é exatamente a privacidade que fomenta o desejo", ressalta a psicanalista Regina Navarro Lins, autora do livro *Novas Formas de Amar.*

O exercício diário da maternidade, que vem embutido de cansaço e de uma mexida na ordem de prioridades, é um dos fatores citados por 45% de uma amostra investigada por uma plataforma de estudos populacionais do Reino Unido como principal fator para a diminuição da intimidade e a queda à metade da regularidade do sexo. De acordo com especialistas, é algo universal. Aconteceu com a gerente comercial A.L., uma das mulheres ouvidas pela reportagem de VEJA que ainda não se sente à vontade para tratar do tópico abertamente. Depois de oito anos com o marido, com quem tem uma filha de 13, ela reconhece que as coisas já vinham amornando, até que chegou o bebê e ela não conseguiu lidar com a nova realidade. "A gente

ines249



INSTAGRAM @OLAZARORAMOS

RECEITA
Taís e Lázaro: zelar por momentos a dois deu certo

chegava em casa exaustos e o sexo foi ficando cada vez mais raro. Aí veio minha filha e, para mim, ele virou apenas um pai, sem despertar aquele encanto de antes", relata.

A marcha feminina das últimas décadas vem colhendo importantes conquistas no terreno da sexualidade. Há não tanto tempo assim, não era esperado delas nem que tivessem voz em relação a seus desejos. O advento da pílula anticoncepcional, em meados do século XX, chegou como um furacão, garantindo-lhes maior poder de decisão sobre o próprio corpo. "As mulheres foram deixando a posição de submissão e a ideia de que tinham que agradar o parceiro, e não a si mesmas, sem considerar o seu prazer", observa a histo-

ines249

riadora Mary Del Priore. Sob a perspectiva histórica, o progresso é inequívoco, mas ainda há chão neste terreno tão sinuoso. VEJA conversou com mulheres que até conseguem cutucar o delicado tema da falta de desejo com o parceiro, mas frequentemente não são compreendidas. “Me sentia desconfortável durante o sexo, parecia uma obrigação”, relata a maquiadora F.S., 29 anos, que, em uma relação há três anos, preferiu não se identificar. “Resolvi falar da minha falta de vontade, e ele não ligou”, lamenta.

Enquanto o debate sobre a intimidade conjugal evolui, os casais se movimentam para encontrar modos de sacudir o marasmo. Só para não perder o hábito, há quem adote uma prática que pode soar estranha, porém cresce, de acordo com psicólogos especializados em casais: o sexo com dia e hora marcados. A atriz Mônica Martelli, 57, já aderiu e defende a estratégia. “Se agendamos dia para tudo — buscar filho na escola, ir à terapia, praticar ioga —, por que não fazer o mesmo com o sexo?”, provoca ela, casada há seis anos. Os atores Taís Araujo e Lázaro Ramos, ambos com 46 anos e há mais de duas décadas juntos, também abraçaram a ideia. “Às vezes, a gente precisa deixar marcado o encontro para reservar esse tempo para nós”, explica Taís. Neste campo, não há roteiro, muito menos fórmula. Desde que funcione, está valendo. ■

ines249

ESTRANGEIROS, *GO HOME*

Há duas certezas para quem tirar férias na Europa: as multidões de viajantes e a profusão de protestos contra os forasteiros, que crescem como nunca **NATALIA TIEMI HANADA**

SALVATORE LAPORTA/LIGHTROCKET/GETTY IMAGES



PROTESTOS Em Nápoles *(à esq.)* e em Lisboa: a revolta cresce

HORACIO VILLALOBOS/CORBIS/GETTY IMAGES

ines249

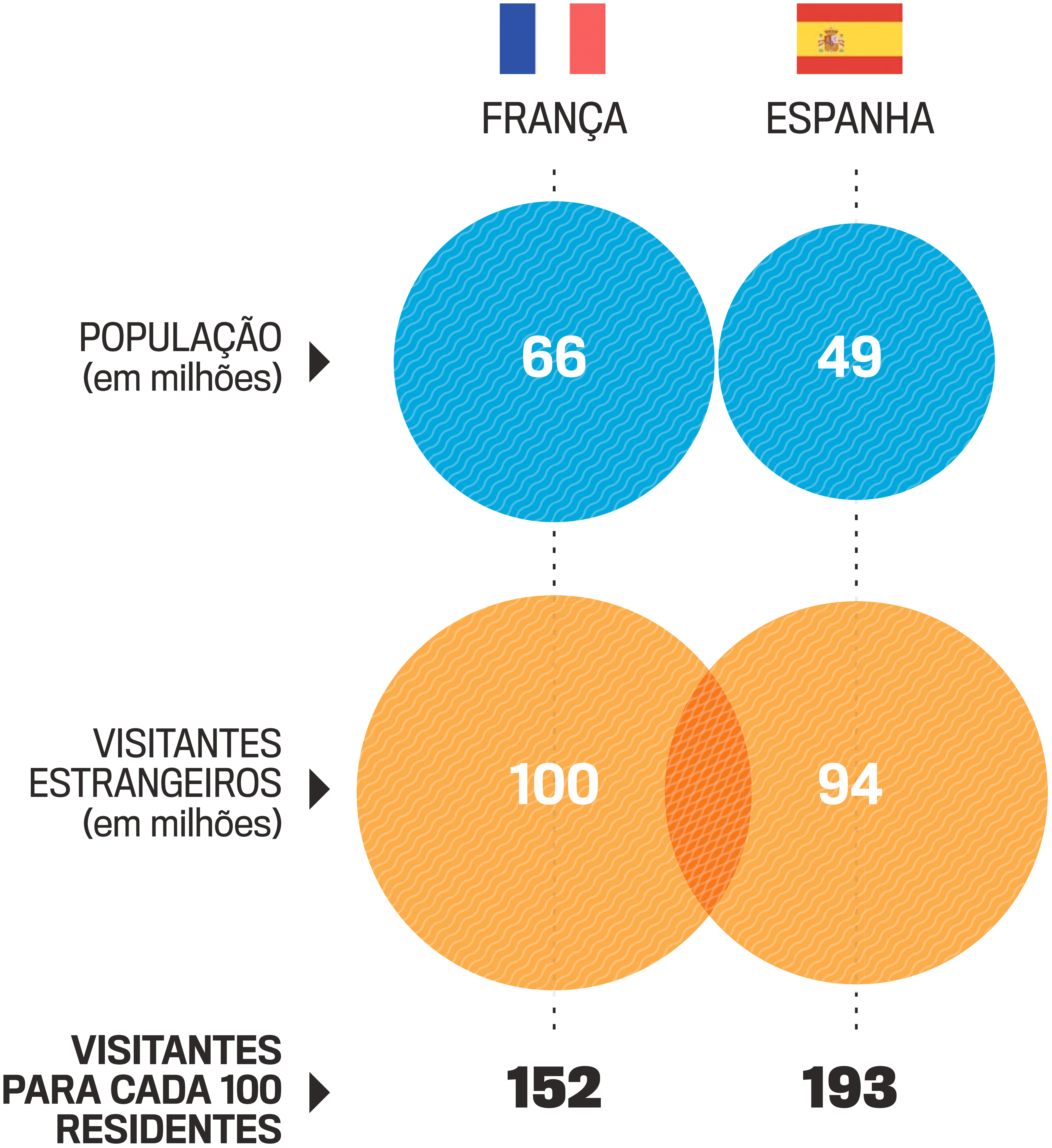
NEM SEMPRE a estatística conta a história completa, mas convém não desdenhá-la. Em 1950, houve 25 milhões de chegadas internacionais por meio de aeroportos, portos e estradas. No ano passado, o número bateu em 1,4 bilhão, patamar muito próximo ao período imediatamente anterior à reclusão imposta pela eclosão da covid-19. É muita coisa, um volume de turistas multiplicado por 56. É informação matemática que não demora a ser sentida para quem viaja ao exterior. Trata-se da impossibilidade de alcançar uma nesga da *Mona Lisa* sem enfrentar um batalhão de smartphones ao alto. São as filas infindáveis para entrar no Louvre, no MoMA de Nova York, na Gallerie degli Uffizi de Florença... É o inferno de Dante na terra. Não há escapatória, a não ser em momentos excepcionais, como o da pandemia, ou a canícula da semana passada, que forçou o fechamento temporário da Torre Eiffel e, milagre, deu-se o vazio *(leia em Imagem da Semana).*

O início das férias no Brasil é a senha natural para conhecer o mundo, mas agora, mais do que nunca, no verão do Hemisfério Norte, é atalho para duas certezas absolutas: a presença de hordas, chamemos assim; e os protestos de moradores de parte das cidades mais visitadas da Europa, como Veneza, Nápoles, Roma, Lisboa, Barcelona e Madri. O lema comum: “Turistas, voltem para suas casas!”. Entretanto, a mensagem por trás da grita vai muito além da xenofobia, ainda que possam existir laivos reais de preconceito contra os forasteiros.

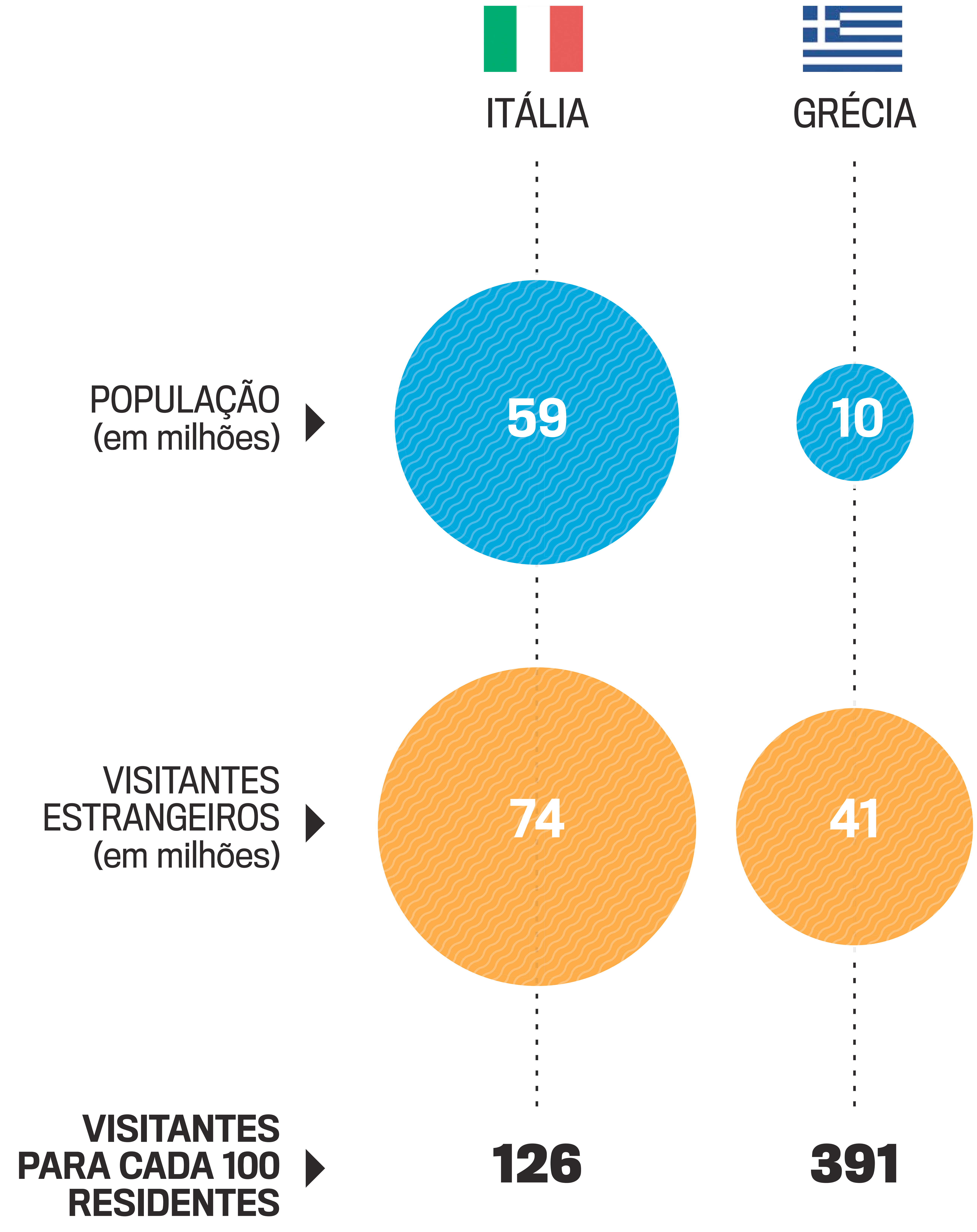
ines249

SEM ESPAÇO

Países europeus receberam mais visitantes do que o tamanho da população em 2024

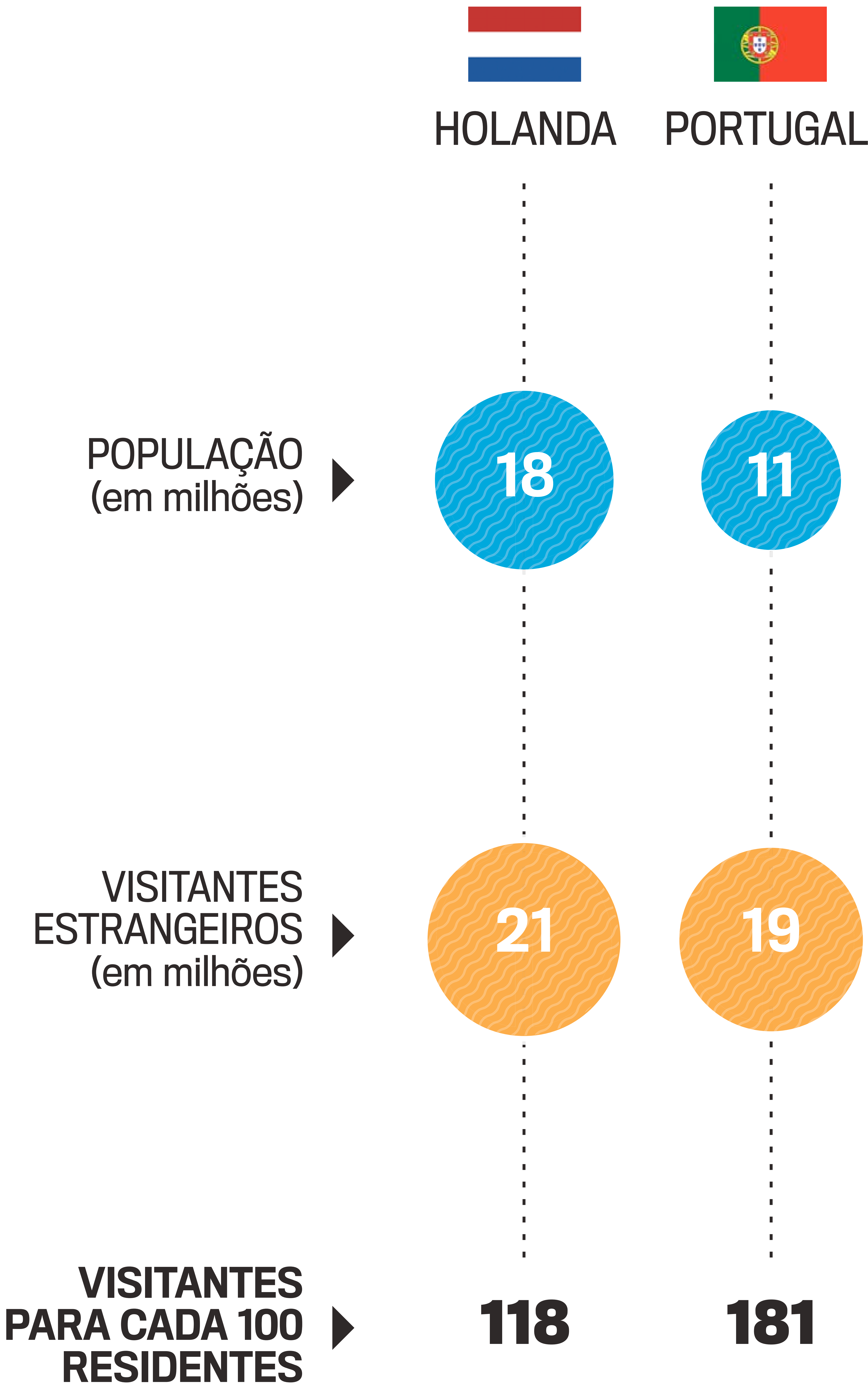


ines249


ITÁLIA
GRÉCIA
POPULAÇÃO
(em milhões)
59
10
VISITANTES
ESTRANGEIROS
(em milhões)
74
41
VISITANTES
PARA CADA 100
RESIDENTES
126
391

ines249





	HOLANDA	PORTUGAL
VISITANTES PARA CADA 100 RESIDENTES	**118**	**181**

Fonte: *Ministérios do Turismo da França, Itália, Espanha, Grécia, Holanda e Portugal*



ines249

É reação legítima, embora incômoda, contra os impactos devastadores do turismo desenfreado, traduzidos por pane no trânsito, escassez de alimentos, falta d'água e lixo acumulado. Se os hotéis tradicionais já impactavam significativamente a dinâmica das vielas europeias, a proliferação dos aluguéis por temporada por meio de plataformas como o Airbnb elevou o problema a patamares insustentáveis. A busca desenfreada por acomodações alternativas tem expulsado os autóctones de suas casas, criando um ciclo vicioso em que os aluguéis de curto prazo encarecem drasticamente os apartamentos residenciais. As respostas governamentais não tardaram. Na Espanha, por exemplo, as autoridades ordenaram que o Airbnb removesse mais de 65 000 propriedades de seu catálogo por falta de registro adequado e especificações sobre a propriedade dos imóveis. A empresa recorreu ao sistema judiciário, mas teve o pedido negado.

A engrenagem não cessa, insidiosa. A indústria global do turismo está avaliada em 11,7 trilhões de dólares, um recorde para o setor, com os gastos de visitantes previstos para atingir 2,1 trilhões de dólares até o fim do ano, superando os níveis pré-pandêmicos. De olho nesse dinheiro, os governos aplicam incentivos fiscais para quem se dispõe a investir em negócios e serviços que atendam os turistas. O resultado é saturação do transporte público, exploração trabalhista em empregos voltados ao turismo e substituição do comércio local por estabelecimentos direcionados exclusivamente aos visitantes. "Precisamos parar de ajudar e facilitar as coisas e

ines249

fazer o setor pagar a conta pelos serviços que exploram", diz Daniel Pardo, da Assembleia de Bairros pelo Decrescimento do Turismo (ABDT), entidade criada em Barcelona. Pardo chama o processo de "turistificação" — a especialização completa de um território, sua população e economia na atividade para quem vem de fora.

Em meio aos cartazes e manifestações, um símbolo peculiar emergiu como marca da resistência catalã: as pistolas d'água, borrifadas contra os estranhos. É tensão que cresce e contamina a sociedade. Em Paris, recentemente, funcionários do Louvre fecharam as portas da instituição mais visitada do mundo sem aviso prévio. Atendentes, seguranças e agentes de bilheteria reivindicam melhores condições de trabalho diante da falta de pessoal para atender as multidões. A Ministra do Turismo italiana, Daniela Santanchè, propôs o uso de inteligência artificial (IA) para controlar o fluxo assustador e crescente.

Há solução? Cidades como Veneza têm experimentado sistemas de pedágio urbano, embora os resultados ainda sejam inconclusivos. A busca por reformulação das políticas públicas de incentivo ao turismo, regulamentação dos aluguéis por temporada e desenvolvimento de modelos sustentáveis que considerem tanto os benefícios econômicos quanto o bem-estar das populações locais. O movimento de resistência sinaliza a necessidade urgente de repensar o turismo como atividade econômica, sem ofender os visitantes, em busca de equilíbrio. ■

ines249

VELOZES E BARULHENTOS

Por falta de interesse dos compradores, grandes montadoras abandonam esportivos elétricos para acelerar os ruidosos motores a combustão **ANDRÉ SOLLITTO**



MASERATI

Após apresentar o MC20, em 2020, prometeu uma versão elétrica do esportivo, o Folgore *(na foto)*, mas desistiu do projeto em meio à queda de interesse

DIVULGAÇÃO

ines249

PARA A MASERATI, o ano de 2025 marcaria uma celebrada virada de chave. Pela primeira vez, a tradicional fabricante italiana de carros esportivos levaria ao mercado um veículo totalmente elétrico, dando adeus aos motores a combustão. O projeto era antigo. Havia sido anunciado pela primeira vez em 2020, quando a empresa lançou o MC20, então movido a combustíveis fósseis. Era a base para um modelo inédito, o MC20 Folgore, com três motores elétricos capazes de produzir impressionantes 730 cavalos de potência. O projeto, contudo, foi cancelado. A ruidosa decisão está relacionada a um corte de 1,5 bilhão de euros feito pela Stellantis, o grupo que controla a Maserati, no orçamento da empresa. A justificativa oficial cita o declínio das vendas da marca na China, seu segundo maior mercado. Há, contudo, outro fator determinante na interrupção, de cunho histórico e atávico: a falta de interesse de compradores em um esportivo elétrico.

Não é caso isolado. A Ferrari havia prometido mostrar ao mundo o inaugural modelo eletrificado em outubro deste ano, em tiragem pequena, mas a apresentação foi empurrada para 2026 — indício de haver algo muito errado. Depois dele, um segundo carro esportivo elétrico com o cavalo rampante no capô seria lançado, dessa vez em uma escala maior, para cativar público mais amplo. Esse segundo modelo plugado foi adiado indefinidamente. A justificativa? A mesma, por haver “zero” interesse do mercado em máquinas sem a pegada e o ronco quase romântico, ainda que pas-

ines249



SHUTTERSTOCK

FERRARI

Enquanto o primeiro modelo elétrico da italiana foi adiado para 2026 e o segundo suspenso indefinidamente, a F80, a combustão, já esgotou

sadista para os humores atuais, do barulhento e poderoso motor. Não basta, enfim, o mítico logotipo da Ferrari. A sonoridade projetada pelo escapamento é parte da aventura.

Outras montadoras de esportivos repensam as estratégias de eletrificação, como a britânica Lotus, que também cancelou o desenvolvimento do Type 135 e agora deve apostar em híbridos. Na corrida, em desalinho com as preocupações ambientais de nosso tempo, as linhas de

ines249



JAN WOITAS/PA/GETTY IMAGES

PORSCHE

Com opções para todos os gostos, a alemã lançou neste ano o elétrico Taycan Turbo GT, que, equipado com o pacote Weissach, ganha ainda mais potência

montagem de motores convencionais entregam boas notícias. A Ferrari, para não perdermos a marcha, apresentou a F80 no ano passado celebrando o ápice da engenharia italiana. Serão fabricadas apenas 799 unidades — e todas elas já foram vendidas antes mesmo de a linha de produção ser deflagrada. A sueca Koenigsegg é outra a celebrar. Conhecida por seus hipercarros de fichas técnicas impressionantes, como o Sadair's Spear, cujo motor biturbo de 5 litros

ines249

produz 1 602 cavalos de potência, vendeu absolutamente todo o seu estoque, presente e futuro. Agora, simplesmente não consegue atender aos bilionários que fazem fila.

Uma solução, como sempre, seria o meio do caminho, modo de atender às duas pontas da estrada. A Porsche tem modelos para todos os gostos. Quem prefere a sonoridade da queima de combustível conta com o lendário 911, que acabou de ganhar uma nova geração, ainda mais potente. Os mais aventureiros podem optar pelo elétrico Taycan Turbo GT Weissach, com mais de 1 000 cavalos, que acelera até 100 quilômetros por hora em 2,2 segundos. Mas o caso da alemã é pouco comum nesse concorrido nicho.

No setor, quem está disposto a desembolsar alguns milhões de dólares e aguardar anos pela entrega do carro quer mais do que uma resposta rápida do acelerador. Christian von Koenigsegg, fundador e CEO da empresa sueca, resume o que esperar da experiência de estar ao volante de um veículo. “O apetite do mercado por carros totalmente elétricos é extremamente baixo. Eu mesmo experimentei por muitos anos e adoro a resposta, a suavidade e a facilidade de conviver com eles”, disse o empresário ao programa *Top Gear.* “Mas, depois de um tempo, você quer sentir algo, quer conversar com a fera, quer ter um diálogo. Quer a pulsação, a potência, o calor, as trocas de marcha, todos os aspectos que simplesmente dão vida a um carro.” Os elétricos também são vivos, mas ainda são atropelados pela cultura do ronco. ■

ines249

DIVULGAÇÃO



ines249



NA VIDA, TUDO É POSSÍVEL

Ex-pedreiro, Jefferson Reis, 54, é hoje dono de uma rede de farmácias que fatura 1,4 bilhão de reais por ano



CRESCI ÀS MARGENS de um ribeirão em Santana da Vargem, um povoado do interior de Minas Gerais. Hoje, a cidade tem 5 000 habitantes, mas na minha época de criança era ainda menor. Era um lugar muito pacato, com poucos recursos. Fui criado ali. Aos 13 anos, comecei a trabalhar — e fazer tudo o que aparecia, porque as opções eram bastante escassas. Meu pai era militar. Eu queria continuar na escola, mas não tive outra opção. Como a vida era dura, ele me colocou na linha desde cedo.

Trabalhei como servente de pedreiro, balconista de bar, dirigi trator, furei fossa e ajudei até a carregar e descarregar mercadorias de caminhão. Fui fazendo tudo isso na minha juventude. Mas eu queria ter um trabalho mais tranquilo. Sempre tomei sol o dia inteiro e carreguei peso, mas chegou

ines249

um momento em que não suportava mais aquela rotina. Foi só quando comecei a vender bijuteria de porta em porta que vi que dava para ganhar dinheiro sem carregar peso, ou seja, sem usar a força dos meus braços. Comecei a gostar daquilo.

Com o dia a dia mais leve, passava os fins de tarde na drogaria de um amigo batendo papo e via os representantes comerciais trabalhando por lá. Eles sempre apareciam bem arrumados e com bons carros. Eu ficava de olho e imaginava o que seria preciso fazer para ser como eles. O salário era muito melhor do que o que eu ganhava e não havia exigência de faculdade. Parecia perfeito para mim.

Acabei me aproximando dos representantes comerciais até conseguir uma vaga. Fui trabalhar numa distribuidora de medicamentos em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo. Aquilo representou a realização de um sonho para mim. Eu tinha 25 anos e logo depois dei mais um passo importante. Entrei numa rede de drogarias e ali fiquei doze anos, aprendendo tudo o que sei. Foi a minha “faculdade”.

Descobri as fragilidades do negócio, rodando lojas por todo o Brasil. Estudei tanto que virei uma espécie de consultor para redes de farmácias independentes do interior mineiro. Um amigo então me convidou para ser gerente de duas lojas da drogaria Americana em Varginha, Minas Gerais. Quando cheguei, o faturamento combinado dessas duas lojas era de 750 000 reais. Em dois anos, saltou para 2 milhões de reais. Em três, me tornei o principal sócio do negócio, que viria a ser o Grupo AMR.

Comecei a investir em franquias. Fiz barulho com um programa de descontos agressivos e televendas, o que era uma novidade no começo dos anos 2000. Logo já tinha aberto cerca de cinquenta lojas. Uma farmácia levava à abertura de outra. Confesso que tudo aconteceu tão rápido que comecei a ter problemas para dar o apoio necessário aos franqueados. Tinha que ensinar tudo, desde a área contábil até a jurídica. O franqueado só tinha o dinheiro, mas a experiência era minha. Então, passei a tratá-los como uma rede. Hoje, o Grupo AMR tem 450 lojas e fatura 1,4 bilhão de reais por ano. Quero chegar aos 3 bilhões de reais em receitas até 2028 e dobrar o número de lojas que temos no Nordeste. Vamos chegar lá.

Foi difícil fazer as pessoas acreditarem no projeto. Os fornecedores estavam acostumados a fazer negócios com grandes redes. Hoje tenho vários parceiros que haviam fechado a porta para mim lá atrás. Vários deles chegaram a me desprezar, rir das minhas propostas. Ouvi que era louco, que não ia dar certo. Mas acho que a gente consegue o que quer quando corre atrás do nosso maior sonho. Na vida, tudo é possível. Nunca deixei os "nãos" que levei me barrarem. Muitas vezes, só ganhava o dinheiro para pagar a gasolina, mas nunca desanimei. Ter coragem foi minha opção de vida. Nunca vou falar "não" para mim. ■

Depoimento a Pedro Gil

ines249

DIVERSÃO PORTÁTIL

O sucesso avassalador do Switch 2, da Nintendo, e a chegada de um dispositivo da Microsoft mostram que os jogadores querem ter seus jogos sempre à mão

ANDRÉ SOLLITTO



JOHN KEEBLE/GETTY IMAGES

ÊXITO O Switch 2, da Nintendo: filas nas lojas e venda recorde nos primeiros dias pelo mundo



ines249

QUANDO O NOVO videogame portátil da Nintendo foi lançado, no início do ano, tinha filas quilométricas nas portas das principais lojas de eletrônicos do Japão. Quem estava ali havia sido sorteado em um tipo de loteria e conseguiu a chance de comprar um Switch 2. Há relatos de pessoas que viajaram centenas de quilômetros só para levar o gadget no primeiro dia. Em poucas horas, as lojas já não tinham mais estoque. O fenômeno se repetiu ao redor do mundo. Nos primeiros quatro dias, foram comercializados 3,5 milhões de unidades, um recorde absoluto, o que instala o Switch 2 no topo do ranking dos consoles que venderam mais rápido na história, superando o PlayStation 4 e 5, da Sony, e o próprio Switch *(veja no quadro ao lado).* As prateleiras foram repostas, em demanda alta, e crescendo. É fenômeno que aponta para o enorme interesse, hoje, dos gamers pelos portáteis.

O aparelho não é, a rigor, uma revolução total. Trata-se de um aprimoramento da versão anterior, lançada originalmente em 2017. A tela é maior, com melhor resolução, e o hardware ficou mais potente, capaz de rodar jogos mais exigentes. Além de possibilitar a diversão em qualquer lugar, no modo portátil, pode também ser acoplado a uma base e conectado a uma televisão. É o melhor de dois mundos, de acordo com o público disposto a pagar 4 449 reais pelo console. É também uma continuação da longa tradição da Nintendo de desenvolver equipamentos que podem ser levados na mochila. Desde o Game Boy original, lançado em 1989, que fez com que jovens ficassem amontoados so-

ines249

SUCESSO INSTANTÂNEO

Os consoles que venderam mais rápido



Nintendo Switch 2
(portátil)
2025

875 000 APARELHOS POR DIA



3,5 MILHÕES DE UNIDADES NOS PRIMEIROS QUATRO DIAS



Sony PlayStation 4
2013

131 000 APARELHOS POR DIA



2,1 MILHÕES DE UNIDADES NOS PRIMEIROS DEZESSEIS DIAS

ines249

Sony PlayStation 5

2020



113 000 APARELHOS POR DIA

3,4 MILHÕES DE UNIDADES NO PRIMEIRO MÊS

Nintendo Switch

(portátil)

2017



91 000 APARELHOS POR DIA

2,74 MILHÕES DE UNIDADES NO PRIMEIRO MÊS

Fontes: *Aardmus, Nintendo e Sony*

ines249


JEAN REY/PHOTONONSTOP/AFP

CLÁSSICO O Game Boy original, lançado em 1989: pioneiro na categoria

bre a minúscula tela, a empresa criou uma linha robusta, que inclui o Game Boy Color, de 1998, e o DS, de 2004.

Com a chegada dos smartphones, porém, parecia que esse tipo de aparelho estava com os dias contados. A onipresença dos celulares, usados para o lazer e o trabalho e itens praticamente obrigatórios nos dias atuais, aliada à capacidade crescente dos processadores, fez com que muitos que nunca seguraram um controle de videogame na vida passassem o tempo com jogos digitais. Será que haveria espaço para um equipamento grandalhão focado apenas em games, se o celular já faz de tudo? O sucesso do Switch, nas duas versões, prova que sim. E a movimentação no mercado sugere que ser nicho aquecido.

Logo após o lançamento da Nintendo, a Microsoft apresentou o ROG Xbox Ally, um dispositivo que vai integrar a família de consoles da gigante da tecnologia. Feito em par-

ines249


DIVULGAÇÃO

CONCORRÊNCIA
O ROG Xbox Ally: aposta da Microsoft contra o Switch

ceria com a Asus, rodará todos os jogos do Windows e do ecossistema do Game Pass, o serviço de assinatura que dá acesso a centenas de títulos. "A entrada da Microsoft mostra que há, sim, um interesse crescente por esse formato", afirma Vicente Martin Mastrocola, professor de jogos digitais da PUC-SP. Há outros aparelhos do tipo. Nos Estados Unidos, o Steam Deck, da Valve, permite que jogos mais pesados sejam acessados de forma remota e dá entrada à enorme biblioteca de títulos da Steam, a maior loja digital de games do mundo. Embora não seja comercializado oficialmente no Brasil, é fornecido em lojas on-line por revendedores. Até a Tectoy, de origem nacional, lançou um equipamento parecido, o Zeenix, mas houve conturbação, o que culminou na saída da equipe de desenvolvedores da empresa.

O esforço da indústria está em dar mais opções aos jogadores. "Quem curte games quer ter um aparelho sempre à mão", diz Mastrocola. "O que os portáteis e os smartphones oferecem são momentos de consumo diferentes." No ônibus ou no metrô, o celular resolve. Em outras ocasiões, como em um voo mais longo, ou no sofá de casa, o portátil se sobressai. Só a diversão é que não pode parar. ■

ines249

MEMÓRIAS DO PALADAR

Elemento fundamental de identificação dos povos, a comida ajuda a preservar culturas e serve cada vez mais como ferramenta de resistência em meio a guerras

ANDRÉ SOLLITTO



PARTILHA Iftar, o desjejum dos muçulmanos: em Gaza, a comida dá força aos sobreviventes

ALI JADALLAH/ANADOLU/GETTY IMAGES

ines249

NO INÍCIO dos anos 1990, a Somália vivia uma crise sem precedentes. O então presidente Mohammed Siad Barre (1919-1995) havia sido derrubado pela oposição armada e o país mergulhou em uma guerra civil. Rebeldes tomaram as cidades próximas da capital, Mogadíscio, e os conflitos fizeram com que cada região fosse controlada por uma facção diferente em busca de poder. Nesse vácuo, os civis sofriam e eram mortos aos milhares. Muitos decidiram abandonar o país e tentar a vida em outro continente. É o caso da chef de cozinha Hawa Hassan, que saiu do país africano e viajou pela Europa até encontrar um novo lar nos Estados Unidos. Durante suas viagens, percebeu que as receitas de sua família tinham um enorme poder de manter vivos os laços com a terra natal. A partir de sua própria experiência como imigrante, ela expõe como a comida é ferramenta de resistência no recém-lançado livro *Setting a Place for Us* ("Criando um lugar para nós", ainda inédito no Brasil).

A obra resgata tradições e receitas de oito países, incluindo Egito, Iêmen, El Salvador e República Democrática do Congo. Ao avivar o vínculo entre comida, memória e cultura, também discorre sobre como uma reunião à mesa de jantar pode aproximar pessoas que se afastaram de suas terras de origem. "A comida é tanto um registro da agitação dos tempos de guerra quanto um talismã reconfortante de onde você veio e de quem você é", escreve Hawa Hassan. "É o laço que o une ao seu povo, onde quer que ele esteja".

ines249


ALVARO VICTOR/ISTOCK/GETTY IMAGES

DE ESFIHA A QUIBE Receitas árabes: legado popular dos imigrantes no Brasil

Em casos mais extremos, quando um povo ou cultura está sob contínuo ataque, a gastronomia se tornou uma arma para preservar identidades. Em Gaza, os sobreviventes do conflito entre Hamas e Israel lutam contra a fome e se reúnem para compartilhar pratos de lentilha e pães. Na Ucrânia, uma feira de produtos artesanais acontece em Lviv, na região oeste do país, mesmo sem uma trégua declarada. É a forma pela qual os produtores de bebidas, queijos, pães e outros alimentos valorizam técnicas e saberes tradicionais.

O movimento cruza oceanos. Em São Paulo, o restaurante Shakshuka resguarda a cultura culinária dos judeus da Líbia — mais de vinte anos depois de a comunidade ju-

ines249



RUSLAN LYTVYN/ISTOCK/GETTY IMAGES

RESISTÊNCIA Feira na Ucrânia: produção artesanal mesmo durante a guerra

daica ter sido forçada a abandonar o país norte-africano. No espaço localizado em Perdizes, bairro de classe média da capital da cidade, a proposta de Keren Ora Karman, uma das proprietárias, é oferecer receitas de sua mãe, Yaffa Admoni, adaptadas pela chef e sócia Erika Kaiser Mori. O carro-chefe é o prato que dá nome ao estabelecimento, preparado com ovos escalfados em molho de tomate e temperados com filfeltchuma, mistura de condimentos e pimentas típica da Líbia. A própria Yaffa aprova as receitas — embora sempre ache que falte picância.

Mesmo quando imigrantes não estão necessariamente fugindo de guerras, mas deixam seus locais de origem em busca de melhores condições de vida, a comida surge co-

ines249

mo elemento de conexão com as raízes. É o caso dos árabes que vieram para o Brasil ao longo do último século. Para eles, receitas tradicionais, da esfiha ao quibe, do hommus à coalhada seca, são artefatos culturais que mantém vivas suas lembranças. Prova saborosa disso está nas páginas de *Brimos à Mesa* (Fósforo Editora), livro recém-publicado pelo historiador e jornalista Diogo Bercito. “Para membros da terceira ou quarta geração de imigrantes, a comida é o único laço que resta com as origens. Muitos não falam árabe e nunca foram para o Oriente Médio, mas ainda fazem as receitas da família”, afirma o autor.

Enquanto alguns preparos são mantidos sem grandes alterações, outros foram modificados e ganharam toques locais, à brasileira. “Ver como os pratos se transformaram, adaptados às condições e aos ingredientes do nosso país, é um dos elementos mais fascinantes”, diz Bercito. Pela alma ou pelo paladar, a comida é memória viva, desafiando as guerras e o próprio tempo. ■

ines249

VESTIDAS PARA O SACRIFÍCIO

Não é de hoje que as mulheres sofrem para entrar em modelos antinaturais e incômodos para parecerem mais bonitas, elegantes e chamar a atenção. Vale mesmo a pena?

SIMONE BLANES

SUFOCO Kim Kardashian: a celebridade ficou praticamente sem respirar para caber no vestido metalizado de John Galliano

INSTAGRAM @KIMKARDASHIAN

ines249

É MEDIEVAL, embora tenha surgido no século XVI. Inicialmente usado para modelar o corpo feminino, afinando a cintura e elevando o busto, usado por baixo das roupas principais, o espartilho logo virou camisa de força. No século XIX, mais rígido e apertado, era modo de alcançar a chamada "cintura de vespa". Antes de ser abandonado, por representar um horror misógino, deu uma última pirueta ao emoldurar a Scarlett O'Hara de Vivien Leigh em *...E O Vento Levou*, de 1939, puxada e repuxada com violência calculada pela cuidadosa Mammy (Hattie McDaniel) até perder o fôlego e anunciar: "Quero estar linda".

Peça tão incômoda deveria sair de cena, definitivamente, a não ser para eventuais usos provocativos, aqui e ali, quem sabe na tela do cinema — mas não é que anda dando as caras? Explodiu, recentemente, nas redes sociais (e onde mais seria?) a revelação da faz-tudo Kim Kardashian, que no Met Gala de 2024 sofreu um bocado ao afinar a cinta a bordo de um modelo de John Galliano para a Maison Margiela. "Nunca senti tanta dor, era como se não conseguisse respirar", lembrou. Recentemente, em um baile promovido pela amfAR, entidade de apoio à pesquisa contra a aids, Marina Ruy Barbosa exibiu o ombro esquerdo roxo. A explicação: o esforço monumental e cruel para entrar e segurar um vestido de Olivier Rousteing, da Balmain, que pesava mais de 15 quilos.

Vale a pena? A depender do ponto de vista, sim. "Se ficou bonito, por que não?", indagou Kardashian. Zendaya

ines249

REPRODUÇÃO



PLATAFORMA Anos 1970: quem ficou em pé?

não escondeu de ninguém ter vestido um Thierry Mugler que a transformou em espantalho, sem conseguir se mexer, na pré-estreia de *Duna — Parte 2*, em troca de uns bons trocados, avaliados em 13,3 milhões de dólares em exposição midiática para a grife francesa. A trajetória da civilização (civilização?) mostra que esse tipo de problema não é exatamente novo. A imobilidade já foi postura para evidenciar a diferença entre a nobreza e o povo. Homens usavam gibões e casacos estruturados para estufar o peito, mas o peso do sofrimento sempre recaiu sobre as mulheres. Como bem definiu a historiadora de moda Va-

ines249

DIVULGAÇÃO



"VESPA" Espartilhos: símbolos de repressão em corpo feminino

lerie Steele, os corpetes e vestidos estruturados eram "o símbolo perfeito da repressão feminina encarnada na própria carne". Nos anos 1920, Coco Chanel propôs silhuetas mais soltas e tecidos leves, o que não impediu o mal-estar dos saltos plataforma nos bizarros anos 1970, e um outro topo de escravidão: o culto à imagem, à juventude eterna, ao corpo impecável, hoje sustentado por dietas absurdas, cintas modeladoras (olha aí elas de volta), Botox e preenchimentos.

A retomada da cintura fina é um manifesto ao avesso do bom senso da atualidade — ainda que ditas celebridades e

ines249

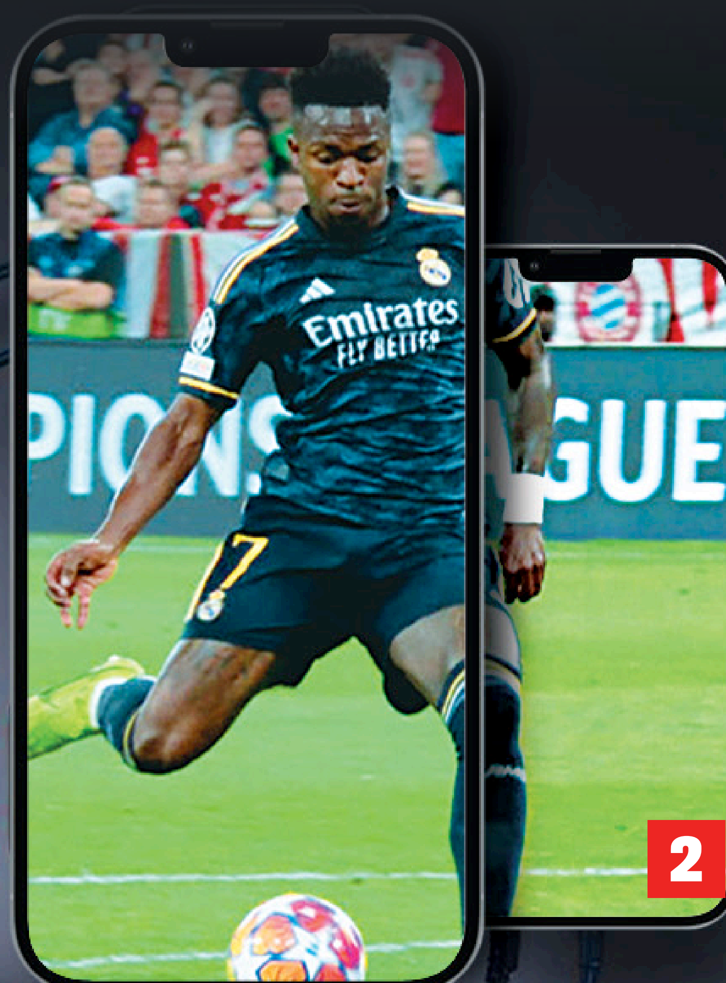
outras quase insistam em alegar algum direito de fazerem o que bem quiserem. É verdade, mas convém um pouco de atenção. O aperto em nome de alguma formosura, digamos assim, está na contramão. Alimenta o machismo, que deveria ser página virada. “Desde pequenas, meninas aprendem que para serem bonitas têm de sofrer”, diz a consultora de moda Manu Carvalho. Não é mais assim, felizmente, e para estar linda ninguém precisa se espremer como Scarlett O’Hara, porque o vento levou o desrespeito.

Revisitar a história da moda feminina deveria servir como alerta, não como inspiração para a repetição de práticas nocivas. A questão, a rigor, transcende o universo das capas de revistas e passarelas, vai muito além da efemeridade da internet. Trata-se de tentar entender como a sociedade contemporânea constrói e perpetua ideais de feminilidade. Cada vestido impossível, cada sapato que impede a caminhada, cada procedimento que promete juventude eterna refletem escolhas coletivas sobre o valor e o lugar da mulher no mundo. Em uma era que se pretende emancipada, a persistência desses rituais de sofrimento estético sugere que a verdadeira revolução ainda está por vir, há muita estrada pela frente, e ela não pressupõe dor. Não se trata de abolir o prazer estético, a beleza pela beleza, mas de questionar a chegada a um ponto inaceitável, para além do qual os prazeres se transformam em prisões que limitam a experiência feminina ao território do flagelo celebrado. Ninguém merece. ■

ines249

O JOGO DOS BILHÕES


1



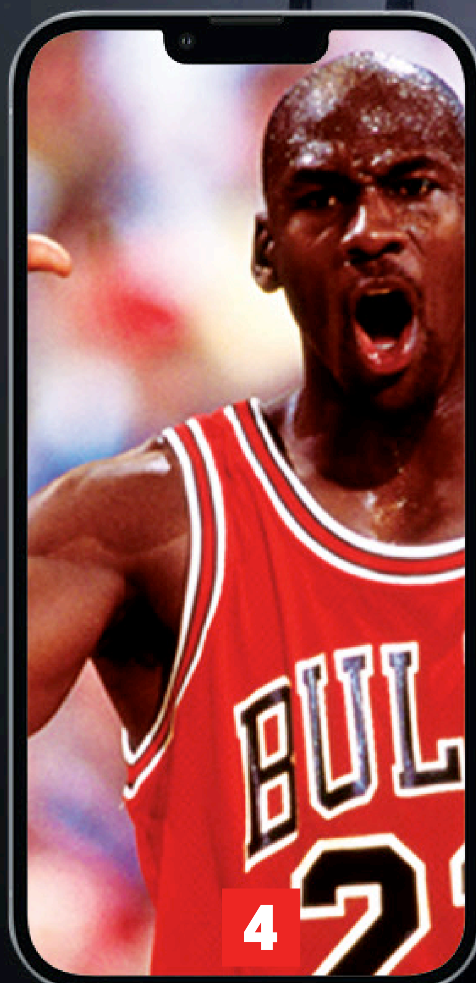
2

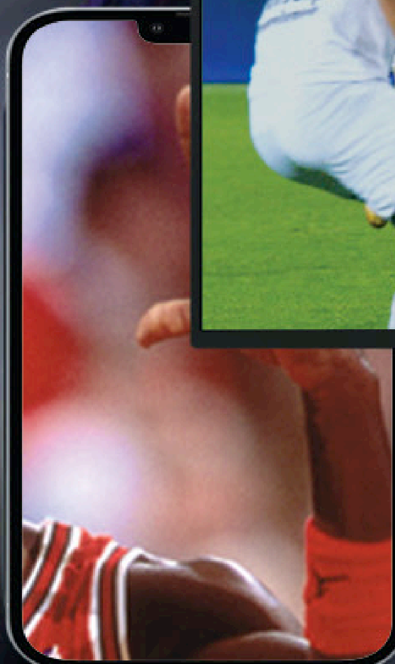


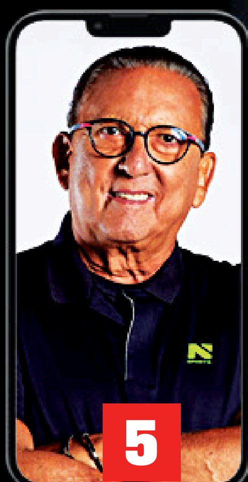
3



6

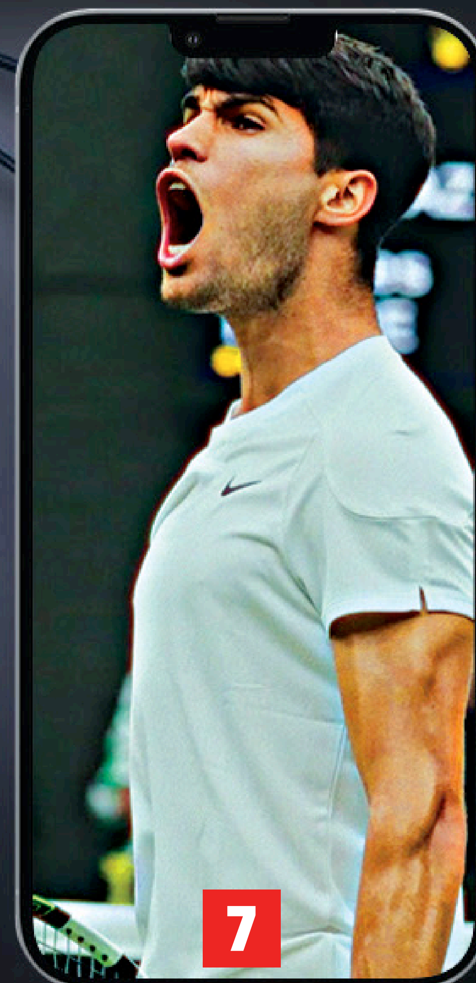

4

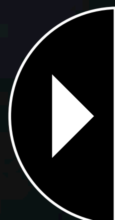



5






7



Na Copa do Mundo de Clubes, o streaming — com a CazéTV à frente — invade de vez o último bastião da TV aberta, as transmissões esportivas. É um fenômeno sem volta no mundo todo

AMANDA CAPUANO E **KELLY MIYASHIRO**

Em dezembro do ano passado, a DAZN, empresa inglesa de streaming esportivo, pagou a bagatela de 1 bilhão de dólares para ser a detentora dos direitos globais da nova Copa do Mundo de Clubes da Fifa. No Brasil, a empresa negociou o licenciamento com a Globo e a LiveMode, que gerencia a CazéTV — cada uma pagou o total estimado de 25 milhões de dólares, segundo valores que circulam no mercado publicitário (mas não confirmados pelas partes), para transmitir o torneio que acaba no domingo 13. O negócio é obviamente lucrativo, já que o futebol é acompanhado por mi-

1 A ginasta e campeã olímpica Simone Biles falou de saúde mental em doc da Netflix **2** Na mesma plataforma, Vini Jr. narrou sua trajetória da infância pobre ao êxito **3** Resenha de Casimiro Miguel com sua equipe na CazéTV **4** O jogador da NBA Michael Jordan em programa sobre sua carreira **5** Galvão Bueno, agora com um pé na TV e outro no streaming **6** Neymar Jr. jogando pelo PSG, em doc da Netflix **7** e o tenista Carlos Alcaraz, cuja vida dentro e fora das quadras também virou documentário

ines249

lhões de torcedores fanáticos e movimenta cifras altíssimas em publicidade. Mas não é só a bola rolando em campo que atrai as plataformas de streaming. Modalidades como automobilismo, ginástica, tênis e basquete têm se provado um trunfo para serviços como Netflix, HBO Max, Disney+ e Prime Video. Um investimento de olho no arisco público masculino, que é fiel ao esporte — mas nem tanto às novelas e séries.

Essa movimentação provocou uma mudança de comportamento nos consumidores esportivos. Foi-se o tempo em que bastava ligar a TV na Globo para assistir a todas as partidas do seu time favorito. Com o streaming, os direitos de transmissão se pulverizam de modo radical, fazendo com que os torneios se espalhem entre TV aberta, canais por assinatura e plataformas como a CazéTV — fundada pelo streamer Casimiro Miguel, que se profissionalizou e tem hoje mais de 21,5 milhões de inscritos no YouTube, além de parcerias com Prime Video e Disney+.

A concorrência voraz pelo último bastião da TV aberta que faltava ser invadido pelo streaming se escancarou com o Mundial de Clubes. Se o padrão da Globo ainda fisga o público mais tradicional, 83% dos espectadores da CazéTV têm menos de 44 anos e consomem conteúdo fora de casa, por dispositivos móveis — além de buscar a “resenha” descontraída de Casimiro e seus amigos, que falam palavrões e gírias ao vivo. A derrota do Flamengo para o Bayern de Munique no domingo 29 atingiu pico de 5,6 milhões de dis-

ines249



NETFLIX

SEM FREIO Cena do reality *Drive to Survive:* bastidores da Fórmula 1 na Netflix

positivos. "Juntamos conteúdo de primeira e a linguagem de influenciadores, e o resultado é uma conexão diferenciada com os fãs", diz Sergio Lopes, CEO da LiveMode.

Essa força digital incomoda a Globo e leva a CazéTV a reivindicar inclusive novos métodos de aferição de audiência, sob o argumento de que a medição convencional da Kantar Ibope não capta seu alcance. Recentemente, a Kantar desenvolveu uma nova ferramenta de mensuração de audiência para transmissões esportivas, que utiliza uma metodologia parecida com a medição domiciliar da TV

ines249

BOLADA DE OURO

Os números estontenates por trás da invasão do esporte no streaming



10 BILHÕES

DE DÓLARES

FOI O APORTE GLOBAL DAS PLATAFORMAS EM DIREITOS DE TRANSMISSÃO EM 2024

257%

FOI QUANTO O INVESTIMENTO CRESCEU EM 5 ANOS

23%

É A ESTIMATIVA DA PARTICIPAÇÃO DOS STREAMINGS NO SETOR EM 2025

5,6 MILHÕES

DE DISPOSITIVOS VIRAM O JOGO DE FLAMENGO X BAYERN DE MUNIQUE, MAIOR PICO DE AUDIÊNCIA DA CAZÉTV NO MUNDIAL DE CLUBES

Fontes: *Relatório A Year of Sport 2024, da Ampere Analysis; YouTube Studio; CazéTV*

ines249

aberta — não capta, portanto, os dispositivos móveis, como celulares, tablets e computadores. Em resposta a essa ferramenta, a CazéTV lançou uma carta aberta ao mercado denunciando que a metodologia é atrasada e não acompanha os avanços tecnológicos — uma limitação que até mesmo a rival Globo admite. Por trás da disputa está o xis da questão nesse negócio: é com base na audiência que o mercado publicitário aloca suas verbas milionárias.

Não que a CazéTV já não esteja na rota dessa montanha de grana: a empresa fechou patrocínio com quinze grandes marcas, como Itaú e iFood, com cotas vendidas por no mínimo 1,5 milhão de reais cada. Os valores ilustram o tamanho do negócio: segundo o relatório *A Year of Sport 2024*, da Ampere Analysis, plataformas de streaming de todo o mundo gastaram, só no ano passado, 10 bilhões de dólares em direitos esportivos, 257% a mais que há cinco anos *(veja o quadro ao lado).* “Desde que iniciamos as transmissões esportivas no Brasil, em 2022, observamos um crescimento de audiência que nos levou a triplicar nossos direitos”, explica Louise Faleiros, head do Prime, que exibe também a Copa do Brasil e fechou acordo para exibir a liga de basquete americano, a NBA.

A paixão do brasileiro por futebol tem atenção especial dos streamings, mas eles também olham para outros mercados. Dona da ESPN, a Disney oferece uma série de campeonatos europeus, Libertadores, Copa Sul-Americana e Recopa, e ainda torneios de tênis e jogos da NFL. Na HBO

ines249

Max, da Warner, também detentora da TNT, está a cobiçada UEFA Champions League, além do Paulistão — ambos nas versões masculina e feminina. “Exibir um campeonato ou uma liga esportiva tornou-se diferencial competitivo”, diz Clara Volpi, da Warner Bros. Discovery Brasil. O sucesso das concorrentes fez a Netflix apostar no esporte: forte em documentários como o badalado *Drive to Survive*, que ajudou a reviver a Fórmula 1 no mundo, e produções sobre atletas como Neymar, Simone Biles e Vini Jr., a plataforma aos poucos se curva às transmissões ao vivo. No ano passado, fechou acordo de 150 milhões de dólares para exibir os jogos de Natal da NFL. Como resultado, registrou no último trimestre de 2024 um aumento de 19 milhões de assinantes, e as transmissões ao vivo seguem em ampliação: na sexta 11, exibirá uma luta de boxe e fechou recentemente contrato para exibir a Copa do Mundo Feminina de futebol.

Para além do estilo soltinho e conectado da CazéTV e cia. (que faz narradores da Globo parecerem dos tempos dos calhambeques), o streaming investe na outra mão: talentos da TV aberta se bandeiam para seu lado. Galvão Bueno, por exemplo, hoje é sócio da empresa N Sports e mantém um pé na TV e outro nas plataformas. “É natural que as novas gerações tenham maior familiaridade com o streaming, mas a TV tradicional ainda tem seu lugar cativo no cotidiano dos brasileiros”, disse Galvão a VEJA. O jogo dos bilhões está só começando. ■

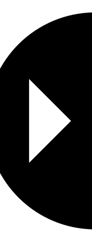
ines249

MUSA MODERNINHA

Após enfrentar maré negativa nas redes e lidar com síndrome rara, a atriz e roteirista Lena Dunham vê o fenômeno millennial *Girls* seduzir a geração Z e retorna em nova série da Netflix



CHEIA DE SI Lena nos dias de hoje: “Me esqueci que vencer é se proteger”



JASON MENDEZ/GETTY IMAGES

"ACHO QUE SOU a voz da minha geração. Ou uma voz de uma geração", gabava-se a protagonista Hannah ao final do primeiro episódio de *Girls*, da HBO, em 2012. A personagem, aspirante a escritora, estava sob efeito de chá de papoula e tentava convencer os pais a sustentá-la. A fala, claro, era uma piada sobre a jovem privilegiada agarrada à zona de conforto. Mas colou: a série caiu nas graças dos millennials. Com o sucesso, a atriz, roteirista e diretora Lena Dunham, então aos 25 anos, virou porta-voz dos anseios de sua faixa etária. Aos 39, treze anos após a estreia de *Girls,* aquela frase se mantém profética. A série é revisitada pela geração Z e ganhou até um podcast dedicado a seus episódios com dezenas de milhares de fãs. Não tardou para a Netflix notar a oportunidade de negócios. Assim nasceu o novo seriado ***Too Much,*** disponível a partir do próximo dia 10. Apostando alto, a plataforma também já comprou um longa de Lena com Natalie Portman por 55 milhões de dólares, previsto para 2027.

Seu triunfo tem gostinho de superação: logo após *Girls*, ela enfrentou uma maré negativa. Antes que o termo nepo baby virasse moda, Lena — filha de uma badalada fotógrafa nova-iorquina — foi acusada de não merecer sua posição. Nas redes, retrucava as críticas com postagens cômicas que geravam mais retaliação. Tudo piorou quando um trecho de seu livro *Não Sou Uma Dessas* foi tirado de contexto e ela se viu acusada de molestar a irmã (aos 7, Lena notou que a parente ainda bebê estava enfiando pedrinhas nas partes íntimas e alertou a mãe, diz no livro). Com o tempo, aprendeu a medir aquilo que é sua maior força: a franqueza.

ines249

NETFLIX



AUTOFICÇÃO Lena *(deitada)* e Meg Stalter em *Too Much:* comédia romântica

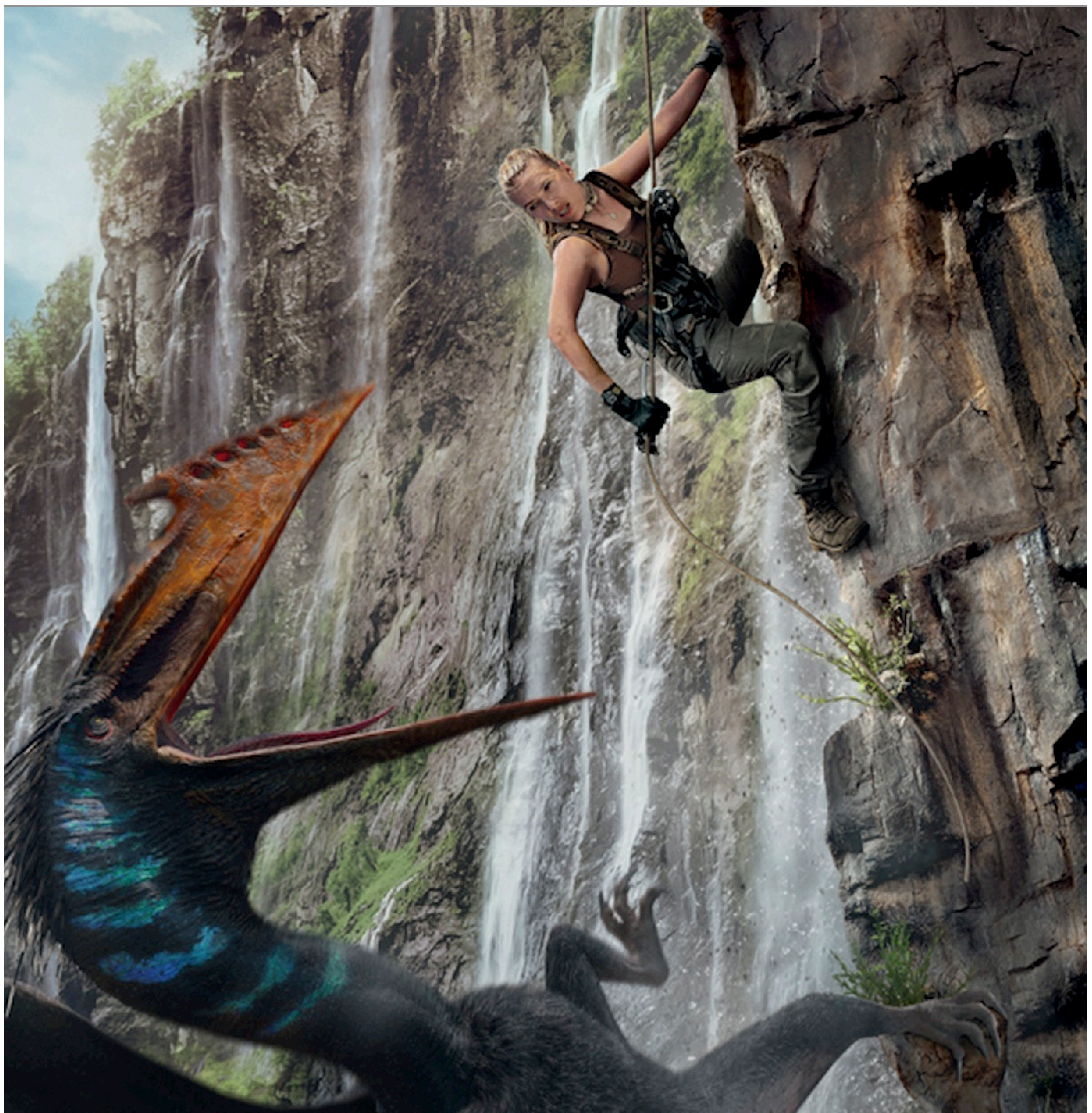
A trama de *Too Much* também é autoficcional. Em 2018, ela encerrou o namoro de cinco anos com o produtor Jack Antonoff e, em 2020, foi à Inglaterra dirigir o piloto de *Industry*. Lá, conheceu o atual marido. Algo similar acontece com Jess (Meg Stalter), que é transferida para Londres após um término de relacionamento e vive uma comédia romântica madura. Lena faz só um papel coadjuvante, decisão que surgiu da resignação, mas também do desejo de não ter o corpo dissecado. Desde 2019, ela é transparente sobre a síndrome de Ehlers-Danlos, que afeta sua mobilidade e a faz engordar. "Achava que vencer significava não se importar com o que os outros pensam. Me esqueci que vencer é se proteger e fazer o que é preciso para continuar a trabalhar", desabafou, certa vez. Dessa forma, a voz de duas gerações encontrou o equilíbrio. ■

Thiago Gelli

ines249

A EXTINÇÃO DO BRILHO

Sequência da trilha aberta pelo filme histórico, *Jurassic World: Recomeço* capricha em novos dinossauros, mas não consegue nem de longe o impacto do longa original **RAQUEL CARNEIRO**



UNIVERSAL PICTURES

MISSÃO IMPOSSÍVEL Scarlett e o monstro: trama sobre extinção e ganância



EM NOVA YORK, um engarrafamento irrita os motoristas no início do filme ***Jurassic World: Recomeço*** *(Jurassic World: Rebirth,* Estados Unidos, 2025), já em cartaz nos cinemas. A causa da lentidão no trânsito é a presença indesejável do último dinossauro saurópode que ainda vive na cidade — ele escapou do zoológico e acabou bloqueando parte de uma avenida, cansado e à beira da morte. O ser de pescoço longo e corpo colossal não causa deslumbre, mas incômodo: os animais pré-históricos deixaram de ser novidade desde que se espalharam pelo mundo no filme anterior, *Jurassic World: Domínio*, de 2022. Com dificuldade para se adaptar ao clima de hoje, os bichos encaram uma nova ameaça de extinção, ao menos nas avenidas das grandes cidades — algumas espécies sobrevivem em áreas isoladas em regiões tropicais. Uma ilha, próxima à Guiana Francesa, concentra várias delas — especialmente espécies híbridas desenvolvidas em um laboratório para lá de suspeito. Visitar o local é expressamente proibido e perigoso — e, claro, é lá que se passa a nova aventura da franquia.

Dirigido por Gareth Edwards, *Jurassic World: Recomeço* é o sétimo filme da saga iniciada em 1993 com o fenomenal *Jurassic Park — O Parque dos Dinossauros,* adaptação do livro de Michael Crichton por um Steven Spielberg no auge de seu brilho. O cineasta segue como produtor executivo da franquia, que até agora soma 6 bilhões de dólares em bilheteria. A ideia de “desextinguir”

ines249

DIVULGAÇÃO



PIONEIRO Steven Spielberg: clássico dos anos 90 ainda é o melhor

dinossauros e transformá-los em atração para turistas — os quais, por sua vez, acabam virando refeição dos bichões — foi um marco na história do cinema por sua originalidade e capacidade de mesclar efeitos práticos (com robôs animatrônicos) e digitais. Ali, Spielberg voltou a

cravar sua marca no filão de monstros, quase vinte anos após o sucesso de *Tubarão* (1975). O gênero frutífero não parou de crescer: King Kong, Godzilla e outros gigantes fantasiosos vira e mexe dão as caras nos cinemas, desafiando os humanos que se consideram os seres dominantes do planeta.

Mas a enorme competição obrigou os dinos a se adaptarem. No novo filme, os animais pré-históricos dividem a cena com aberrações genéticas, feitas em laboratório no intuito de criar atrações mais interessantes para o parque. Algumas figuras monstruosas são de causar arrepios (há até um horrendo "sapossauro"). A trama um tanto insólita parte de um executivo da indústria farmacêutica (Rupert Friend) que contrata a mercenária vivida por Scarlett Johansson e sua equipe para coletar material genético de três espécies gigantescas enquanto estão vivas na ilha proibida. O mapeamento do DNA será usado para desenvolver um medicamento para o coração que salvará milhares de vidas — e renderá trilhões de dólares. No caminho, o grupo se depara com uma família que velejava na região e foi atacada por um mosassauro — em seguida, a trupe vai dar de cara com o lagartão. O embate aquático é o ponto alto da produção, que depois despenca para sequências que beiram o risível. Ao trazer de volta o roteirista do primeiro filme, David Koepp, *Jurassic World: Recomeço* tenta um retorno às raízes. Nessa briga de gigantes, no entanto, o longa dos anos 1990 continua imbatível. ■

ines249



WALCYR CARRASCO

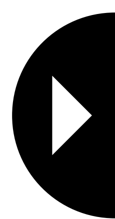
A NOVA OSTENTAÇÃO

O tempo, bem mais precioso de hoje, virou o diferencial dos ricos

OSTENTAR ERA desfilar com um relógio de ouro no pulso, um carrão importado ou postar foto do champanhe mais caro da carta e muitas vezes intragável. O rico clássico queria mostrar que tinha dinheiro. O rico de hoje quer mostrar que tem... tempo.

Sim, tempo! Aquela coisa etérea, invisível, que não se pendura no braço, nem se parcela em doze vezes no cartão. O tempo assumiu o papel que sempre mereceu. É um luxo. A nova elite não se gaba mais de ter três celulares tocando ao mesmo tempo; ela se ufana de passar o dia inteiro com o celular no modo avião. Não corre para o aeroporto; voa de jatinho, claro, e ainda chega atrasada de propósito, porque "não tem pressa". Vai para Bali numa terça-feira qualquer e, nos stories, escreve: "Acordei, fiz ioga, meditei, mergulhei com tartarugas. Agora vou dormir de novo". E você, lendo isso em um metrô apertado, quase saindo pela janela, pensa: "Essa pessoa venceu na vida".

Os ricos de agora têm tempo para tomar café da manhã sem ser em pé, com a boca cheia de pão e responden-



ines249

do a e-mails com o mindinho. Eles comem ovos mexidos feitos por um chef e dizendo coisas como: “A vida é feita de pausas”. Pausa, aliás, é uma palavra que virou mantra. Eles não almoçam correndo, almoçam como em um ritual. Prato fundo, guardanapo de linho, talher de prata herdado da avó francesa (mesmo que a avó seja dos cafundós do Judas). Tudo isso acompanhado de um vinho biodinâmico, produzido por monges trapistas, em seu contínuo silêncio absoluto. Tempo virou sinônimo de refinamento. Quem tem tempo, tem paladar. Quem não tem, toma café em cápsula e almoça no WhatsApp. Os ricos modernos não dizem mais: “Estou atolado de trabalho”. Eles dizem: “Estou dedicado a meu projeto de autoconhecimento”. Que, traduzindo, é: “Passei a semana toda na Chapada dos Veadeiros, deitado em uma rede, tomando kombucha artesanal”.

“A nova elite não se gaba mais de ter três celulares; ela se ufana de passar o dia com o celular no modo avião”

ines249

Enquanto isso, você troca de roupa no carro, engole uma coxinha murcha, segue para o terceiro job do dia. Tempo virou performance. “Acordei com o sol”, não porque a criatura tinha que bater o ponto, mas porque foi dormir cedo demais depois de relaxar na banheira com sal grosso. “Fiz uma caminhada descalço para aterrar”, e você aterrando o boleto no débito automático. Eles dormem oito horas por noite, frequentam terapeutas quânticos, fazem aulas de cerâmica, skincare e ainda dizem que estão “apenas tentando viver de forma mais simples”. Ah, tá.

Enquanto isso, quem dá duro no trabalho precisa de tempo até para pensar. Porque pensar também exige tempo. E aí está o ponto: o tempo, hoje, é o que separa quem pode viver de quem só sobrevive. Não é só o dinheiro que falta, é o direito de parar. De não correr. De ser, em vez de apenas fazer. No fim, quem tem tempo parece ter tudo. Inclusive tempo para postar que tem tempo. O que é o auge da ironia. E você aí lendo esta coluna entre uma reunião e a louça do almoço.

Respira.

Se você conseguiu parar para ler até aqui, já ostentou mais do que imagina. ■



ELI JOSHUA ADE/NETFLIX

IMORTAIS Charlize Theron (com machado) como Andy: uma heroína dura na queda que luta pela humanidade

TELEVISÃO

THE OLD GUARD 2 **(Estados Unidos, 2025. Disponível na Netflix)**

Quando a pandemia deu as caras, há cinco anos, o filme *The Old Guard* — blockbuster lançado diretamente no streaming — surgiu como um refresco para o confinamento. Baseado numa graphic novel de mesmo nome, ele conta a história da melancólica Andy (Charlize Theron), imortal que luta ao lado de mercenários para salvar o mundo — até que eles próprios são caçados para que seu DNA seja replicado em humanos comuns. Figurinha carimbada em filmes de ação como *Mad Max: Estrada da Fúria* e *Atômica,* Charlize retorna nessa segunda parte para enfrentar Discord (Uma Thurman), a primeira das imortais, que caça Andy por defender humanos. Divertido e com direito até a duelo de espadas, *The Old Guard 2* se firma como aposta da Netflix em criar uma franquia de ação para chamar de sua.

ines249

CINEMA

HOT MILK **(Austrália/Grécia/Reino Unido, 2025. Em cartaz no país)**

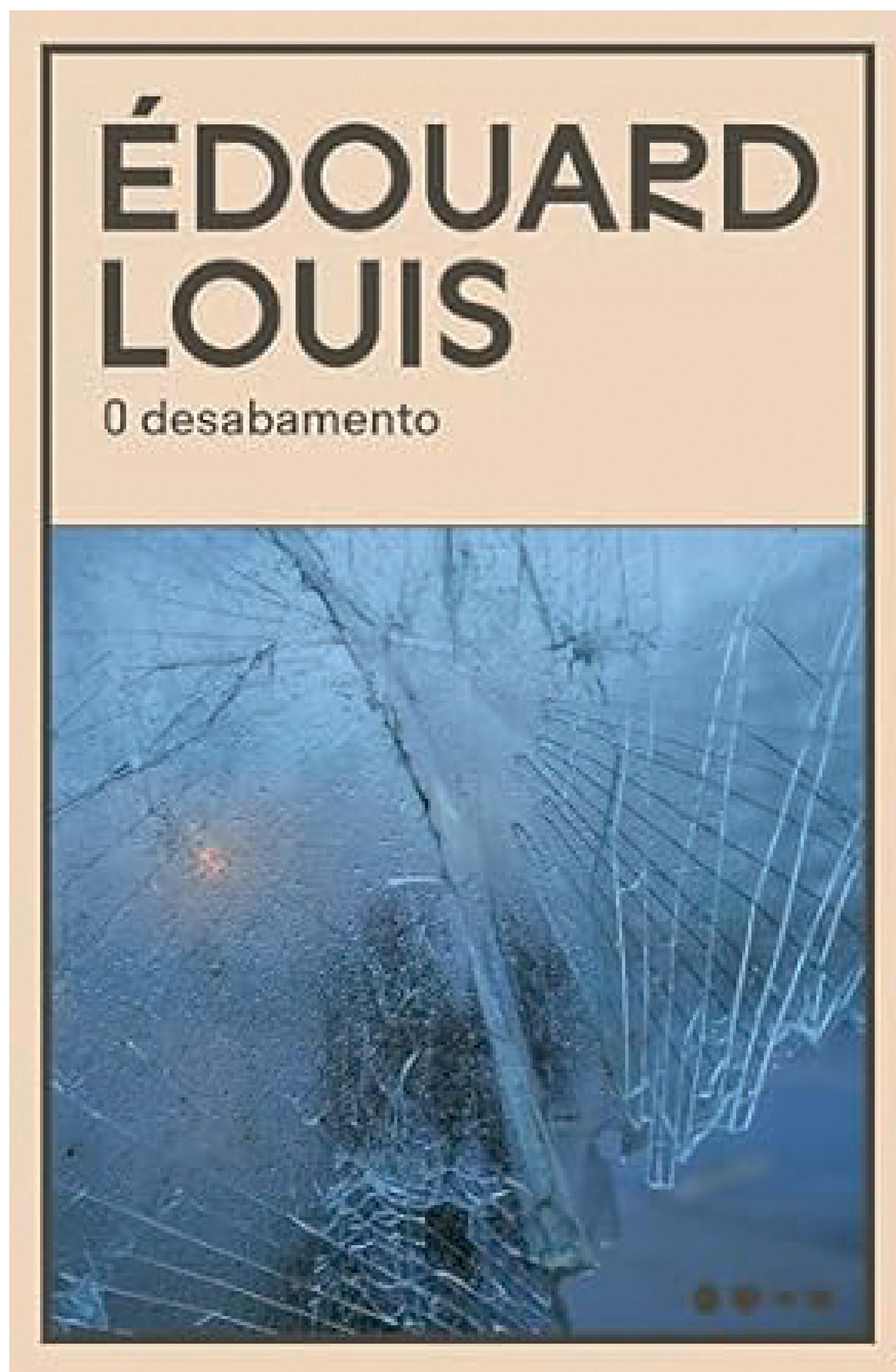
Rose (Fiona Shaw) passou por diversos médicos e nenhum soube explicar que doença a tornou paralítica na vida adulta. Há quem diga que é algo psicossomático. Em busca de novas respostas, ela vai com a filha e cuidadora Sofia (Emma Mackey) à Espanha para se consultar com um curandeiro. Por lá, Sofia conhece uma mulher sedutora e misteriosa (Vicky Krieps) — romance que vai deixar ainda mais tensa a já complicada relação entre mãe e filha. Baseado no romance de Deborah Levy, o filme de suspense observa até que ponto a fidelidade aos familiares codependentes resiste ao desejo de ruptura por uma vida sem amarras.



O2 PLAY

THRILLER Vicky e Emma no filme: romance permeia relação familiar complexa

ines249



LIVRO

O DESABAMENTO,

de Édouard Louis (tradução de Marilia Scalzo; Todavia; 168 págs.; R$ 69,90 e R$ 54,90 em e-book)

Édouard Louis não sentiu nada quando soube que seu irmão morreu. A notícia, como diz o jovem autor-prodígio francês em seu novo romance, soou mundana como a previsão do tempo. Porém, como faz com toda a família em sua obra, Louis busca olhar para a história do irmão de forma transversal, procurando entender as raízes de seu sofrimento, sua personalidade agressiva e seu vício no álcool. Conversando com ex-namoradas e sobretudo com sua mãe, ele reúne fragmentos de memória que humanizam um personagem incômodo. ■

ines249

FICÇÃO



1 **UM AMOR PROBLEMÁTICO DE VERÃO**
Ali Hazelwood [0 | 1] ARQUEIRO

2 **A HORA DA ESTRELA**
Clarice Lispector [1 | 26#] ROCCO

3 **VERITY**
Colleen Hoover [3 | 164#] GALERA RECORD

4 **A EMPREGADA**
Freida McFadden [5 | 53#] ARQUEIRO

5 **AMOR, TEORICAMENTE**
Ali Hazelwood [0 | 4#] ARQUEIRO

6 **JANTAR SECRETO**
Raphael Montes [4 | 20#] COMPANHIA DAS LETRAS

7 **A METAMORFOSE**
Franz Kafka [0 | 3#] VÁRIAS EDITORAS

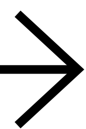
8 **CASAS ESTRANHAS**
Uketsu [7 | 4] INTRÍNSECA

9 **NUNCA MINTA**
Freida McFadden [0 | 17#] RECORD

10 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [0 | 134#] RECORD

ines249

NÃO FICÇÃO





1 **A ARTE DA GUERRA**
Sun Tzu [1 | 141#] VÁRIAS EDITORAS

2 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [2 | 91#] VÁRIAS EDITORAS

3 **EU SÓ EXISTO NO OLHAR DO OUTRO?**
Ana Suy e Christian Dunker [3 | 5] PAIDÓS

4 **BIBLIOTECA ESTOICA – GRANDES MESTRES**
Vários autores [8 | 55#] CAMELOT

5 **A GERAÇÃO ANSIOSA**
Jonathan Haidt [5 | 36#] COMPANHIA DAS LETRAS

6 **PRESSA DE FUTURO**
Rogério Godinho [0 | 3#] MATRIX

7 **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [6 | 92#] VESTÍGIO

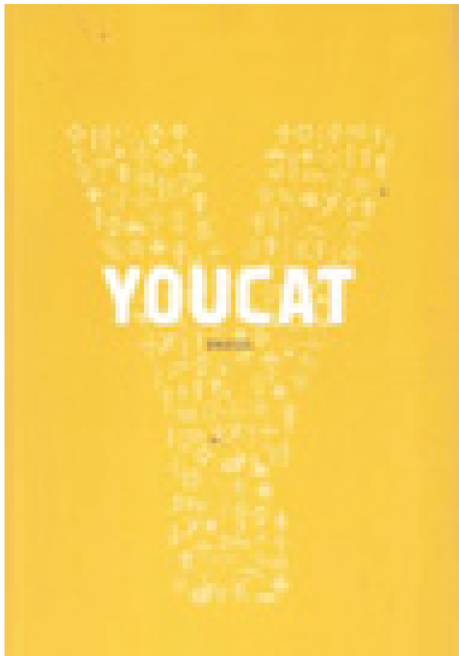
8 **TRINCHEIRA TROPICAL**
Ruy Castro [4 | 4] COMPANHIA DAS LETRAS

9 **O QUE NOS FAZ BONS OU MAUS?**
Paul Bloom [0 | 1] BESTSELLER

10 **O ANDAR DO BÊBADO**
Leonard Mlodinow [0 | 39#] ZAHAR

ines249

AUTOAJUDA E ESOTERISMO



1 **YOUCAT – CATECISMO JOVEM DA IGREJA CATÓLICA** Fundação Youcat [0 | 1] PAULUS

2 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [2 | 68#] ROCCO

3 **O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE**
Paulo Vieira [0 | 107#] GENTE

4 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [7 | 97#] ALTA LIFE

5 **PAI RICO, PAI POBRE**
Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [0 | 124#] ALTA BOOKS

6 **A MORTE É UM DIA QUE VALE A PENA VIVER**
Ana Claudia Quintana Arantes [5 | 28#] SEXTANTE

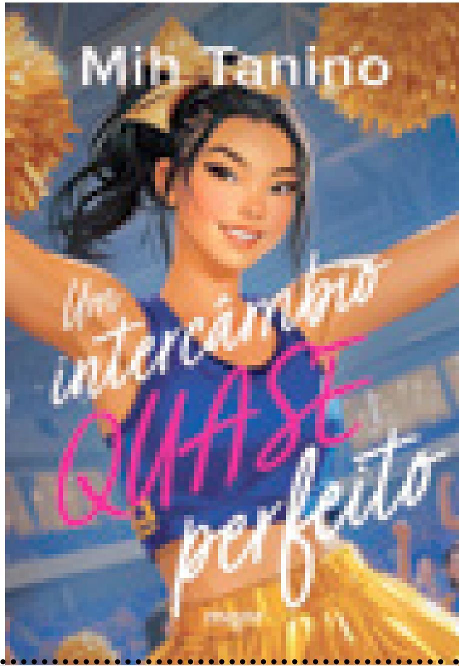
7 **COMO FAZER AMIGOS E INFLUENCIAR PESSOAS** Dale Carnegie [9 | 70#] SEXTANTE

8 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [6 | 81#] HARPERCOLLINS BRASIL

9 **CAFÉ COM DEUS PAI 2025**
Junior Rostirola [8 | 37#] VÉLOS

10 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [10 | 207#] HARPERCOLLINS BRASIL

INFANTOJUVENIL



1 **UM INTERCÂMBIO QUASE PERFEITO**
Mih Tanino [0 | 12#] MAQUINARIA EDITORIAL

2 **MELHOR DO QUE NOS FILMES**
Lynn Painter [2 | 54#] INTRÍNSECA

3 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [4 | 472#] VÁRIAS EDITORAS

4 **NÃO É COMO NOS FILMES**
Lynn Painter [6 | 18#] INTRÍNSECA

5 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [3 | 469#] ROCCO

6 **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA**
Maidy Lacerda [9 | 44#] OUTRO PLANETA

7 **CORALINE**
Neil Gaiman [0 | 97#] INTRÍNSECA

8 **DIÁRIO DE PILAR NO MÉXICO**
Flávia Lins e Silva [0 | 1] PEQUENA ZAHAR

9 **DIÁRIO DE UM BANANA**
Jeff Kinney [0 | 56#] VR

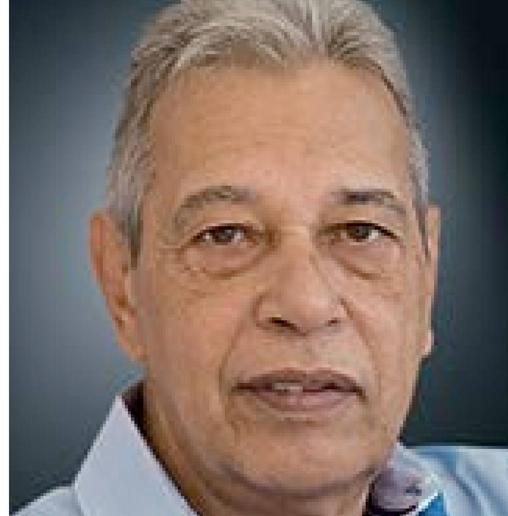
10 **AS AVENTURAS DE MIKE**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [0 | 48#] OUTRO PLANETA

ines249

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo /** Fontes: **Ananindeua:** Leitura; **Aparecida:** Paulus; **Aracaju:** Escariz, Paulus; **Balneário Camboriú:** Curitiba; **Barueri:** Travessa; **Belém:** Leitura, Paulus, SBS, Travessia; **Belo Horizonte:** Disal, Jenipapo, Leitura, Paulus, Livraria da Rua, SBS, Vozes; **Bento Gonçalves:** Santos; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Curitiba; **Boa Vista:** Paulus; **Brasília:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Cabedelo:** Leitura; **Cachoeirinha:** Santos; **Campina Grande:** Leitura, Paulus; **Campinas:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Paulus, Vozes; **Campos do Jordão:** História sem Fim; **Campos dos Goytacazes:** Leitura; **Canoas:** Mania de Ler, Santos; **Capão da Canoa:** Santos; **Caruaru:** Leitura; **Cascavel:** A Página; **Cássia:** Livraria da Praça; **Caxias do Sul:** Paulus; **Colombo:** A Página; **Confins:** Leitura; **Contagem:** Leitura; **Cotia:** Paulus, Prime, Sapiências, Um Livro; **Criciúma:** Curitiba; **Cuiabá:** Paulus, Vozes; **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, Paulus, SBS, Vozes; **Embu das Artes:** Livra Livros; **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Paulus; **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Paulus, Vozes; **Foz do Iguaçu:** A Página; **Frederico Westphalen:** Vitrola; **Garopaba:** Navegar; **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Paulus, SBS; **Governador Valadares:** Leitura; **Gramado:** Mania de Ler; **Guaíba:** Santos; **Guarapuava:** A Página, Paulus; **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS; **Ilhabela:** Canoa; **Ipatinga:** Leitura; **Itajaí:** Curitiba; **João Pessoa:** Leitura, Paulus; **Joinville:** A Página, Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura, Paulus, Vozes; **Jundiaí:** Leitura; **Lins:** Koinonia; **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila; **Macapá:** Leitura; **Maceió:** Leitura, Paulus; **Manaus:** Paulus; **Maringá:** Curitiba; **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura; **Natal:** Leitura, Paulus; **Niterói:** Blooks, Ponte; **Palmas:** Leitura; **Paranaguá:** A Página; **Pelotas:** Vanguarda; **Petrópolis:** Vozes; **Poços de Caldas:** Livruz; **Ponta Grossa:** Curitiba; **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Paisagem, Paulus, Taverna, Santos, SBS; **Porto Velho:** Leitura; **Recife:** Disal, Leitura, Paulus, SBS, Vozes; **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Paulus; **Rio de Janeiro:** Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, Paisagem, SBS; **Rio Grande:** Vanguarda; **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Paulus, SBS; **Santa Maria:** Santos; **Santo André:** Disal, Leitura, Paulus; **Santos:** Loyola; **São Bernardo do Campo:** Leitura; **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila; **São João de Meriti:** Leitura; **São José:** A Página, Curitiba; **São José do Rio Preto:** Leitura, Paulus; **São José dos Campos:** Amo Ler, Curitiba, Leitura; **São José dos Pinhais:** Curitiba; **São Luís:** Hélio Books, Leitura, Paulus; **São Paulo:** Aigo Livros, A Página, B307, Círculo, CULT Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Paisagem, Paulus, Perdizes, Santuário, SBS, Simples, Selecta, Vida, Vozes, WMF Martins Fontes; **Serra:** Leitura; **Sete Lagoas:** Leitura; **Sorocaba:** Paulus; **Taboão da Serra:** Curitiba; **Taguatinga:** Leitura; **Taubaté:** Leitura; **Teresina:** Leitura; **Uberlândia:** Leitura, Paulus, SBS; **Umuarama:** A Página; **Vila Velha:** Leitura; **Vitória:** Leitura, Paulus, SBS; **internet:** A Página, Amazon, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Travessa, Vanguarda, WMF Martins Fontes

ines249



JOSÉ CASADO

O PT SEM LULA

O FIM DA ERA Lula está induzindo o Partido dos Trabalhadores a um inédito debate sobre o próprio futuro. Quatro candidatos disputam a presidência do PT na eleição deste fim de semana. Eles convergem na certeza de que é preciso definir um novo rumo. Divergem sobre qual deve ser o caminho.

PT sem Lula nas urnas é uma perspectiva quase inimaginável para gerações de petistas que atravessaram os últimos 45 anos cultuando-o como fundador, líder e candidato presidencial permanente.

Visto da encruzilhada, o horizonte parece difuso aos candidatos. Sobram dúvidas sobre o significado da palavra governabilidade num cenário político novo, de desidratação da Presidência da República e concentração de poder no Congresso.

Discretamente apoiado pelo governo, o sociólogo Edson Silva, 60 anos, ex-prefeito de Araraquara (SP), cumpre um roteiro de moderação no embate pelo destino partidário. “Não adianta só criticarmos o que está aí”, tem repetido nas reuniões internas. “Precisamos ter a nossa proposta de segurança pública, estabelecer a democracia direta no

ines249

partido e fixar um limite de mandatos para promover a transição geracional no PT."

O partido se meteu numa "encalacrada" com a política de alianças eleitorais, acha Rui Falcão, 81 anos, deputado federal paulista que já presidiu o PT por três vezes: "A derrota no Congresso, com a revogação do aumento do imposto sobre operações financeiras, revela claramente que um grande bloco conservador está se formando contra o governo Lula, incluindo os partidos da base aliada, para derrotá-lo ou forçar a rendição, obrigando-nos a cumprir sua agenda de ajuste fiscal em cima dos mais pobres".

Seguir com a política de alianças, acha, pode levar a um desastre. "É caminho para o suicídio", argumenta. "Precisamos de novo rumo, de mudança real, porque já são evidentes os sinais de esgotamento e de falência da atual linha política. Se a gente abrir mão dos princípios fundadores em nome de um eleitoralismo vulgar, vamos perder o nosso partido como acontece com o PSDB, guardadas as diferenças, a cada dia mais irrelevante e em extinção. Vamos sofrer não só derrotas eleitorais, mas derrotas políticas de longa duração. O Tarcísio de Freitas e seguidores estão aí na espreita; se continuarmos nessa modorra, nessa acomodação, vamos perder a eleição."

Há meses em campanha pela presidência do PT, Romênio Pereira, 65 anos, secretário de Relações Internacionais, calcula ter visitado quase 1 000 cidades. O que viu e ouviu resumiu da seguinte forma, em debate na semana passada:

ines249

"Há certeza de que o partido precisa de um novo rumo. Mas qual é o caminho?"

"Ou o governo muda ou o povo muda de governo".

No governo "tem muito puxa-saco", diz Pereira, e no partido "falta coragem de apontar os caminhos e dizer as verdades que precisam ser ditas". Dois terços da vida dedicados ao PT ensinaram a reconhecer sinais de derrota, disse a uma plateia de petistas na semana passada. "Um deles é quando até o café chega frio. Por isso, precisamos mudar rápido, muito rapidamente. Vejam bem, vou dar um exemplo: um dos principais espaços desse governo é a Caixa Econômica Federal, e ela está entregue ao Arthur Lira *(ex-presidente da Câmara).* É isso que vocês queriam? É isso que vocês imaginavam? Nós temos que dizer para o governo: 'Tá errado'. Tem que chamar os partidos que estão no governo e dizer que ou vota com ele ou vai para casa. Do jeito que está desanima, e a militância está desanimada, como se viu na manifestação de 1º de Maio."

Para Valter Pomar, 58 anos, que tenta migrar da direção nacional para a presidência do partido, se erros e insuficiências se acumulam é porque "essa política de frente ampla está dando errado". Em debate, relembrou perdas

ines249

recentes: “Nos derrotaram na eleição de 2024, aqui em São Paulo; nos derrotaram na batalha do Pix; nos derrotaram na batalha do INSS; nos derrotaram no Banco Central, onde, como ouvi um companheiro falar, o ‘menino de ouro’ virou o ‘bezerro de ouro’; e nos derrotaram agora numa votação *(do IOF)* por 383 a 98. É óbvio que não há 383 fascistas na Câmara. É óbvio que essa derrota veio da direita ‘gourmet’, do Centrão e de uma substancial parte da base do nosso governo. O que eu sinto sinceramente na atitude de um setor do partido é falta de vontade de derrotar os nossos inimigos, uma absolutização da negociação, uma absolutização da conciliação. E é isso que nos levou a erros. É isso que levou a ter esse ‘bezerro de ouro’ no Banco Central. É isso que levou à crença no Hugo Motta. É isso que tem que acabar.”

Organizar o Partido dos Trabalhadores para a etapa pós-Lula talvez seja desafio maior do que foi criar o PT 45 anos atrás. ■

■ **Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de** VEJA

ines249





UM EVENTO QUE UNE MARCAS E APAIXONADOS POR CARROS EM UMA EXPERIÊNCIA IMERSIVA ÚNICA



O QUATRO RODAS EXPERIENCE está de volta em Brasília, um local estratégico que conecta inovação, influência e oportunidade para as marcas do futuro. Consumidores de alto poder aquisitivo irão conhecer os lançamentos e participar de test drives em um ambiente feito para gerar negócios.

9 a 12 OUTUBRO

ARENA BRB, BRASÍLIA/DF

PARTICIPE

equipe.comercial@abril.com.br

QUATRO RODAS

ines249

SEMEAR SONHOS



Garanta seu ingresso!

CASACOR

AGENDA CASACOR 2025

Confira as datas das mostras pelo Brasil

27/05 A 03/08 – SÃO PAULO
01/06 A 27/07 – PARANÁ
29/06 A 10/08 – ITAPEMA | SC
08/07 A 07/09 – BAHIA
12/08 A 28/09 – MINAS GERAIS
13/08 A 12/10 – BRASÍLIA
19/08 A 12/10 – RIBEIRÃO PRETO
09/09 A 26/10 – RIO DE JANEIRO
16/09 A 26/10 – MATO GROSSO DO SUL
28/09 A 09/11 – FLORIANÓPOLIS | SC
02/10 A 16/11 – CEARÁ
03/10 A 23/11 – SERGIPE
04/10 A 30/11 – PERNAMBUCO

*Datas previstas sujeitas a alterações

PROAC SP · deca · Coral · BRB · duratex · BRASTEMP · PEUGEOT · Claro · portinari · natura BOTHÂNICA · TCL · NEOOH · veja · NOON · CULT SP · SP SÃO PAULO